

Reabilitar cidade a partir de um complexo industrial
Uma reflexão com base no Centro Vidreiro de Oliveira de Azeméis



Marco António Almeida da Costa
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura
Sob orientação da Professora Doutora Margarida Isabel Barreto Relvão Calmeiro
Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra
Departamento de Arquitetura | Dezembro 2017

Reabilitar cidade a partir de um complexo industrial

Uma reflexão com base no Centro Vidreiro de Oliveira de Azeméis

*“Quantas necessidades sem terreno e quantas ruínas sem necessidade?”
(Matos, 2005, p.29)*

Agradeço
à Professora Doutora Margarida Relvão,
aos meus pais e irmão, a quem dedico este trabalho,
à minha namorada,
e aos meus amigos.

SUMÁRIO

RESUMO	I
ABSTRACT	III
INTRODUÇÃO	V
1. ENQUADRAMENTO DO TEMA	
1.1 Património Industrial	3
1.2 Da reconversão do património industrial à regeneração urbana	11
2. O CENTRO VIDREIRO DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS	
2.1 Contextualização histórica e geográfica de Oliveira de Azeméis	19
2.2 A evolução da indústria do vidro na cidade	25
2.3 O Centro Vidreiro do Norte de Portugal. Dimensão territorial e social	35
2.4 O Centro Vidreiro atualmente	41
3. ESTUDO DE CASOS	
3.1 <i>Oliva Creative Factory</i>	59
3.2 Universidade da Beira Interior	75
3.3 <i>Lx Factory</i>	97
3.4 Reflexão crítica sobre os casos estudados	115
4. DA REFLEXÃO À ELABORAÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA PARA O CENTRO VIDREIRO	
4.1 Reflexão sobre a demolição da fábrica principal do Centro Vidreiro	123
4.2 Uma estratégia de intervenção para o atual Centro Vidreiro	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS	143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	151
CRÉDITOS DAS IMAGENS	171

RESUMO

Com a expansão das urbes para os territórios rurais, é recorrente assistir a uma gradual realocação de atividade e ao abandono de edifícios que outrora desempenharam um papel fundamental no desenvolvimento da cidade, como os antigos edifícios industriais.

Posto isto, o objetivo geral desta dissertação é refletir de que forma se pode reabilitar uma área urbana com base num complexo industrial devoluto, de modo a preservar a memória coletiva, a identidade do local e, assim, restituir o seu valor. Partindo deste princípio, o objeto de estudo é o Centro Vidreiro, situado em Oliveira de Azeméis, que operou desde 1926 até 2000.

A investigação é suportada pela análise de outros casos que permitam compreender de que modo podem os edifícios devolutos ser recuperados, de forma a contribuir para a dinâmica urbana da cidade. A partir do conhecimento adquirido, propõe-se uma estratégia para a reutilização do complexo do Centro Vidreiro.

Palavras – Chave: Património Industrial – Memória Coletiva – Identidade Coletiva – Reabilitação Urbana – Regeneração Urbana – Centro Vidreiro

ABSTRACT

With the expansion of cities to the rural areas, is often to attend a gradual relocation of activity and the abandonment of buildings that once played an important role in a city development, such as old industrial buildings.

Having said that, the main goal of this dissertation is to reflect how can an urban area be rehabilitated based on a deserted industrial complex, in order to preserve the collective memory, the local identity and so to restore its value. Based on this principle, the object of study is Centro Vidreiro, located in Oliveira de Azeméis, which operated from 1926 until 2000.

The investigation is supported by the analysis of study cases that allow to understand in what way derelict buildings can be recovered, in order to contribute to the urban dynamics of the city. From the knowledge acquired, it is proposed a strategy for reuse of the Centro Vidreiro complex.

Key-words: Industrial Heritage – Collective Memory – Collective Identity – Urban Rehabilitation – Urban Regeneration – Centro Vidreiro.

INTRODUÇÃO

A desindustrialização e o abandono dos complexos industriais apresentam um problema nos dias de hoje, quer pela degradação dos edifícios e das áreas onde se inserem, quer pela perda da memória e da identidade coletiva a que estão associados.

Posto isto, o objetivo geral desta dissertação passa por refletir, de que forma se pode reabilitar uma área urbana a partir da intervenção num complexo industrial devoluto, preservando a memória coletiva e a identidade do local. Deste modo, o antigo Centro Vidreiro, situado em Oliveira de Azeméis e devoluto desde o início do terceiro milénio, dá o mote para desenvolver esta reflexão.

A escolha deste complexo, enquanto problemática da minha investigação, parte da importância que a indústria do vidro e em particular este complexo, teve para o desenvolvimento da cidade de Oliveira de Azeméis. A perceção da falta de reconhecimento por parte das entidades responsáveis pela salvaguarda do património no Município, do valor deste património para a memória coletiva, suscitou a necessidade de repensar este complexo tornando-o novamente influente nas dinâmicas da cidade.

Neste sentido, surge a questão de investigação: pode a reabilitação de um complexo industrial devoluto potenciar o desenvolvimento de uma cidade, preservando a identidade e memória?

Para responder a esta problemática, os objetivos específicos consistem, primeiramente, em compreender a situação atual da cidade, assim como do complexo industrial em estudo. É, portanto, essencial analisar os planos que estão aprovados para a área, assim como determinar as consequências do fecho do complexo industrial. Posteriormente, através da análise de

outros casos, pretende-se perceber de que forma se pode reabilitar uma área urbana através de um complexo industrial, em prol do desenvolvimento da cidade. No seguimento desta análise, será apresentada uma reflexão e estratégia para o Centro Vidreiro. De forma a concluir como é que um complexo industrial devoluto pode potenciar o desenvolvimento de uma cidade.

A cidade é um organismo vivo, em constante evolução e transformação que se vai adaptando às necessidades dos seus cidadãos e hoje, indo ao encontro das diretivas internacionais que defendem a contenção da expansão urbana, tonar-se crucial reutilizar e funcionalizar as antigas áreas industriais do séc. XIX, abandonadas e devolutas. Estas áreas, detêm um enorme potencial, quer pela área que ocupam, quer pela sua centralidade, o que explica que, um pouco por toda a Europa, estas áreas tenham vindo a ser alvo de importantes intervenções de transformação urbana, introduzindo novas dinâmicas, económicas e sociais e revitalizando e regenerando as cidades. Como a transformação da área portuária de Londres (Prata, 2011, p. 51), ou a reconversão da central elétrica para albergar o Tate Modern, tornaram-se numa das maiores atrações turísticas e potenciaram o desenvolvimento da cidade (Barranha, 2009, p.8). Ou em Barcelona, o projeto 22@ Barcelona, revitalizou a economia e todas as infraestruturas públicas da cidade, com a preocupação da gestão dos recursos naturais e da sustentabilidade (Marques & Leite, 2007, p.5). Em Milão, a área industrial de Boavisa, tem vindo a ser transformada num grande centro de negócios onde se situam as grandes e médias empresas (Couch, Fraser & Percy, 2003, p.135).

Por outro lado, a transformação e a refuncionalização destas áreas antigas requer o reconhecimento e o entendimento da importância que estes espaços têm enquanto testemunho e marco de um período da evolução da tecnologia, da indústria e da história das cidades onde se inserem. Neste sentido, a intervenção nestes espaços pressupõe não apenas a sua reutilização e refuncionalização mas também a sua preservação enquanto património industrial.

Como alerta José Amado Mendes¹ hoje o património cultural, não se limita aos “monumentos clássicos e históricos, outros mais recentes e eventualmente menos carregados de «nobreza»” (Mendes, 1990, p.113), não são menos significativos, nomeadamente pela importância que têm para a construção da identidade e da memória coletiva. Para além de serem essenciais para

¹ José Amado Mendes doutorado em história Moderna e Contemporânea, pela Universidade de Coimbra e mestre em Ciências da Educação, pela Universidade de Austin. José Mendes é professor catedrático (aposentado) da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e colaborador da Universidade Autónoma de Lisboa.

compreender o dinamismo das cidades e as suas constantes transformações e referindo-se especificamente ao património industrial, acrescenta que é fundamental valorizá-lo (Ibidem). Embora por vezes o seu valor seja negligenciado, este património é um testemunho essencial da história de uma cidade e de uma sociedade e faz parte do palimpsesto que é a cidade atual (Corboz, s.d, p.27). Assim sendo, consideramos que se torna pertinente analisar como é que hoje se pode reutilizar e converter antigos edifícios industriais, em novos motores de desenvolvimento da cidade.

Como refere Rossa, “todo o território tem de ser usado com processos de continuidade e não de rotura” (2015, p.117). Por isso, este património industrial, inserido no território, tem de ser integrado nas estratégias de desenvolvimento da cidade, mas reconhecendo o seu valor como património, esta estratégia deve potenciar a preservação e a divulgação desse património. Deste modo, o passado torna-se ativo, parte do presente e fundamental para a construção do futuro. (Ibidem, p.106).

De forma a responder ao objetivo desta investigação, foi necessário recorrer à análise de outros casos que permitissem refletir acerca das questões relativas à reabilitação de um complexo industrial. O seu estudo permitirá compreender como pode ser preservada a memória coletiva, bem como as potencialidades da reabilitação de complexos industriais e as mais valias destas intervenções no contexto sociocultural e socioeconómico das cidades.

Neste sentido, os casos escolhidos correspondem a intervenções de reutilização que se tornaram uma mais valia para a coesão urbana, resolvendo os “vazios” deixados pelo processo de desindustrialização. Interessa assim analisar, a reconversão do edificado industrial, bem como as repercussões dessa intervenção.

Estas análises procuram compreender a estratégia adotada em cada intervenção. Todas estas intervenções envolveram a reabilitação de edifícios industriais e foram fundamentais para o desenvolvimento atual das cidades onde se inserem. Para tal, estudaram-se as intervenções de reutilização/ reconversão do Complexo Industrial da Oliva em São João da Madeira, das Fábricas de Lanifícios na Covilhã e da Companhia de Fiação de Tecidos Lisbonenses em Lisboa.

Para que haja uma coerência na forma de análise dos casos e uma uniformização de informação apresenta-se uma breve descrição do enquadramento do complexo na cidade, seguida do estudo da intervenção propriamente dita. No enquadramento aborda-se a localização do

complexo, a sua história e sua importância no desenvolvimento da cidade. Na análise à intervenção analisa-se a encomenda do projeto, as opções programáticas, as consequências do novo uso e a atuação perante as temáticas da memória e identidade.

Após a análise dos vários parâmetros nos diferentes casos de estudo torna-se possível interligar ideias, e criar um conjunto de princípios e regras que podem ser aplicadas a outros casos, como no caso do objeto de estudo.

Relativamente à metodologia, o processo de trabalho e investigação, iniciou-se com a pesquisa de fontes bibliográficas fundamentais para a compreensão de temas como património industrial, vazios urbanos, memória, reabilitação e renovação urbana para assim responder às questões levantadas pelos objetivos e também à questão de investigação.

A pesquisa bibliográfica estendeu-se à cidade de Oliveira de Azeméis com o intuito de demonstrar a importância da indústria do vidro na cidade. Posteriormente, foi também fundamental centrar a pesquisa em publicações periódicas, nomeadamente, jornais da época em que a fábrica operava e outras obras que revelam a importância que o Centro Vidreiro teve. Procedeu-se também a entrevistas a antigos operários, de modo, a contextualizar e relatar a história da fábrica. Por fim, tornou-se imprescindível a visita ao local com o objetivo de registar o estado atual do objeto e a sua envolvente.

O estudo dos casos passou pela pesquisa bibliográfica a fontes como jornais, revistas da época, para que se pudesse justificar a importância da indústria no desenvolvimento de cada uma das cidades. A visita aos espaços em questão desempenhou um papel essencial neste estudo, com o intuito de entender e comprovar o tipo de intervenções que foram feitas e quais os resultados. Deste modo, foi também possível entender como se preservou a identidade e a memória, assim como, através de conversas informais e entrevistas, perceber os benefícios da reconversão.

A dissertação desenvolve-se em quatro partes. A primeira parte apresenta um breve enquadramento teórico, incidindo nos conceitos de património industrial, reabilitação e regeneração urbana, e subdivide-se em dois subcapítulos: o património industrial e da reconversão do património industrial à regeneração urbana.

A segunda parte refere-se ao estudo do Complexo do Centro Vidreiro e da cidade onde se insere, por isso, este capítulo desdobra-se em quatro subcapítulos, onde se apresenta uma contextualização histórica e geográfica da cidade de Oliveira de Azeméis ; de seguida

apresenta-se a evolução da indústria do vidro na cidade; em sequência expõe-se toda a história do complexo e o desenvolvimento do mesmo; por fim, apresenta-se o complexo no seu estado atual e área envolvente próxima.

A terceira parte consiste no estudo de casos. Como referido anteriormente, analisam-se as intervenções efetuadas no Complexo Industrial da Oliva, nas Fábricas de Lanifícios da Covilhã e na Fábrica de Fiação e Tecidos Lisbonenses. Pretende-se fazer uma leitura e interpretação atenta dos processos, programas e resultados alcançados, com o intuito de procurar respostas às questões levantadas no capítulo anterior, nomeadamente, pelo estudo do Centro Vidreiro e respetivo contexto urbano, em Oliveira de Azeméis.

Na quarta e última parte, apresenta-se uma reflexão sobre o que poderia ter sido feito depois do encerramento do Centro Vidreiro e apresenta-se uma estratégia para o que resta do complexo, com o intuito de o integrar novamente nas dinâmicas da cidade e regenerar a área onde se insere.

Finalmente, como conclusão apresenta-se um conjunto de diretrizes que surgem como resposta à questão de investigação, com a finalidade de sintetizar o conjunto de reflexões efetuadas ao longo da dissertação.

Em suma, com a elaboração desta reflexão, espera-se revelar como a reabilitação de antigos complexos industriais podem contribuir para o desenvolvimento das cidades. Ainda que a estratégia apontada possa vir a inspirar a atuação e a reflexão do município de Oliveira de Azeméis relativamente ao aproveitamento do seu património e dos seus valores culturais.

ENQUADRAMENTO DO TEMA



1.1 Património Industrial

Antes de abordar diretamente o conceito de património industrial interessa, primeiramente, perceber o que foi a revolução industrial/industrialização e as suas consequências no território para que se perceba a importância dos atuais vestígios deste período.

A revolução industrial teve início no último quartel do século XVIII, em Inglaterra, e consistiu num processo de profundas transformações económicas, sociais e culturais, que tem sido associado à indústria, mas que na realidade, foi também uma revolução na agricultura, nos meios de transportes e comunicações, que originou um desenvolvimento sem precedentes (Goitia, 1996, p.155).

Esta revolução ao nível da indústria desencadeou-se, essencialmente, devido a uma mecanização nos processos de fabrico associado aos novos meios de produção, como a máquina a vapor. Que possibilitou o aumento da produção da indústria associado a um menor esforço humano, “com este procedimento surge uma nova forma de elaborar as mercadorias como soma descontínua de operações parciais dentro de um mesmo edifício, partilhando o mesmo espaço” (Folgado, 2005b, p.72). Esta nova racionalização dos processos de fabrico em que era atribuída determinada tarefa a cada operário permitiu criar uma atividade rotineira no processo de fabrico e melhorar o sistema de produção.

Por outro lado, a energia a vapor, veio revolucionar a organização das indústrias por permitir uma liberdade de localização que não era possível com as energias tradicionais como a energia hidráulica e a eólica. Assim sendo, a indústria invadiu as cidades, pois estas ofereciam terrenos de pendentes suaves, onde facilitava o crescimento das fábricas, bem como, melhores acessos

para importação e exportação (*Ibidem*, p.73).

Este surto de transformações não só ao nível da produção mas também dos transportes, em especial pela introdução do comboio permitiu às empresas crescer. O estabelecimento da indústria na cidade implicou o aumento de população e a expansão da cidade. O território vai-se desenvolvendo criando novos espaços de trabalho e de habitação, alguma construída pelas próprias indústrias.

Nos finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, surge uma nova energia a eletricidade. Esta nova energia permitiu a dispersão das fábricas dos centros das cidades. Deste modo, as indústrias sofrem uma nova reorganização territorial e passam a concentrar-se nas periferias das cidades, onde os terrenos têm um custo menor e melhores acessibilidades, criando novas áreas industriais.

No entanto, esta reorganização, bem como a evolução tecnológica levou ao encerramento de muitas fábricas. Os edifícios devolutos têm hoje uma forte presença no território e retratam a evolução da indústria e das cidades, são “a memória de interferências profundas e recentes na paisagem[...]” (Figueira & Milheiro, 2005, p.17).

Mas para além das marcas na paisagem este processo de evolução e tecnológico deixou marcas nas populações que aqui trabalharam e viveram, criando uma identidade e uma memória coletiva relacionada com a evolução da indústria e que está materializada nos seus edifícios.

Com efeito, as comunidades “[...] possuem uma memória colectiva que constitui parte essencial da sua identidade como grupo e cuja perda poderá causar graves perturbações. Sabe-se que esta memória colectiva constitui um quadro de referência fundamental para o equilíbrio psicológico necessário para reagir às mudanças que constantemente se prefiguram nas nossas cidades”. (Salgueiro, 1992, p. 388).

Deste modo, estes edifícios podem ser reconhecidos como um património que deve ser salvaguardado, como um testemunho de um período.

O conceito de património surge associado à ideia de legado, uma herança, que passa de pai para filho, mas remete também “às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e tempo.” (Choay, 2010, p.11). Durante o séc XX, o conceito foi sendo sucessivamente ampliado englobando não apenas os monumentos artísticos e

históricos mas também todos os bens, materiais e imateriais que constituem “os vestígios de atividade humana num determinado território, provenientes de uma determinada cultura, os quais constituem importantes fontes de informação sobre a vida e as atividades das pessoas ao longo dos tempo” (Silva, 2015, p.17). Neste sentido, passou a fazer sentido considerar-se também o património industrial que como refere Custódio “é uma das modernas criações do património cultural, constituído por bens culturais tangíveis e intangíveis dos séculos XVIII, XIX e XX (2014, p.84).

Este conceito segundo Deolinda Folgado “reflete valores de memória, antiguidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade [...] integra todos os bens resultantes de uma atividade produtiva ao longo de gerações” (2010, p.8). Segundo a carta de Nizhny Tagil:

o património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e maquinaria, oficinas, fábricas minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armaéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e toas as estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação. (TICCIH, 2003, artigo 1)

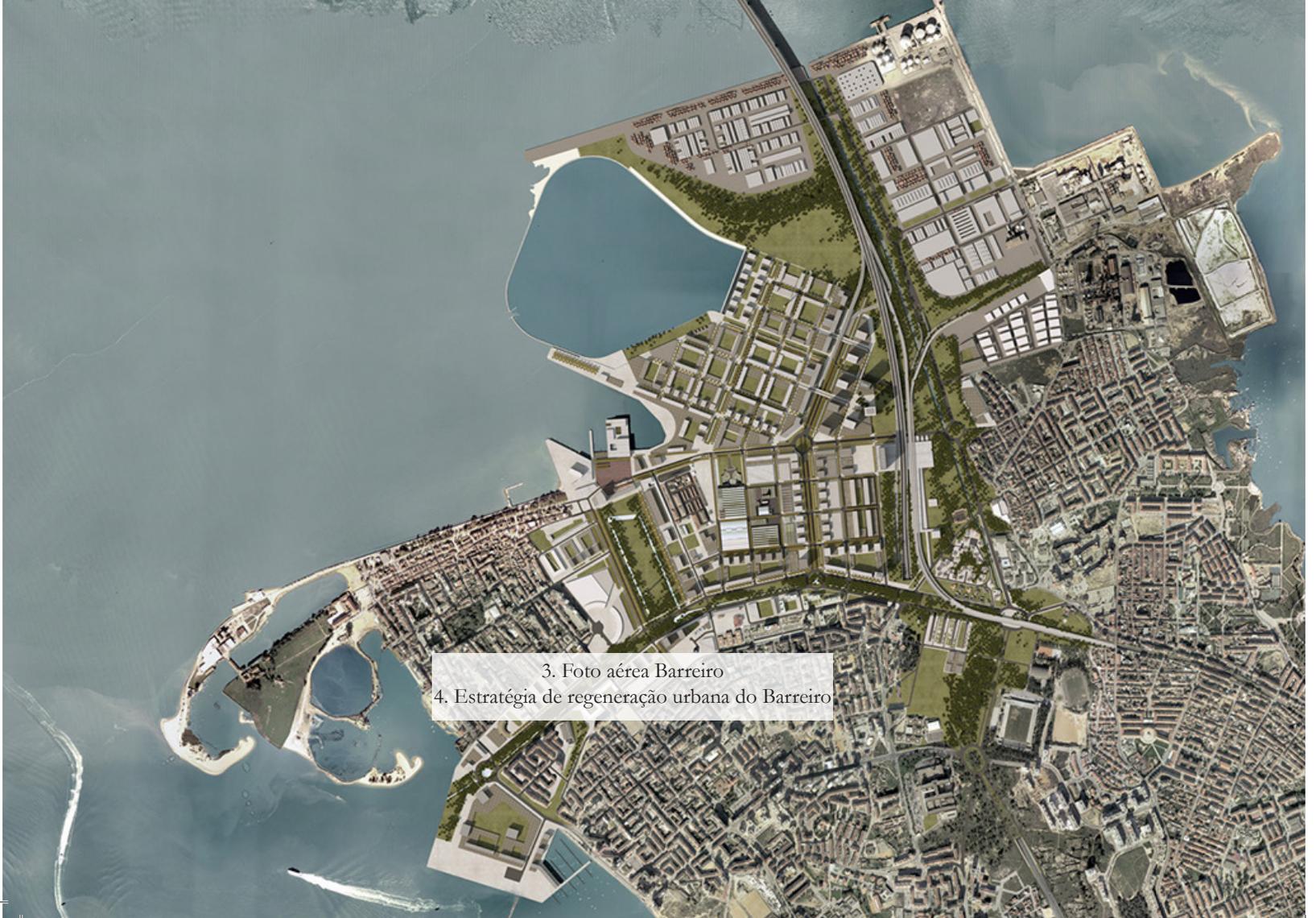
A necessidade de preservar estas infraestruturas para que elas retratem a evolução tecnológica e da sociedade tem sido cada vez mais defendida como forma de preservar a memória e a identidade local, pois como refere Merola “Preservar o património industrial é preservar a memória, a identidade de um edifício, a maquinaria, a atividade de uma população, região do país” (2003, p.38).

Kenneth Hudson refere ainda a importância de preservar os monumentos industriais “para [...] Dar às pessoas de hoje a oportunidade de experimentar os espaços de ontem” (Hudson citado por Mendes, 2003, p.27), e para isso é preciso não demolir estes espaços mas sim reaproveitá-los, pois a documentação histórica e registos através de livros, imagens, desenhos etc, não é suficiente para transmitir às gerações futuras o que foi a era industrial.

A necessidade de salvaguarda e reutilização do património industrial levou à criação da TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage) com o objetivo de divulgar, investigar e zelar pela conservação dos vestígios industriais. Estes bens foram também integrados nas ações de outras associações como a UNESCO. É de

evidenciar o contributo da carta de Nizhny Tagil, que sintetiza um conjunto de critérios e regras para atuar sobre este tipo de património, das quais destacamos a necessidade de:

Adaptar e continuar a utilizar edifícios industriais evita o desperdício de energia e contribui para o desenvolvimento económico sustentado. O património industrial pode desempenhar um papel importante na regeneração económica de regiões deprimidas ou em declínio. A continuidade que esta reutilização implica pode proporcionar um equilíbrio psicológico às comunidades confrontadas com a perda súbita de uma fonte de trabalho de muitos anos (Ibidem, p.11).



3. Foto aérea Barreiro
4. Estratégia de regeneração urbana do Barreiro

1.2 Da reconversão do património industrial à regeneração urbana

A deslocação das fábricas dos centros urbanos para as periferias, a mudança dos métodos de produção e a globalização contribuíram para que as antigas áreas industriais se tornassem espaços obsoletos e vazios. Deste processo de abandono e de não utilização, resultam os vazios urbanos, ou os *brownfields*, na malha urbana. Muitas das vezes, associados a esses espaços, existia a contaminação dos solos, por exemplo, pelas indústrias do minério e ainda a degradação da envolvente, o que conduzia assim a área a um ambiente e esquecimento tão marcados na paisagem.

Segundo Solá-Morales, estes são lugares estagnados, esquecidos e estranhos à cidade, onde a vivência diária já não passa por lá e, por isso, são externos à cidade e deixam de fazer sentido, mas, por outro lado, são espaços onde permanece a memória de um passado recente (1995, p.119).

Embora os vazios urbanos se encontrem desconexos da cidade envolvente, estes são espaços com potencial para serem apropriados e voltarem a fazer parte da cidade. Com este intuito, surgiram diversos projetos de reconversão, por toda a Europa, para integrar a memória da indústria e a identidade do lugar em si.

Estas intervenções de reconversão, passam normalmente pela refuncionalização dos edifícios existentes, atribuindo-lhes um novo uso e pela reabilitação dos edifícios. No entanto para lá da reabilitação do edifício importa pensar no seu contexto. A intervenção nestes espaços industriais desconexos da cidade pode ter um efeito multiplicado não só na sua envolvente mas em toda a cidade. Neste sentido a definição de uma estratégia para estes vazios urbanos,

não se deve limitar a estas áreas mas deve considerar o resto da cidade e as suas necessidades.

Por outro lado podemos definir regeneração urbana como o resultado de um conjunto de ações que conduzem à geração de novas dinâmicas urbanas. É o resultado de uma ação de reabilitação urbana integrada bem-sucedida, entendida como uma intervenção “[...] em que o património urbanístico e imobiliário é mantido, no todo ou em parte substancial, e modernizado através da realização de obras de remodelação ou beneficiação dos sistemas de infraestruturas urbanas” (2009, artigo 2). Criando ainda novas formas de emprego e reduzindo os problemas sociais existentes. (Couch, Fraser & Percy, 2003, p.1).

Para a regeneração acontecer, diversos fatores têm de ser tidos em conta, consoante os objetivos do projeto, da cidade em que se encontra e ainda do investimento feito sobre o mesmo. Importa também pensar na sustentabilidade da regeneração urbana, perante a escassez de recursos. Esta sustentabilidade resulta da preservação da cultura, e, do património industrial, mas também do desenvolvimento económico e social, ao criar emprego, formação e fomentar o desenvolvimento a partir da inovação tecnológica; do equilíbrio dos sistemas ecológicos e económicos, tendo em conta a eficácia e preocupação dos recursos; da melhoria da qualidade de vida e segurança para o bem-estar da sua comunidade; e, por fim, da oportunidade equitativa para todos os agentes e participantes promovendo a participação na construção do futuro da cidade. (Queirós, 2004, pp.6-7).

Portanto, a regeneração urbana “refere-se a ações conjugadas/integradas que claramente visem alterar os aspectos físicos e as dinâmicas sócio-económicas de uma área urbana, não fazendo sentido aplicar o termo à intervenção específica apenas numa parcela ou edifício. A regeneração urbana decorrerá sempre de um processo de reurbanização bem sucedido.”²

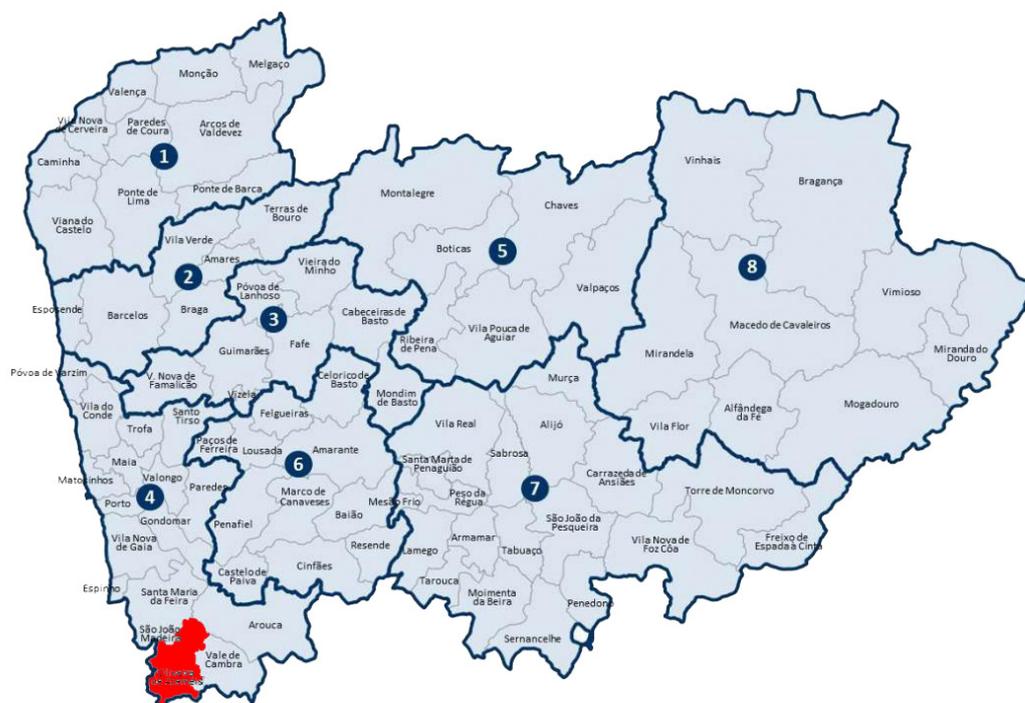
Porém, um novo conceito ganha forma, o da reurbanização, como algo abrangente que inclui todas as áreas que compõem o espaço urbano e a sua vivência.

Esta ação integrada permite, voltar a gerar urbanidade, e criar uma estratégia que promova o desenvolvimento a longo prazo, nos vários âmbitos da cidade, desde o espaço construído, ao social, ao económico. No entanto tem de ser uma ação continuada e ativa, que se articule com os vários agentes que atuam no território, ou seja, requiere um novo olhar perante o planeamento.

² Informação baseada em apontamentos de aula lecionada em 2011-2012 na disciplina de Cidade e Território II com o professor Walter Rossa.

Importa salientar a relevância do enquadramento do património industrial nas estratégias integradas de planeamento da cidade, num pensamento holístico, com o intuito de reintegrar estes vazios na cidade, e de forma a encará-los como elementos potenciadores do desenvolvimento sustentável tanto a nível cultural como socioeconómico. No fundo, indo ao encontro da ecologia urbana é preciso reciclar, reaproveitando, estes equipamentos industriais para lhes restituir o valor fundamental que outrora desempenharam no tecido urbano. Para lá do valor que tiveram no passado têm a potencialidade de se tornar uma peça chave do futuro.

O CENTRO VIDREIRO DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS



5. Mapa de localização de Oliveira de Azeméis

2.1 Contextualização histórica e geográfica de Oliveira de Azeméis

Entre a serra e o mar, ergue-se a cidade de Oliveira de Azeméis com um património histórico e cultural notável, envolvido por paisagens naturais, mas também com o seu lado industrial e a azáfama do ambiente urbano. (Santos, 2002, p.9).

O concelho de Oliveira de Azeméis, encontra-se situado no litoral da zona Norte de Portugal, a 220m de altitude, pertencendo à área metropolitana do Porto. Localiza-se entre a cidade do Porto e Aveiro, a 40 e 35km, respetivamente, limitado a norte pelos concelhos de São João da Madeira e Santa Maria da Feira, a Nordeste por Arouca, a Este por Vale de Cambra, a Sudeste por Sever de Vouga, a Sul por Albergaria-a-Velha, a Sudoeste por Estarreja e a Oeste por Ovar. Atualmente, é constituído por 12 freguesias. Estende-se assim por uma área de 163km² e conta com 68.611 habitantes, dos quais 20.760 residem na cidade de Oliveira de Azeméis (Rodrigues & Martins, 2003).

O município está inserido na bacia hidrográfica do Vouga, sendo atravessado por dois afluentes do mesmo, o rio Antuã, que nasce no Monte Alto e o rio Caima que nasce na Serra da Freita.

Existem documentos que provam a existência de povoações nesta área há 5000 anos, como machados de sílex e remetem para a idade da pedra polida. Bem como, os castros situados nas partes mais montanhosas que remetem para a existência de um povoado da idade do cobre e do ferro, ou ainda as mós encontradas em diversos lugares, que nos indicam a existência de uma civilização pré-romana que permanece até ao século IV (Um grupo de Oliveirenses, 1909, pp.1-3). Há ainda indícios de que entre o Douro e o Vouga existiram na pré-história



6. Oliveira de Azeméis na década de 30
7. Oliveira de Azeméis atualmente

duas cidades fortificadas designadas por Lancóbriga e Talábriga (Loureiro, 2017, p.128).

O termo de Oliveira de Azeméis data “[...] de cerca de 1185 e vem distingui-la de várias outras localidades também denominadas Oliveira, mas ainda destacá-la como espécie de interposto de mercadores que então se chamavam «Azemels»” (Santos, 2002, p.21).

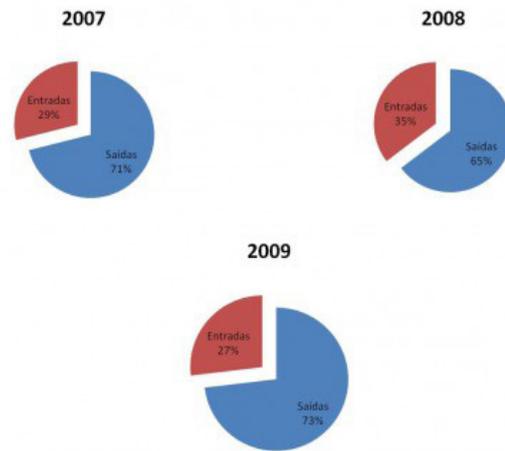
Oliveira de Azeméis começa a desenvolver-se a partir da agricultura, o que deu origem a uma paisagem urbana marcada pelo verde. Para lá da agricultura, possuía uma pecuária com a criação de gado e a produção de leite.

Em 1484, surge a primeira fábrica na região, ligada à produção de vidro e que marca o início de uma nova fase para a cidade. Essa nova atividade espalha-se por todo o Município e foi essencial para o desenvolvimento da cidade, mas também da indústria do vidro a nível nacional. Posteriormente, e em parte devido à indústria do vidro começam a surgir outras indústrias. As antigas atividades da cidade perdem, assim, o seu lugar e hoje a memória dessas atividades reduz-se aos eventos promovidos por associações locais como as desfolhadas, ou as vindimas que recriam os acontecimentos do quotidiano do passado e promovem a memória coletiva (Ibidem, pp.30-31).

A 5 de Janeiro de 1799, por decreto de D. Maria, Oliveira de Azeméis foi elevada à categoria de vila e sede do município, e em 1984, a cidade conseguiu o estatuto de cidade, denotando o aumento demográfico.

O desenvolvimento de Oliveira de Azeméis está também associado, à sua privilegiada localização entre o Norte e Centro de Portugal. A cidade possui boas acessibilidades, o que facilita as importações e exportações, e estimulou a fixação de empresas a nível nacional e internacional. É servida por duas autoestradas, a recente A32 e a A1, assim como a IC2 e a EN224. Fora do concelho, mas ainda assim bem acessível, situa-se o A25 que possibilita a rápida deslocação entre o litoral e o interior facilitando a exportação por via terrestre. A cidade beneficia também do troço ferroviário da Linha do Vale do Vouga que neste momento, faz ligação entre Espinho e Sernada do Vouga passando por algumas das freguesias de Oliveira de Azeméis, com ligação à linha do Norte. O Porto de Leixões localizado a Norte da cidade do Porto é também essencial para a exportação e importação, apesar de se localizar a alguma distância pode rapidamente ser alcançado através de uma via rápida (Rodrigues & Martins, 2003).

Um dos pontos fortes desta cidade é a oferta de formação profissional, a cidade aposta numa



8. Zona industrial de Oliveira de Azeméis situada a Noroeste
9. Percentagem de importação e exportação ao nível do comércio internacional

formação académica direcionada para a indústria proporcionada por várias instituições, como o Cenfim - Centro de Formação Profissional da Indústria Metalúrgica e Metalomecânica, que promove a formação, orientação e valorização profissional dos Recursos Humanos do Sector Metalúrgico, Metalomecânico e Eletromecânico (Cenfim, s.d) e a ESAN (Escola Superior Aveiro Norte), um polo da Escola Superior de Aveiro instalado em Oliveira de Azeméis.

Outro dos pontos fortes é a sua indústria e a sua clara vocação exportadora que cada vez mais se tem afirmado como um meio de desenvolvimento da cidade. Oliveira de Azeméis “é o 2.º concelho da região do Entre Douro e Vouga e o 7º no total da Região Norte (86 concelhos), mais exportador para a União Europeia mobilizando neste domínio mais de 150 empresas” (Câmara Municipal, 2010) e o 14º concelho da Região Norte de Portugal mais exportador para fora da União Europeia” (Câmara Municipal, 2010). Isto tem levado a um reconhecimento por várias entidades, como o presidente da república, Marcelo Rebelo de Sousa, que considera os empresários de Oliveira de Azeméis dos melhores do mundo (Câmara Municipal, 2017). Bem como à criação de pólos industriais, nomeadamente os mais importantes, o da zona noroeste da cidade de Oliveira de Azeméis e outro na zona de Loureiro, freguesia de Oliveira de Azeméis.

Concluindo, “Oliveira de Azeméis é um concelho que exerce hoje influência económica e se diferencia de outros municípios pela sua capacidade de afirmação em setores que o projetam a nível regional, nacional e internacional.” (Loureiro, 2017, p.129).



10. Mapa de implantação das fábricas de vidro em Oliveira de Azeméis

2.2 A evolução da indústria do vidro na cidade

Para se entender a pertinência de refletir sobre a necessidade de reabilitar o Centro Vidreiro, é necessário, perceber o valor e o papel que esta indústria teve no desenvolvimento da cidade.

Oliveira de Azeméis, dotada de uma localização privilegiada e abundante em terrenos de *foguo morto*³, é como vimos caracterizada pelo seu setor secundário, setor este enraizado desde o ano de 1484 aquando da chegada do mestre vidreiro castelhano, Pero Fernandes Moreno, que imigra para Portugal, para estabelecer no país a fabricação do vidro.

Pero Moreno foi fundamental para o desenvolvimento da cidade de Oliveira de Azeméis, já que foi o responsável pela introdução da produção do vidro, na mata do Covo.

O Covo é então um sitio ermo, de chão inculto e coberto de selvática e luxuriante vegetação. Mergulhado no fundo de longo e apertado vale, tem à sua volta cerradas florestas de grandes arbustos e árvores seculares, carvalhos e castanheiros [...] (Costa, 1955, p.5)

Essa fábrica - o Covo - a mais antiga da Península Ibérica (Leal, 1874, p.436), detinha “[...] o exclusivo da venda e fabrico de vidro, desde a Vila de Coruche, a Sul do Tejo, até à fronteira da Galiza” (Costa, 1955, p.4).

Para além da presença da matéria prima e fontes de energia, o sítio escolhido encontrava-se próximo de um grande número de centros urbanos que ofereciam um bom e seguro mercado para a sua indústria” (*Ibidem*).

Apesar de começar de forma provisória e experimental, o castelhano, acabou por se fixar

³ “Terreno de *foguo morto* significava terreno inculto, reduzido a matos e desabitado.” (Costa, 1955, p.6).



11. Fábrica do Côvo
12. Fábrica de Bustelo

aqui e laborar por 61 anos. Após a sua morte, em 1545, os seus descendentes mantiveram a fábrica em funcionamento que se manteve como “[...] a única no Norte até quase os últimos anos do séc. XVII” (*Ibidem*, p.49).

Em 1792, sob o domínio de Inácio de Castro, o último sucessor, a fábrica atinge o seu auge e passa por grandes obras: “alargam-se as suas antigas instalações; introduz-se o fabrico da vidraça e do vidro branco; e aumenta-se a sua produção”. (*Ibidem*, p.50). A necessidade de expandir o comércio conduziu à constituição de uma sociedade formada com dois sócios oriundos de Lisboa.

O funcionamento desta fábrica durante cerca de 400 anos, e sem concorrência na região fomentou o desenvolvimento não só da fábrica em si, tornando-se um modelo na produção de vidro, mas também da cidade. A partir deste modelo, surgiram mais cinco fábricas, de produção de vidro, fundamentais na cidade pelos postos de trabalho e pelo fomento do desenvolvimento.

A primeira foi fundada, em 1897, por Manuel Godinho, um dos ex-sócios da fábrica do Côvo, na freguesia de Bustelo, pertencente ao município de Oliveira de Azeméis. Esta fábrica laborou até 1922, sendo depois explorada por outras sociedades. (Guerra, 1997, p.17).

Em 1902, surge a fábrica com maior prestígio – «A Boémia» – “[...] que, durante décadas, constituiu decisivo motor para o progresso do concelho, chegando a assegurar mais de dois milhares de postos de trabalho.” (Magalhães, 2008, p.114).

A sua importância deve-se também à sua dimensão territorial, composta pelos edifícios da fábrica propriamente dita e por um conjunto de edifícios de apoio ao complexo industrial, situados em Lações de Cima, na zona nordeste da cidade de Oliveira de Azeméis.

As outras fábricas de menores dimensões tiveram uma curta existência devido à concorrência da fábrica de Bustelo e a «Boémia» empresas detentoras da maior parte do mercado a nível nacional e internacional e com um maior desenvolvimento tecnológico. Como refere Pereira da Costa:

A fábrica de Bustelo e esta [...] eram, não há muito tempo ainda, detentoras de «quase dois terços da produção nacional de frascaria e de cerca de um terço da produção de artigos domésticos» (1955, p.70).

Ainda assim, enfrentando a concorrência em 1917, surgiram duas novas fábricas a Fábrica de



13. Fábrica «A Boémia»
14. Fábrica Progresso

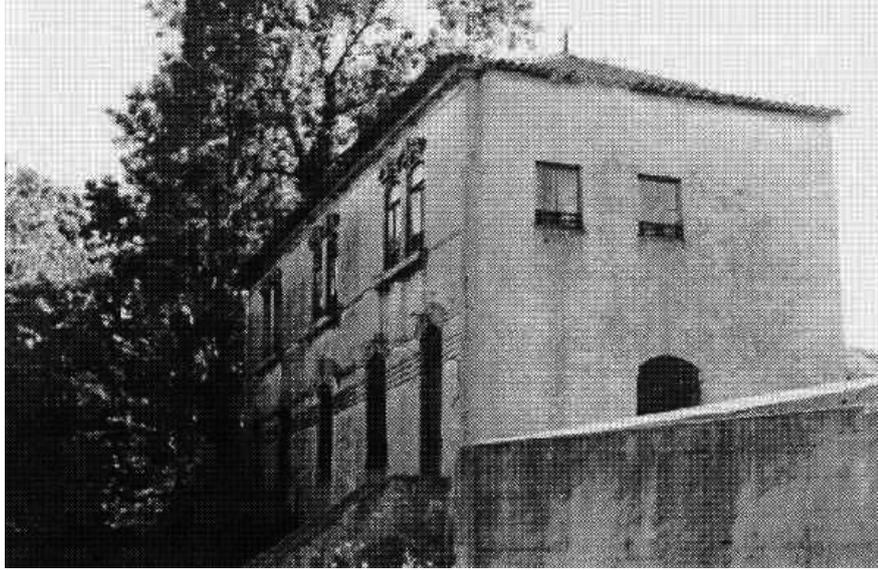
Vidros da Pereira e a Fábrica de Vidros Progresso. A Fábrica de Vidros da Pereira surgiu em Santiago de Riba-Ul, freguesia pertencente ao Município de Oliveira de Azeméis, e resultou de um desentendimento entre os sócios da fábrica de Bustelo que levou D. António de Castro e Lemos a formar uma nova sociedade e a estabelecer a Fábrica de Vidros da Pereira no local de uma antiga serração de madeiras (*Ibidem*). Em 1921, por falta de vidreiros especializados para o trabalho manual e devido à concorrência das fábricas «A Boémia» e da fábrica de Bustelo, a Fábrica de Vidros da Pereira atravessa dificuldades financeiras e vê-se obrigada a vender as instalações à Fábrica Progresso (Guerra, 1997, p.21). A Fábrica de Vidros da Progresso, por sua vez, localizava-se no Cercal, freguesia de Santiago de Riba-Ul, próxima da Fábrica de Vidro da Pereira, nos antigos edifícios da fábrica de Gomas do Cercal (*Ibidem*, p.23).

Poucos meses após a junção destas duas fábricas formou-se, em 1921, com sede na Fábrica Boémia, uma sociedade Companhia Vidreira de Portugal, com o objetivo de explorar a indústria do vidro em Oliveira de Azeméis, pretendia assim adquirir as fábricas que na época se encontravam em funcionamento. Com este intuito, acabam por adquirir todo o património da Fábrica de Vidros Progresso (*Ibidem*, p.28).

Em 1922, surgiu uma nova concorrente à Fábrica de Vidros de Bustelo - a fábrica de La Salette, na região de Bustelo, porém tem a existência muito curta, pois apenas laborou durante 2 anos, “em 1924, cessou a sua atividade, em grande medida pela impreparação e falta de vocação dos candidatos a industriais e à concorrência das fábricas de vidros «A Boémia», de Bustelo, a do Covo, a do Cercal e ainda das fábricas da Marinha Grande” (*Ibidem*, p.34).

Por fim, em 1926, surgiu uma nova sociedade denominada - Centro Vidreiro do Norte de Portugal - constituída por três sócios, que pretendia elevar a indústria vidreira no concelho e fazer concorrência às indústrias vidreiras, localizadas no sul do país. Com base nestas premissas, compraram à Companhia Vidreira de Portugal a fábrica a «Boémia» que se encontrava parada há três meses, por uma avaria no forno, compraram ainda a Fábrica Progresso, que detinha também a Fábrica da Pereira (*Ibidem*, pp.54-55), ficando assim esta sociedade a dispor de três fábricas.

No entanto e apesar de adquiridas três fábricas, apenas a fábrica a «Boémia» continuou a laborar. Situada em Lações de Cima no nordeste da Cidade de Oliveira de Azeméis, era constituída por terrenos murados a pedra e cal, ocupando uma área de 6.750m² e, composta por cinco armazéns telhados separados por paredes, servindo para fábrica de vidros (*Ibidem*,



15. Fábrica La Salette

p.46).

Nesta época, a fábrica de Bustelo estava encerrada (Costa, 1994, p.108) o que favoreceu o crescimento económico da nova sociedade, Centro Vidreiro do Norte de Portugal. Aurélio Guerra [citado por jornal Correio de Azeméis] revela a importância do renascimento da indústria vidreira através do Centro Vidreiro e os benefícios para a cidade:

[...] um facto muito digno de registo não só pela importância material que para a vida fabril do nosso Concelho disso resulta – como pelo emprego de muitas dezenas de operários que, em consequência da paralisação duma dessas fábricas e das dificuldades do momento, se encontravam sem trabalho, e, portanto, reduzidas à penúria. (1997, p.55).

Pereira da Costa refere também que as interrupções que se faziam sentir tantas vezes em diversas fábricas, deixaram de existir e no Centro Vidreiro trabalhavam permanentemente cerca de dez abragens⁴, o que significa aproximadamente 1000 operários (1955, p.68).

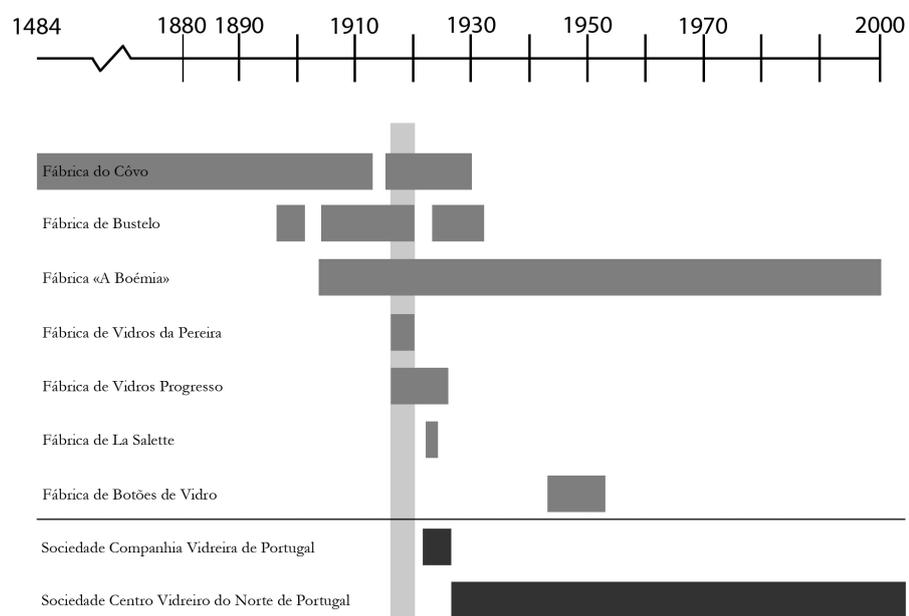
Entretanto, a fábrica de Bustelo recomeça a sua laboração, mas por pouco tempo encerrando pouco depois e sendo a fábrica adquirida pelo Centro Vidreiro (Guerra, 1997, p.60). Assim sendo, o Centro Vidreiro adquire o exclusivo da produção de vidro na zona Norte de Portugal.

A partir de 1932, a fábrica viveu os seus tempos áureos, reerguendo toda a cidade, que se encontrava desmotivada pelo encerramento das várias fábricas e contribuindo assim, para o desenvolvimento local, em especial na zona da fábrica que se situava fora do centro urbano da cidade.

De facto, Oliveira de Azeméis emerge enquanto cidade, como consequência desta vertente industrial da produção do vidro. A criação de todas estas fábricas foi diretamente influente quer no crescimento económico da cidade empregando grande parte da população, quer também para o crescimento urbano, para o dinamismo empresarial e para uma vocação exportadora.

Concluindo, a indústria do vidro foi fundamental para o desenvolvimento da cidade é possível verificar que entre 1902 e 1930 havia três fábricas que se afirmam como pilar da indústria em Oliveira de Azeméis, “A Boémia”, a Fábrica do Covo e a Fábrica de Bustelo que trabalharam quase ininterruptamente durante este período. Outras fábricas surgem sem

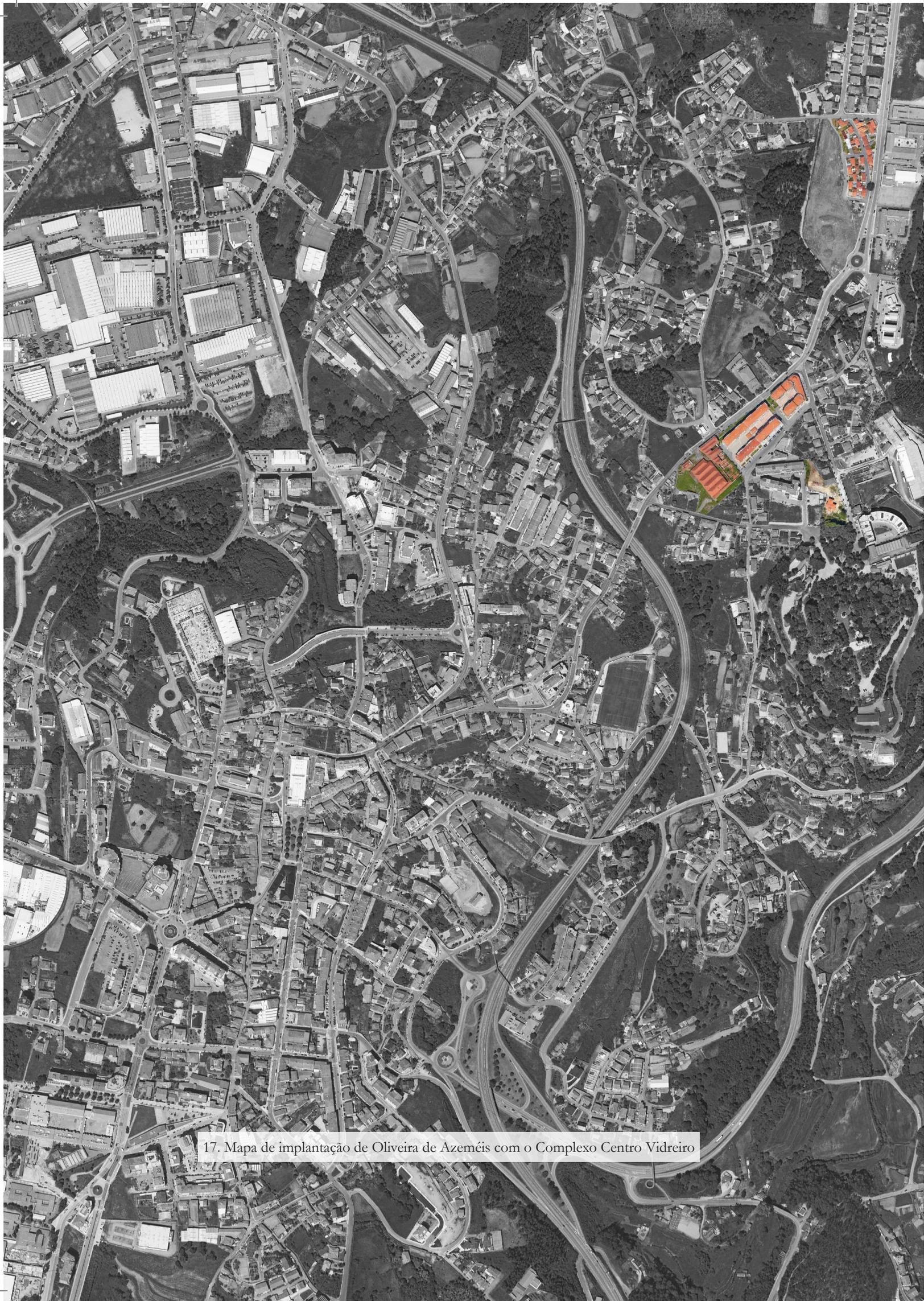
⁴ “uma abrange é normalmente constituída por nove a dez homens, hierarquicamente subordinados uns aos outros. O primeiro é o mestre ou o oficial. Seguem-se-lhes cinco ajudantes [...]. E no último grau estão os aprendizes, em número de três ou quatro.” (Costa, 1955, p.73).



16. Barra cronológica indicando a atividade das fábricas ao longo do tempo

uma posição tão afirmada, mas que vêm reforçar a importância da produção do vidro. É de evidenciar um período de três anos (1917-1920), onde se encontram cinco fábricas ativas, o que numa cidade com esta dimensão geográfica representa um motor de desenvolvimento fundamental, tornando-se na atividade industrial com maior influência no Município. Por sua vez, o Centro Vidreiro ao adquirir todas estas fábricas, a partir de 1932 tornou-se o símbolo de toda a indústria vidreira na cidade.

De realçar ainda o contributo da indústria vidreira para o desenvolvimento da indústria dos moldes que hoje são a principal indústria em Oliveira de Azeméis. Com efeito, esta indústria surge como parte do processo de produção do vidro, no Centro Vidreiro, como refere Maria Paula Costa, “[...] só existem fábricas de moldes, onde se situam grandes fábricas de vidro”(1994, p.112) é o caso de Oliveira de Azeméis e da Marinha Grande.



17. Mapa de implantação de Oliveira de Azeméis com o Complexo Centro Vidreiro

2.3 O Centro Vidreiro do Norte de Portugal. Dimensão territorial e social

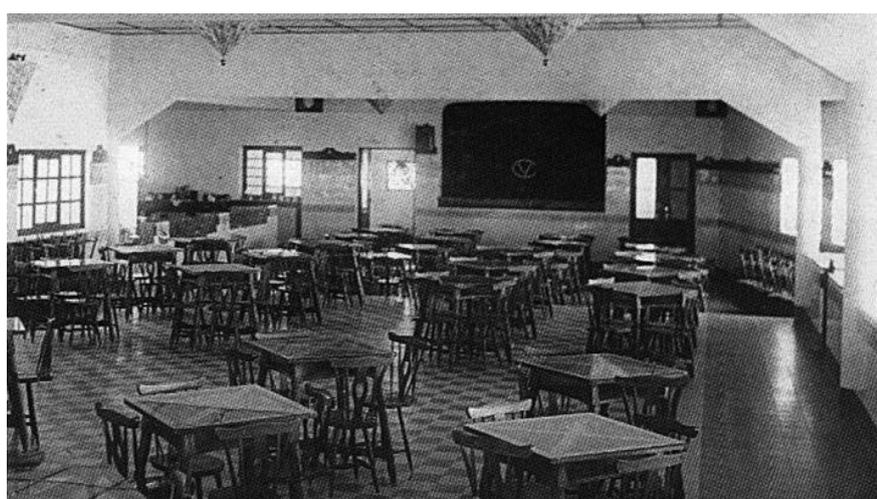
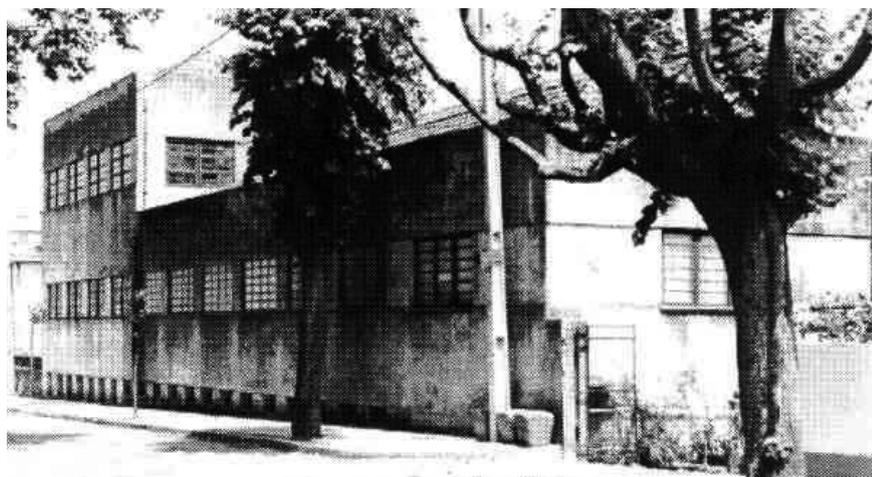
Depois de demonstrar a evolução e importância da indústria vidreira em Oliveira de Azeméis, importa analisar com maior detalhe a atividade da sociedade do Centro Vidreiro, principal motor de desenvolvimento socioeconómico da cidade até à segunda metade do século XX.

Em 1938, após a morte de Ramiro Mateiro, Júlio Mateiro, seu irmão, entra para a sociedade vidreira e inicia um conjunto de melhoramentos tanto das instalações como ao nível da produção (Costa, 1955, p.67).

Em 1939, segundo Pereira da Costa “uma nova fábrica se levanta, totalmente construída desde os seus alicerces” (*Ibidem*). As antigas instalações foram totalmente remodeladas, criaram-se novos espaços com dimensões mais ajustadas para a produção e com condições necessárias à saúde dos que ali trabalhavam (*Ibidem*). Com essa remodelação criaram-se um conjunto de novos espaços como a serralharia, a zona dos plásticos (Beira, 2007, p.126), uma nova área para a administração, uma creche, um consultório médico, uma área polivalente (Costa, 1955, p.67) e ainda uma cantina para a comunidade fabril.

De modo a albergar todos estes setores, a fábrica foi estruturada em duas grandes áreas a parte da produção, situada na parte norte do edifício, com um grande pé direito, e na zona sul do edifício, a administração e a cantina ao nível do primeiro piso e num piso superior a creche, o consultório e o espaço de carácter mais polivalente.⁵

⁵ Informação baseada numa entrevista e visita ao local com o antigo funcionário Alfredo Morgado, que descreveu a fábrica e as diferentes áreas que a compunham.



18. Fábrica de Botões de Vidro
19. Refeitório do Centro Vidreiro
20. Creche do Centro Vidreiro

O Centro Vidreiro atingiu nesta época o valor máximo de funcionários e uma produção “com possibilidades para abastecer o país e exportar” (*Ibidem*), tornando-se a principal empresa em Oliveira de Azeméis.

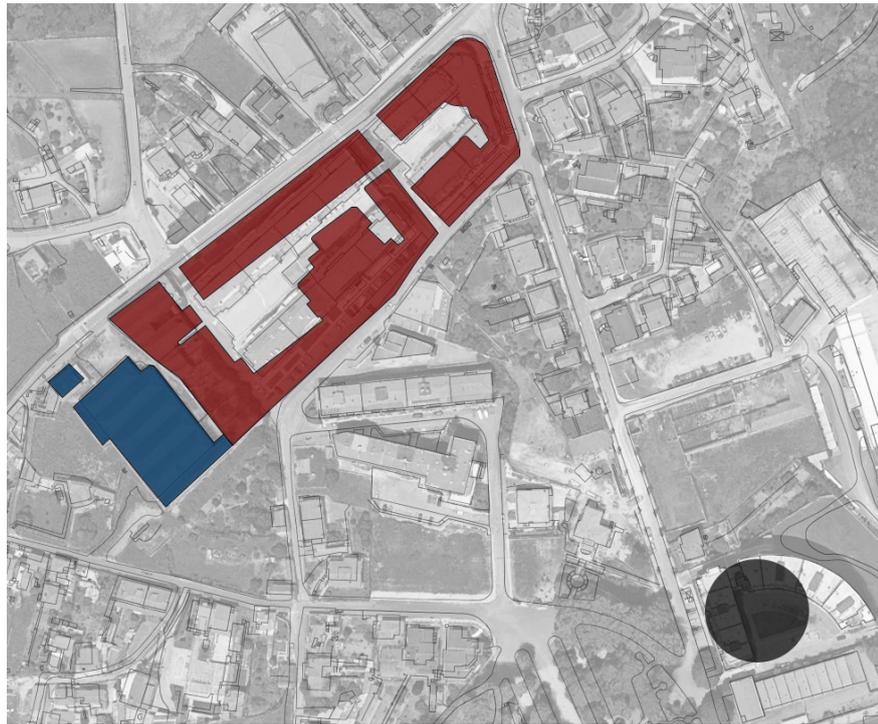
O crescimento da produção conduziu a um novo aumento das instalações. Deste modo, em 1942, é criado um novo edifício perto da antiga fábrica «A Boémia» destinado à produção de botões de vidro, no entanto esta fábrica funcionou durante muito pouco tempo, devido aos caprichos da moda que substituiu os botões de vidro por botões de plástico (Guerra, 1997, p.37).

Em 1950, houve a necessidade de criar um novo edifício, onde se pudesse produzir moldes para a produção do vidro, que na época eram apenas produzidos na Marinha Grande (Beira, 2007, p.128). Para além da produção dos moldes para o vidro a nova unidade de produção metalúrgica permitiu também “responder às câmaras municipais, fazendo válvulas para o saneamento e condutas de água” (*Ibidem*, p.125). O novo edifício, designado Centro Vulcano e implantado por Júlio Mateiro, foi a primeira unidade de produção da nova indústria dos moldes que hoje domina a indústria de Oliveira de Azeméis. Anos mais tarde, começam a surgir, por iniciativa de ex-trabalhadores do Centro Vulcano, empresas como a Moldoplástico e a Silva Godinho (*Ibidem*, p.91), grandes indústrias de moldes atualmente.

Associada à unidade fabril foi também construída na zona sul do complexo uma escola, que não era exclusiva das famílias dos operários mas servia toda a população, uma vez que se tornou numa necessidade na zona de Lações de Cima.

O Centro Vidreiro não só se preocupou em expandir a unidade fabril e obter os maiores lucros possíveis, como também “levou longe o nome da terra e foi pioneiro na criação de várias regalias sociais, tais como a colónia de férias, situada na zona litoral de Portugal e o bairro residencial” (Magalhães, 2008, p.114) que contribuíram para o melhoramento da qualidade de vida da classe trabalhadora. Reforça Maria Paula Costa que eram evidentes as boas relações entre trabalhadores e a entidade patronal, de que é exemplo a construção do bairro operário, em 1950 (1994, p.120). Esse bairro, situado perto do Centro Vidreiro, na rua Comendador Seabra da Silva, era constituído por 50 casas com dois pisos e cada uma delas com um respetivo quintal. Refere também Alfredo Morgado⁶ que as ações de responsabilidade

⁶ Alfredo Morgado foi um ex-trabalhador do Centro Vidreiro, trabalhou entre 1970 até fechar, após o fecho em 2007 foi lhe proposto que fizesse parte de um projeto da Câmara, o Berço Vidreiro que foi criado com o objetivo de fazer preservar a memória da indústria vidreira. Atualmente, Alfredo trabalha no Berço Vidreiro, um pequeno Centro Interpretativo do Vidro, onde produz peças de vidro.



Fábrica Principal e
Administração

Centro Vulcano e
Escola

Fábrica de Botões de
Vidro

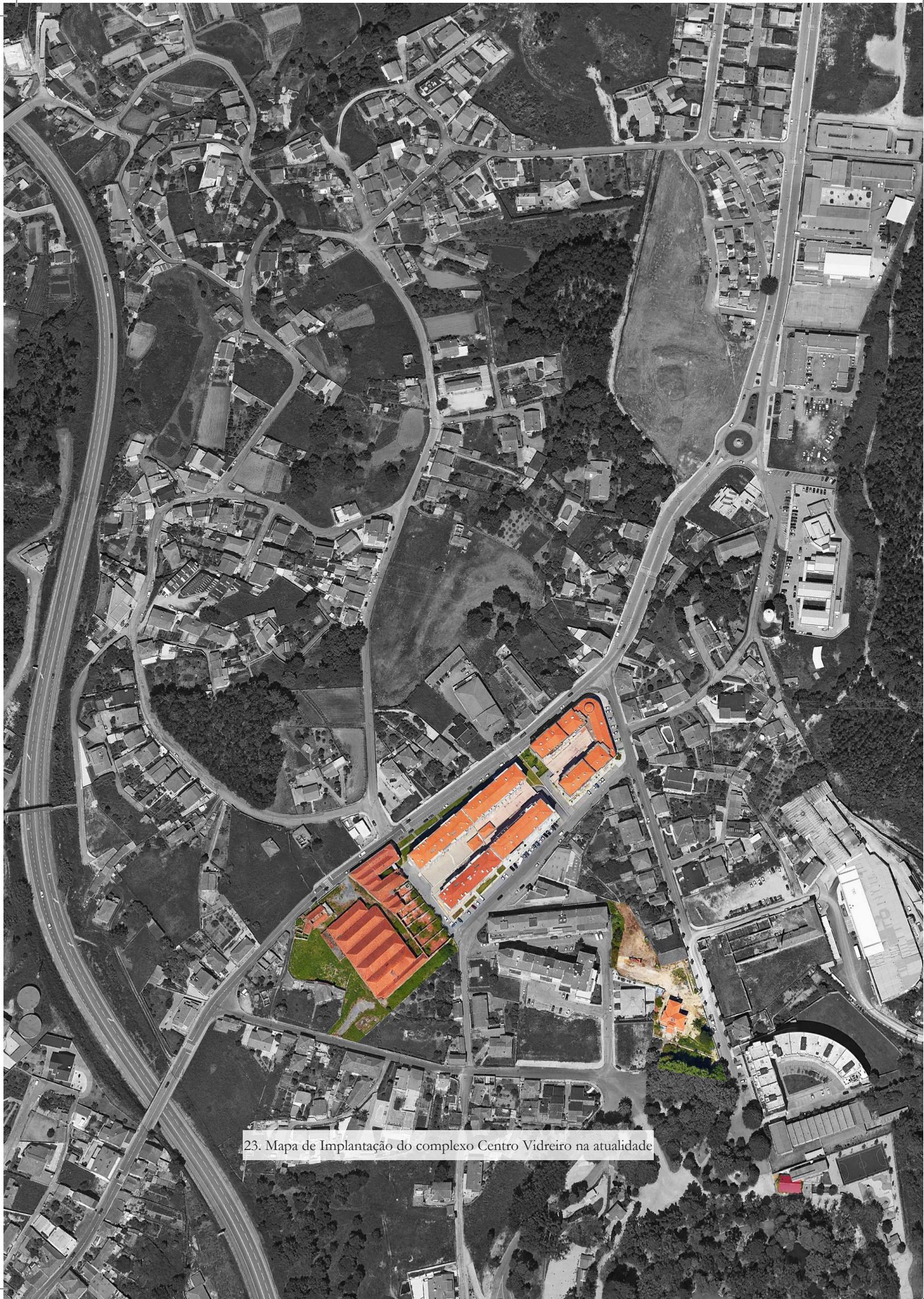


21. Planta da evolução do complexo
22. Antigo complexo Centro Vidreiro

social da empresa resultavam em vários eventos desde as festas de passagens de ano no salão da empresa até às viagens que o Centro Vidreiro organizava à Capital.

Por fim, ao longo de toda a existência do Centro Vidreiro, foram adquiridas duas habitações, a casa de baixo e, posteriormente, a casa de La Salette. A primeira situada na rua Manuel Alegria, perto do hospital, foi adquirida por Ramiro Mateiro, mas posteriormente, foi adquirida pela Câmara Municipal para albergar alguns serviços relativos ao hospital. Após a venda da casa de baixo adquiriu a casa de La Salette, ou palacete como é designado agora, no parque da La Salette, perto do Centro Vidreiro e que recentemente foi vendida à Câmara Municipal.

Concluindo, este complexo por deter a exclusividade da produção do vidro durante largos anos, tornou-se o símbolo de toda a indústria vidreira, em Oliveira de Azeméis, e tornou-se no motor desenvolvimento económico da cidade. O facto de ter sido pioneiro na criação de regalias sociais tornou-se um marco para a comunidade local e por ter impulsionado a nova indústria dos moldes tornou-se fundamental para o desenvolvimento da cidade até aos dias de hoje.



23. Mapa de Implantação do complexo Centro Vidreiro na atualidade

2.4 O Centro Vidreiro atualmente

Após quase um século de laboração o Complexo Centro Vidreiro e toda a indústria vidreira no Concelho de Oliveira de Azeméis foi encerrada. O fecho deste complexo refletiu-se drasticamente por todo o Município causando inúmeros problemas quer no território, quer em quem o habita. Com este capítulo pretende-se expor estas consequências e de modo sequente analisar o que foi feito para as resolver.

O vazio urbano

Com o encerramento do Centro Vidreiro gerou-se um vazio urbano na zona do complexo, que acabou por fragilizar a zona envolvente que hoje se apresenta desconexa e fragmentada dentro da cidade. A fábrica do Centro Vidreiro, situada na rua principal que faz ligação entre o centro urbano e a periferia, começou a degradar-se e assim, o forte movimento desta indústria perdeu-se.

Pouco tempo depois o quarteirão que constituía o complexo fabril do Centro Vidreiro, ou seja, o edifício principal, o Centro Vulcano e a escola, foi adquirido por uma sociedade que pretendia construir um condomínio, com cerca de cem apartamentos. Esta sociedade acabou por desistir do investimento, mas a Sociedade Construtora e Empreitadas Filipes Lda de Vila Franca de Xira concretizou o objetivo pretendido. Esta intervenção realizada por parte de um privado, demoliu mais de metade do edifício principal (situado a norte), onde se encontrava a parte da produção do vidro, restando apenas desse edifício, a secção de escritórios, creche,



24. Fachada principal do condomínio
25. Fachada principal da zona da administração do complexo do Centro Vidreiro
26. Zona da cantina onde apenas resta a estrutura
27. Salão de festas do complexo do Centro Vidreiro
28. Edifício da escola do complexo do Centro Vidreiro
29. Interior da fábrica Centro Vulcano

cantina e salão de festas.⁷

Hoje esta parte do edifício encontra-se ao abandono, certas partes num estado avançado de degradação que o torna num sério risco para o cidadão que utiliza aquele espaço. O edifício original foi “cortado ao meio”, onde é possível do exterior ver toda a estrutura. No interior os espaços encontram-se com alguns sinais visíveis de deterioração e com imenso lixo, nomeadamente, os papéis visto que era ali que se encontravam os escritórios. A estrutura em betão armado parece estar em bom estado, no entanto a cobertura em madeira apresenta-se em mau estado e em risco de ruir. Não existe caixilharia tendo sido grande parte destruída, existe apenas na fachada principal, virada para a rua Francisco Abreu e Sousa nos pisos superiores, pontualmente danificada. A outra parte do edifício que servia como cantina encontra-se em ruínas, sem telhado restam apenas algumas paredes e estrutura de betão.

O espaço do Centro Vulcano, onde eram produzidos os moldes, situado, ligeiramente, a sul, é hoje, um espaço amplo apenas com três fornos, que se encontram ligeiramente danificados. A estrutura do edifício, mostra ainda estar num estado razoável podendo ser reutilizada. No entanto, a cobertura embora pareça estar em melhores condições que a da fábrica principal, apresenta pontualmente alguns problemas. A sua estrutura não é feita de madeira como a da fábrica principal, mas sim, de metal daí provavelmente o seu estado de conservação em melhores condições. As caixilharias, encontram-se danificada e sem vidros.

Ambos os edifícios, estão ao abandono, onde qualquer indivíduo pode simplesmente entrar e permanecer, sem qualquer restrição o que explica os atos de vandalismo, desde graffitis a janelas partidas.

A escola apresenta-se em mau estado de conservação com as fachadas degradadas com a estrutura da parede à vista. As poucas caixilharias que se mantêm aparecem em muito mau estado, partidas e sem vidros. O interior está em ruínas, certas zonas não têm pavimento. A cobertura ruiu e da sua estrutura já pouco existe, possivelmente por ser de madeira.

A área envolvente aos novos edifícios de habitação encontra-se em bastante mau estado com a vegetação descontrolada e a ocupar a maioria do espaço de forma inadequada. O estado de degradação deste complexo tem contribuído para uma imagem negativa e que desqualifica a área acabando por não atrair nem a população, nem possíveis investidores.

⁷ Informação disponibilizada pela Câmara Municipal no departamento das licenças numa tentativa de obter informação acerca daquela construção.



30. Interior da Secção dos escritórios do antigo complexo Centro Vidreiro
31. Secção dos escritórios do antigo complexo Centro Vidreiro, alçado norte
32. Secção dos escritórios do antigo complexo Centro Vidreiro, alçado sul
33. Habitação do bairro Centro Vidreiro em bom estado
34. Habitação do bairro Centro Vidreiro do lado direito em mau estado
35. Habitação do bairro Centro Vidreiro e ruínas

No que concerne, ao estado de conservação do bairro operário interessa saber que no ano de encerramento do Centro Vidreiro, grande parte das habitações foram vendidas e têm sido mantidas pelos novos proprietários. Em geral, os edifícios foram modernizados mas mantêm a mesma estrutura e forma, adquirindo uma nova imagem, fachadas pintadas, cada uma a seu gosto, com as novas caixilharias, portões e coberturas. No entanto, existem alguns edifícios em mau estado, com sinais de degradação ao nível das fachadas com o reboco e a caixilharia em mau estado. Apenas um edifício do bairro se encontra mesmo em ruínas, restando apenas as paredes exteriores.

Para finalizar, importa referir, que o palacete de Júlio Mateiro situado na zona nascente do complexo mas sem ligação direta, encontrava-se muito degradado mas foi adquirido pela Câmara Municipal, que em colaboração com a Universidade de Aveiro, está a reabilitar o edifício e criar um novo volume para instalar o Centro Interpretativo do Vidro, como veremos mais adiante.

Os restantes edifícios que não foram aqui referidos já foram demolidos.⁸

Para lá do estado de conservação e da demolição de alguns edifícios é importante ter consciência das outras implicações do fecho do complexo, em especial numa empresa que teve cerca de 1000 funcionários, com efeito o desemprego afetou uma grande parte da população, visível nos inúmeros relatos de antigos trabalhadores como Maria da Encarnação [citado de correio de Azeméis] que referia: “Nós nascemos aqui, as minhas filhas foram criadas aqui” e reforça ainda “fiquei assim, sem nada, com 32 anos de trabalho” (Oliveira, 2002), outro relato de um casal que passou a sua vida a trabalhar aqui diz sentir ainda dificuldades depois de 43 anos a trabalhar para o Centro Vidreiro e contando agora já com mais de 50 anos de idade questiona “quem é que nos quer agora?” (*Ibidem*).

Realmente imensas pessoas dedicaram a sua vida a esta unidade fabril e, repentinamente, viram-se sem fonte de rendimento e sem planos para um futuro próximo.

Por outro lado, o encerramento do Centro Vidreiro, representou não só o fecho de uma empresa onde trabalhavam muitas pessoas, mas foi também o cessar de uma indústria que se desenvolveu ao longo de 500 anos na cidade, e que fomentou a nova indústria dos moldes.

⁸ A presente caracterização do estado de conservação dos edifícios referidos foi realizada através da observação no local.



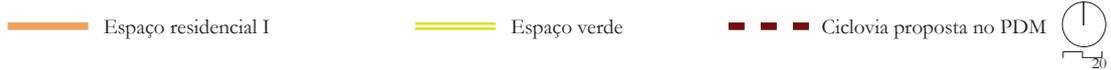
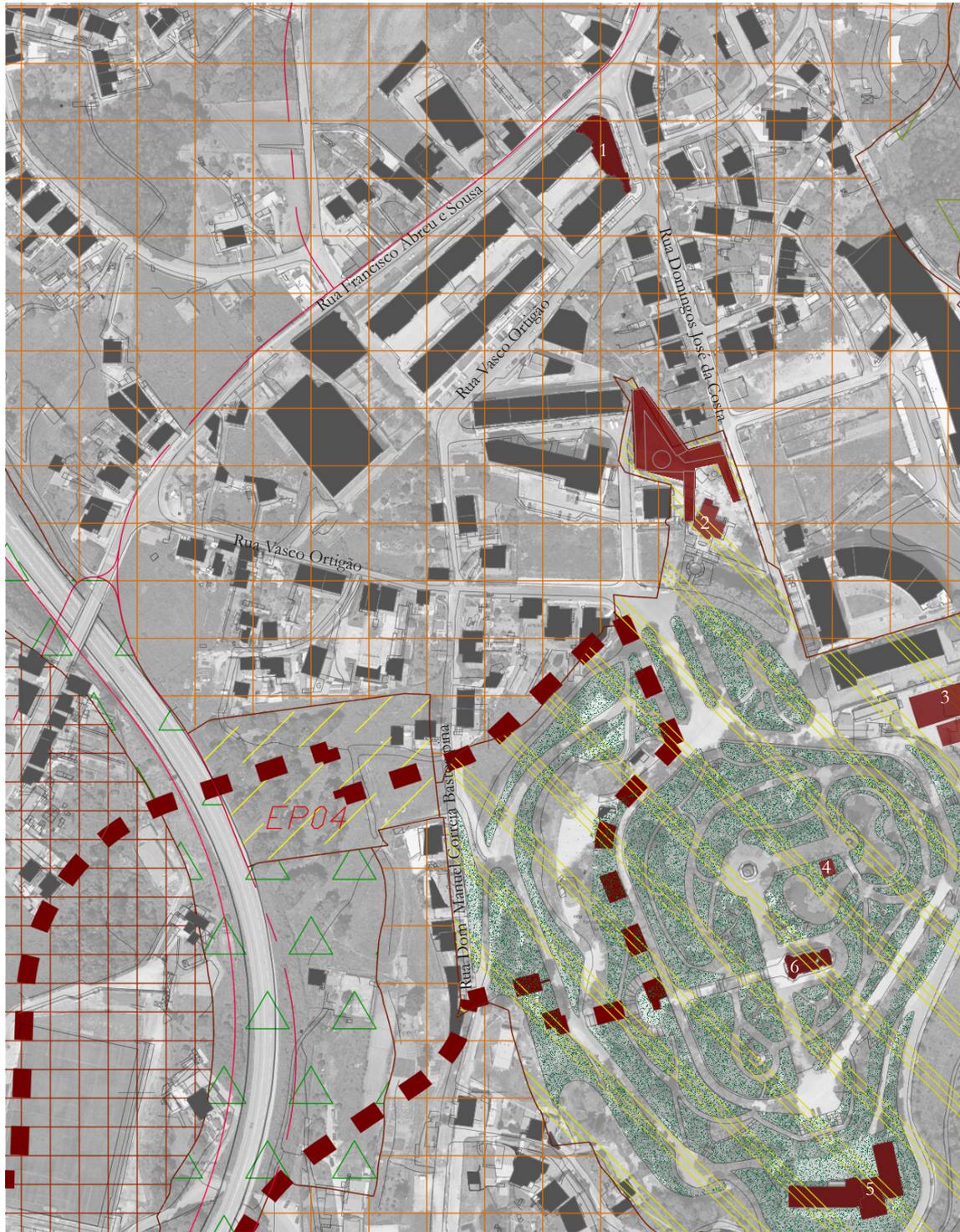
36. Berço Vidreiro
37. Casa Mateiro
38. Novo edifício para o Centro Interpretativo

Após o encerramento, a passividade do município perante este património importante para a cidade conduziu à perda do espólio, nomeadamente, da fábrica principal, destruída quase na íntegra para albergar um conjunto de apartamentos contribuindo para a perda de uma identidade coletiva. O complexo do Centro Vidreiro - última fábrica/complexo do vidro em Oliveira de Azeméis - um símbolo de toda a indústria vidreira, foi em grande parte demolido e se não forem tomadas medidas para a sua salvaguarda vai-se perder totalmente.

O desprezo por este património da cidade, levou a várias indignações, por parte da população que obrigou à intervenção do município (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2009). Nesse sentido, em 2007, reconhecendo que havia uma memória que tinha que ser preservada relativa a toda a indústria de vidro foi criado um museu no parque da La Salette, num edifício que não constituía parte do espólio do Centro Vidreiro, denominado de Casa das Heras. Este projeto de musealização surgiu com o objetivo de reavivar a memória do vidro. O Berço Vidreiro, é hoje gerido por Alfredo Morgado, antigo trabalhador do Centro Vidreiro, que manuseia o vidro como se fazia antigamente, tentando recriar a antiga indústria (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, s.d).

Brevemente, o Berço Vidreiro vai mudar de instalações, e passará a ocupar o Palacete, onde viveu a família Mateiro. Um projeto que “visa preservar a memória da indústria vidreira no concelho de Oliveira de Azeméis. Projeto de índole museológica, como pólo importante de valorização e fruição do património cultural.” (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2016). Este novo complexo designado por Centro de Interpretação do Vidro é composto por dois volumes, o primeiro a partir da reconversão da casa Mateiro e o segundo novo. O objetivo é dar a conhecer a história da indústria vidreira e também demonstrar como se produzia o vidro (*Ibidem*).

Concluindo, quase todo o espólio do antigo Centro Vidreiro encontra-se num estado de ruína elevado, que poderá vir a ser irreversível, principalmente na zona da fábrica. Será que complexo, que durante anos foi imprescindível para o crescimento da cidade, não poderia continuar a ser um motor de desenvolvimento da cidade (ou uma mais valia)? Permitindo que a população beneficiasse uma vez mais daquele espaço? E mantendo a identidade do complexo? Estas são algumas questões que queremos levantar com esta investigação já que a passividade a que se assiste acabará por fazer ruir o que ainda resta do complexo.



- 1- Cafeteria 2- Centro Interpretativo do Vidro 3- Parque Infantil 4- Cafeteria 5- Estalagem S. Miguel 6- Igreja

39. Planta de ordenamento do território atualmente e de serviços.

Análise da área envolvente

Na cidade de Oliveira de Azeméis, é perceptível um desenvolvimento assimétrico, privilegiando a zona sul em detrimento da zona norte. Concretamente a parte nordeste, que engloba o parque da La Salette e toda a área envolvente, incluindo o Centro Vidreiro. Toda esta área tem estado no esquecimento, e por isso, tornou-se pertinente refletir sobre as intervenções realizadas na área em concreto no Centro Vidreiro, bem como, apresentar uma estratégia com o intuito de reintegrar a área.

Relativamente aos instrumentos de planeamento urbanístico, a área em estudo é abrangida apenas pelo Plano Diretor Municipal, aprovado em 1995 e revisto em 2013.

De acordo com o PDM 1995, a área encontrava-se classificada como “área de cidade” (Rodrigues & Martins, 2003), que devia ser sujeita a um plano de urbanização, para valorizar a área. Para tal, eram “admissíveis índices de ocupação superiores aos dos outros aglomerados e privilegiada a implantação de equipamentos, serviços, comércio, habitação e transportes, que acentuem as suas características de polo dinamizador do Concelho”. (*Ibidem*). Denota-se aqui um interesse da Câmara Municipal em dinamizar a área mas que nunca chegou a acontecer.

Assim sendo, em 2013, o plano diretor municipal é revisto e surge com novos objetivos entre os quais a “requalificação, salvaguarda e valorização dos elementos patrimoniais e naturais, inserindo-os em redes integradas de percursos, roteiros e atividades de lazer e turismo” (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2013). Após esta revisão a área em estudo mantém-se classificada como “espaço residencial I” que “corresponde às zonas urbanas periféricas, destinando-se preferencialmente a uso habitacional, mas admitindo comércio, serviços, equipamentos e atividades económicas cujo licenciamento seja competência municipal, sendo caracterizadas por edificações de volumetria reduzida e de altura da fachada na generalidade correspondente a rés-do-chão mais um piso” (*Ibidem*).

Nesta revisão do Plano Diretor Municipal é de evidenciar também a intenção de criar uma ciclovia e zona pedonal que percorre parte da cidade incluindo o parque da La Salette. Este percurso, surge no Plano Diretor Municipal com o intuito de promover a valorização da paisagem e para que sirva de ligação entre zonas de lazer e atividades culturais, estendendo-se assim, desde o sul até ao norte.

Esta área é quase exclusivamente ocupada por habitação, com uma reduzida oferta comercial



41. Rua Vasco Ortigão
42. Rua Dom Manuel Correia Bastos Pina

e de restauração. O parque da La Salette que é o único grande espaço verde da cidade, apenas possui uma cafetaria, um restaurante, uma estalagem, um parque infantil, uma igreja e o que será o novo Centro Interpretativo do Vidro. Existe ainda uma cafetaria junto ao Centro Vidreiro.

Relativamente a acessibilidades, a área em estudo está bem conetada com a cidade pelo sistema viário, no entanto, algumas vias encontram-se em mau estado e outras ainda sem passeios como a rua Dom Manuel Bastos Pina e a rua Vasco Ortigão. Apesar do Plano Diretor Municipal prever uma pista ciclável junto ao parque da La Salette, esta ainda não está construída e tem uma extensão reduzida não contribuindo para a substituição do automóvel.

Em suma, a zona noroeste da cidade de Oliveira de Azeméis não tem sido alvo de preocupação de planeamento e em consequência tem tido pouca intervenção, não atraindo grande investimento para a área conduzindo-a assim para um espaço debilitado e com fraca atratividade.

3

ESTUDO DE CASOS

Justificação do estudo de casos

O estudo de outros casos de complexos industriais que encerraram e ficaram devolutos serve de base de fundamentação para a reflexão que se pretende fazer. São vários os casos, quer a nível internacional como nacional, em que antigos edifícios industriais são sujeitos a uma intervenção de reconversão que permite reutilizar o edifício e salvaguardar a sua identidade e memória. Neste caso optou-se por seleccionar casos no território Português, uma vez que possuem mais características em comum com o caso de Oliveira de Azeméis.

De modo a restringir o campo de escolhas foram estabelecidos alguns critérios para a escolha dos casos para estudo. O primeiro era que fosse uma intervenção num complexo e não apenas um edifício isolado. Por outro lado, os edifícios em questão teriam que ter sido responsáveis por um grande desenvolvimento para a cidade e que com a sua reutilização retomem esta característica. Por fim, que a sua memória e identidade tenha sido preservada após a reutilização do complexo e que esse propósito tenha sido uma condicionante da intervenção.

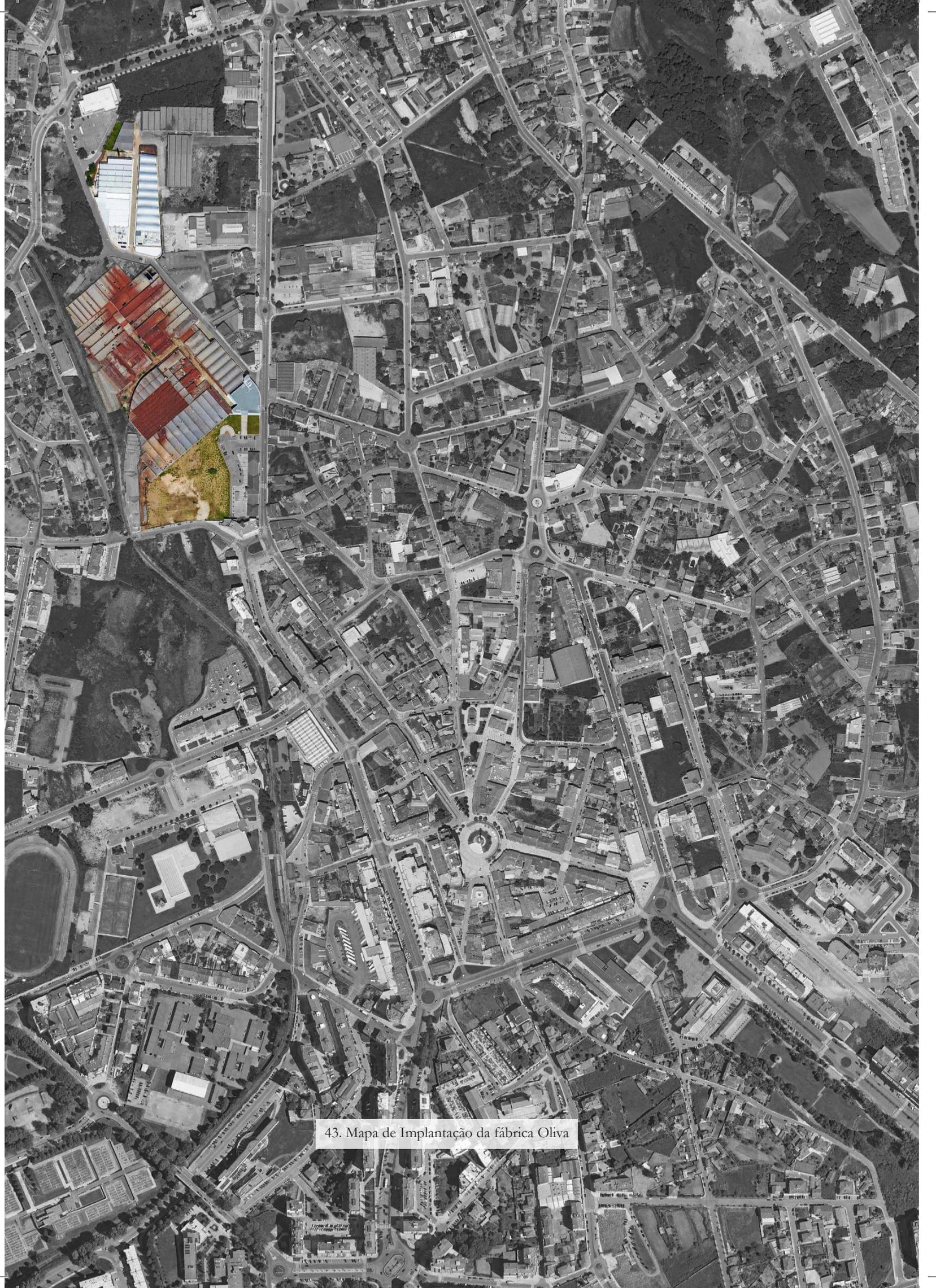
Com base nestas premissas escolheram-se três casos. O primeiro caso é o Complexo Industrial da Oliva trata-se de um conjunto de edifícios, essencialmente, destinado à produção de máquinas de costura, localizado na cidade de São João da Madeira. Este estudo de caso destaca-se pela sua dimensão no território e pela influência que teve no desenvolvimento socioeconómico da cidade.

Torna-se fulcral a análise deste estudo de caso pela semelhança das cidades de São João da Madeira e Oliveira de Azeméis, mas também pelo processo de transformação, uma vez que as suas condicionantes se aproximam das limitações apresentadas no Centro Vidreiro, ou seja, o complexo da Oliva foi também uma área que com o cessar da indústria foi deixada ao abandono o que provocou a descaraterização de toda a área envolvente e enfraqueceu o espaço quebrando as dinâmicas sentidas outrora. Assim sendo, torna-se pertinente analisar este complexo, tornando-se clara a transposição de reflexões e abordagens para o objeto de estudo central.

O caso das Fábricas de Lanifícios corresponde à reconversão de um conjunto de fábricas para albergar o complexo da Universidade da Beira Interior – UBI – e situa-se na cidade da Covilhã. Este caso destaca-se dos restantes pela importância do programa adotado que tem repercussões a nível nacional. Destaca-se também pela qualidade dos edifícios das antigas fábricas que permitiram uma intervenção de reabilitação com grau de cuidado na preservação do património arquitetónico. Neste sentido e pela dimensão de intervenção, este é o caso com maior impacto no contexto urbano, assim como nas práticas e vivências da cidade.

Por fim, o exemplo da *Lx Factory* corresponde a uma intervenção realizada na antiga Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses num espaço que se encontrava devoluto, carecia de uma intervenção, foi alvo de vários projetos mas nenhum se concretizou e perante este impasse surgiu um particular que investiu no edifício e criou um projeto sustentável, tornando-o um motor de desenvolvimento e de regeneração da área.

Apesar de algumas semelhanças, cada caso tem as suas especificidades e cada um funcionou como motor de transformação e desenvolvimento mas mantendo a memória e a identidade do local. Neste sentido, torna-se pertinente abordar cada um dos processos de projeto, de forma a permitir uma reflexão sobre as possibilidades de intervenção em complexos industriais devolutos, como é o caso do Centro Vidreiro de Oliveira de Azeméis.



43. Mapa de Implantação da fábrica Oliva

3.1 *Oliva Creative Factory*

Enquadramento da cidade e complexo

O complexo da Oliva iniciou atividade em 1925, na zona Noroeste da cidade de São João da Madeira, pertencente ao distrito de Aveiro. São João da Madeira destaca-se pela sua indústria do calçado, mas também pela grande variedade empresarial. A cidade é reconhecida como a cidade do trabalho, fruto da sua indústria. Desde cedo a indústria obteve um papel fundamental no desenvolvimento da cidade, inicialmente com as fábricas de chapéus e de laticínios e mais tarde, com a indústria do calçado. Fruto de todo este trabalho a qualidade de vida tem vindo a melhorar e a tornar-se ponto de destaque na cidade, obtendo já variadas distinções em diversos estudos como uma das melhores cidades para se viver em Portugal. “Em 2010, conquistou mesmo o 1.º lugar num estudo efetuado pelo Instituto de Tecnologia Comportamental.” (Câmara Municipal de São João da Madeira, s.d).

Essencialmente devido à proximidade à cidade do Porto e à fácil ligação às grandes vias de exportação, como o Porto de Leixões (Pinho, 1999, p.7) que facilitaram o rápido crescimento da cidade enquanto potência industrial do país. Esse crescimento está também relacionado com a facilidade de acesso e distribuição de produtos pela Linha do Vale do Vouga e o IC2⁹ (*Ibidem*). Atualmente, tem-se verificado uma intensificação na rede de acessibilidades, de salientar a criação da A32, que liga, rapidamente, São João da Madeira ao Porto. Por outro lado, a cidade tem apostado no avanço tecnológico, nomeadamente ao nível das novas

⁹ Estrada nacional que liga Porto e Lisboa e única a fazer esta rota antes das autoestradas.



44. Incubadoras *Sanjotec* 1 e 2

tecnologias de informação, de referir que o Município foi dos primeiros a receber internet sem fios gratuita a partir da *Sanjotec*. A *Sanjotec* é uma incubadora de empresas criada em outubro de 2008, num edifício onde se instalaram 16 empresas, (Oliveira, 2012) mas que não parou de aumentar e neste momento conta com 83 empresas, 2 edifícios e 400 colaboradores. Este tem sido sem dúvida um dos grandes investimentos do Município e que tem por objetivo a promoção e o aumento da produtividade e competitividade do concelho e da região, assim como, apoiar novos projetos que sejam uma mais-valia para o município (Câmara Municipal de São João da Madeira, s.d).

O complexo da Oliva foi fundado por António Pinto de Oliveira e “começou por ser uma pequena fundição de ferro e serralharia mecânica [...]” (Pinho, 1999, p.13) com o intuito de produzir equipamentos industriais para a chapelaria,¹⁰ mas mais tarde torna-se num autêntico império do ferro. Em 1926, as instalações resumiam-se a um único edifício que ocupava uma área de 2 700 m² e empregava cerca de 20 trabalhadores (Serén, 1998, p.7).

O complexo sofreu, ao longo dos anos várias ampliações, em grande medida pela boa gerência de António Oliveira que apostou na sólida formação dos quadros, numa política de bons salários, acompanhada por uma racionalização do espaço da fábrica, que se encontrava dividida por secções. Secções essas que “por sua vez encontravam-se divididas em subsecções, e alinhadas de tal modo que as distâncias a percorrer pelas peças em curso de fabricação fosse mínimas” (Pinho, 1999, p.18), levando a uma maior produção e eficiência. De referir, também, a facilidade de exportação dos produtos, uma vez que os edifícios foram desenhados com arruamentos que entrecruzam linhas férreas privadas, em comunicação com a linha de ferro do Vale do Vouga que se situa imediatamente nas traseiras da superfície industrial (*Ibidem*).

Em 1934 deu-se início à fabricação de banheiras de ferro fundido e esmaltadas o que conduziu a uma maior necessidade de espaço. Em 1938, foi iniciada a expansão do edifício com uma nova área de produção, totalizando o edifício cerca de 13 000 m². O número de funcionários aumentou para 200 (Pinho, 1999, p.21). Paralelamente a esta expansão iniciou-se o processo para a construção de um outro edifício para a produção de tubos de aço, mas, o processo foi moroso e a sua aprovação surgiu apenas em 1954 (*Ibidem*, p.29).

Em 1948, foi inaugurada a secção das tão conhecidas – Máquinas de Costura da Oliva – que engrandeceram verdadeiramente a empresa e neste momento a empresa atingiu o auge quer

¹⁰ Exposição que se encontra no núcleo histórico da Oliva no *Welcome Center Turismo Industrial* em São João da Madeira, com o título: *Um exemplo feliz na vida industrial da nossa terra*.



45. Fábrica Metalúrgica da Oliva
46. Máquina de costura Oliva

pelo o aumento de produção, quer pelas preocupações sociais para com os funcionários. “A empresa assumiu perante o Estado o compromisso de cobrir, num espaço temporal de cinco anos, metade das necessidades a nível nacional da produção de máquinas de costura” (*Ibidem*, p.27), de modo a complementar a nova indústria elaborou-se uma campanha de comercialização que levou à criação de centenas de postos de venda espalhados por vários pontos de Portugal.¹¹ Com a produção das máquinas de costura, a empresa viria a expandir-se novamente, criando um novo edifício passando o complexo a ser constituído por dois edifícios com uma área total de “27 mil metros quadrados e com uma produção fabril que rondava os 550 trabalhadores” (Figueiredo, 2013, p.4). Foram também criando cursos de formação de corte e costura. Em 1949 foram realizados 1 042 cursos para 37 347 alunas, o que representou um progresso importante não só para São João da Madeira como para todo o país pela formação oferecida.

O complexo não parava de aumentar quer ao nível das dimensões quer ao nível da produção de novos produtos. Em 1954, foi dada a permissão para que se construísse o novo edifício para a fabricação de tubos para canalização e usos gerais. Posto isto, o complexo atingiu uma área de 43 000 m² dos quais 35 000 cobertos, empregando cerca de 650 trabalhadores. Maria Pinho refere que a produção de tubos “será, ao lado das máquinas de costura, responsável pela notoriedade da empresa a partir dos anos cinquenta” (1999, p.31).

Efetivamente, o complexo ao longo dos anos desenvolveu-se imenso, em grande medida, fruto de boas políticas a nível da gerência. Até que em 1960, a Oliva foi adquirida pelo grupo norte americano ITT (International Telephone Corporat), que extinguiu a produção das máquinas de costura. Pouco tempo depois em 1969, o fundador António José Pinto de Oliveira, decidiu retirar-se do cargo de gerente da empresa (Figueiredo, 2013, p.1), deixando o império do ferro, composto por duas zonas de produção e vários pavilhões com 43 áreas de produção distintas¹². Sabe-se que antes de António José se demitir, em 1968, a empresa contava com cerca de 90 mil metros quadrados com uma população fabril de 1900 pessoas (Figueiredo, 2013, p.4).

Em 1985, a empresa foi adquirida por um grupo de empresários portugueses e segundo, Deolinda Folgado¹³, em 1987, a empresa ocupava uma área total de 130 mil m² (2005a, p.251).

11 Exposição que se encontra no núcleo histórico da Oliva no *Welcome Center Turismo Industrial* em São João da Madeira, com o título: *Um exemplo feliz na vida industrial da nossa terra*.

12 Exposição que se encontra no núcleo histórico da Oliva no *Welcome Center Turismo Industrial* em São João da Madeira, com o título: *Um exemplo feliz na vida industrial da nossa terra*.

13 Deolinda Folgado é uma investigadora portuguesa na área do património e história da arquitetura.



47. Complexo industrial da Oliva

No entanto, em 2010, deu-se o encerramento definitivo de toda a produção (Figueiredo, 2013, p.1).

Ao nível da ação social, António José Pinto criou na década de 40, o fundo Oliveira Júnior que visava atribuir prémios de permanência e mérito, subsídios de complemento da pensão e apoio no pagamento de despesas. Esse fundo, em 1955, deu lugar à Fundação Oliveira Júnior que pretendia ir de encontro às necessidades da classe trabalhadora (Martins, 1956, p.6). A empresa dispunha também de uma cantina, balneários, posto médico, colónia de férias, para filhos e irmãos dos trabalhadores (Pinho, 1999, p.40).

Concluindo, a Oliva não se limitava à transformação de matéria-prima em objetos para o desenvolvimento da sociedade, mas oferecia também uma melhoria de vida para população local. Para além de constituir uma fonte de emprego segura, oferecia um conjunto de regalias para os seus trabalhadores, como festas de natal, colónias de férias, cooperativas:

A Fábrica Oliva [foi] um ícone incontornável na história industrial portuguesa, assumiu durante largo período uma acção preponderante na afirmação e desenvolvimento sócio-económico de S. João da Madeira. (Oliva. O Império do ferro, s.d)

Intervenção

Em 2009, o grupo que geria o complexo começou a sentir grandes dificuldades em sustentar a empresa e em 2010 encerrou a sua atividade. Pouco tempo depois, a Câmara Municipal adquiriu as várias seções da Oliva, para, posteriormente, através dos seus departamentos da cultura, turismo e empreendedorismo criar uma estratégia de reabilitação.¹⁴

A criação deste novo projeto esteve diretamente relacionado com a *Sanjotec*. A *Sanjotec* que surgiu para dar resposta às necessidades dos empresários de São João da Madeira, e teve repercussões positivas. Prova disso é a construção de um novo edifício para albergar mais empresas. Neste seguimento e querendo inovar e dar resposta às necessidades da própria cidade, a Câmara Municipal de São João da Madeira decidiu utilizar os espaços da antiga fábrica da Oliva para criar uma incubadora de empresas e atrair o talento e a criatividade, bem como, criar um posto de turismo industrial com uma área de musealização para preservar a identidade de São João da Madeira.

¹⁴ Informação obtida em entrevista a Alexandra Alves, responsável pela gestão do *Welcome Center Turismo Industrial*.



Welcome Center Turismo Oliva Creative Factory



48. Complexo Oliva com *Oliva Creative Factory* e *Welcome Center Turismo Industrial*
49. Fotografia sobre o complexo da Oliva

Assim sendo, a intervenção geral na Oliva teve como objetivos: dinamizar a cultura de inovação entre cidadãos, a estrutura empresarial, a autarquia e as instituições de ensino locais.¹⁵ Assim, um dos objetivos da intervenção foi não deixar perder a memória daquele complexo industrial. O complexo necessitava de se reinventar e renascer uma vez mais como um lugar de trabalho, como um espaço de empregabilidade (*Ibidem*). Quanto mais tempo demorasse essa iniciativa por parte da Câmara Municipal, maior seria o estado de degradação do edifício quando fosse intervencionado e provavelmente precisaria de maiores investimentos.

A intervenção no complexo da Oliva pretendeu dar resposta a dois programas distintos. Uma parte do complexo foi destinada a incubadora de empresas e outros serviços ligados às indústrias criativas, localizados na antiga secção dos fabricos gerais e armazéns de fundidos da antiga Oliva e a outra parte destinou-se à criação de um núcleo museológico e ao turismo industrial, instalada na secção administrativa - a torre.

O edifício dos fabricos gerais e armazéns fundidos, com uma área de 7440 m² e implantação e 13795 m² de área construída (Freitas, 2014, p.97) distribuídos por três pisos, foi adaptado, em 2012, a “incubadora de empresas com capacidade para 15 [empresas], ou seja, 45 postos de trabalho e um centro para companhias que já não necessitam de incubação. Aqui caberão oito empresas e 38 postos de trabalho.” (Guimarães, 2012, p.2). Para além desta componente, integra também um museu de arte, que já recebeu exposições de importantes coleções de arte contemporânea em Portugal, bem como, um conservatório de dança que se mantém interligado com as escolas de São João da Madeira (Figueiredo, 2013, p.5).

A *Oliva Creative Factory*, nome atribuído à nova incubadora, vem reforçar a preocupação do Município de São João da Madeira com a sua população apostando assim, na reabilitação de um espaço devoluto, com proveito para a cidade pela sua capacidade inovadora e espírito empreendedor abrindo-se assim, novas portas para um lado mais criativo e com novas oportunidades para *freelancers*, que muitas vezes possuem bastante dificuldade em se lançarem no mundo do trabalho (Almeida, 2011, p.7).

Esta reutilização do espaço proporcionou uma melhoria para a cidade e população. Como refere Carla Relva¹⁶ esta área, pouco frequentada ou, de certo modo, mal frequentada atrai agora novos investidores e despertou-lhes interesse para ocuparem outras secções da antiga fábrica da Oliva, o que tem gerado uma grande dinâmica, segurança e o desenvolvimento da

¹⁵ Informação obtida através de uma entrevista a um dos responsáveis pelo espaço do *cowork*.

¹⁶ Carla Relva é um dos responsáveis pelo espaço do *cowork*.



50. Espaço do *cowork*

51. Espaço exterior dos fabricos gerais e armazéns fundidos da antiga Oliva

52. Espaço exterior dos fabricos gerais fundidos reconvertido em *Oliva Creative Factory*

área.¹⁷ Como exemplo desses novos investidores, principalmente, locais, refira-se a empresa ERT (Empresa Textil de São João da Madeira). Trata-se de uma empresa de têxteis de São João da Madeira que adquiriu recentemente uma antiga secção da antiga Olivam que ainda não foi reabilitada para lá instalar uma parte da sua produção com o objetivo de [citado por João Brandão¹⁸] “requalificar a área porque está no centro da cidade e deveria voltar a ser o mesmo espaço nobre que foi em tempos” (Familiar, 2017a), trazendo com esta reconversão 400 pessoas para as novas instalações (*ibidem*). Outra empresa local, a Tecmacal, uma empresa que produz equipamentos para diversos setores de atividade como publicidade, metalomecânica, construção, entre outros, comprou uma área da antiga Oliva pertencente à *Oliva Creative Factory* de 7000 m² que pretende reabilitar para instalar parte da sua produção e também uma secção de *showroom*. Esta intervenção pretende preservar a memória do edificado, sofrendo apenas obras exclusivamente de recuperação, uma vez que a escolha deste local prende-se no fato de [citado por Américo Santos¹⁹] considerar que “devemos à Oliva, bem como aos seus arquitetos e engenheiros a permanência desta fantástica obra, respeitando o traço original. Temos presente o verdadeiro sentimento do que foi a Oliva para o crescimento e desenvolvimento da cidade” (Familiar, 2017b).

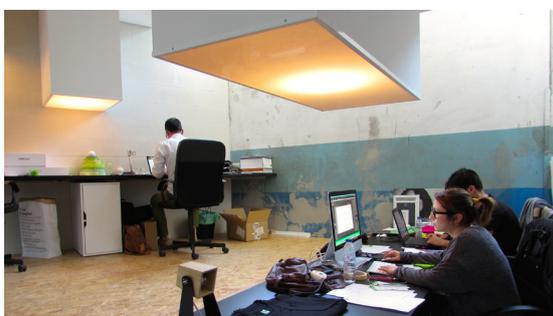
Por fim, é de evidenciar as repercussões da incubadora de empresas. Podemos assumir que a mesma veio oferecer postos de trabalho à população e mais do que isso, uma oportunidade para *freelancers* se estabelecerem no mercado. Neste momento, todos os espaços destinados a empresas numa fase mais avançada encontram-se ocupados, restando apenas algum espaço no *cowork*. A *Oliva Creative Factory* tem conseguido criar sinergias entre as empresas instaladas, a *Sanjotec* e o tecido empresarial local. O interligar destes três setores relativos aos negócios tem conseguido confluir interesses, e feito surgir novos projetos e eventos que no fundo têm marcado a posição da Oliva em São João da Madeira e na região.

Relativamente à preservação do edificado e da memória do que foi a antiga fábrica Oliva, a intervenção procurou salvaguardar a memória através da imagem mantendo a fachada de arquitetura moderna que caracterizava a Oliva. O seu interior ainda revela inúmeros traços da antiga Oliva que foram preservados como é o caso das cores plasmadas nos pilares, cores essas que serviam para identificar as várias secções da Oliva cada uma com a sua cor. Outro vestígio de um passado muito presente são alguns dos *grafitis* nas paredes que representam

¹⁷ Informação obtida através de uma entrevista a um dos responsáveis pelo espaço do *cowork*.

¹⁸ Joana Brandão é a gerente da ERT.

¹⁹ Américo Santos, sócio gerente do Grupo Tecmacal ao labor.



- 53. Comparação do edifício de armazéns e fabricos gerais antes e depois da reconversão
- 54. Sala da *Oliva Creative Factory* com marcas da antiga indústria
- 55. Placas da antiga indústria e *grafitti* referentes à época de abandono

uma fase menos boa da Oliva, marcando assim a sua fase de abandono, mas que atualmente fazem parte de todo um processo de transição e que a Câmara fez questão de não esquecer.

A outra parte da intervenção no complexo da Oliva, realizada em 2012, corresponde à reconversão da torre. A torre da Oliva, antiga administração e área fabril, foi reconvertida num Posto de Turismo Industrial e Museu do Calçado, designado de *Welcome Center Turismo Industrial*, com 1320 metros quadrados de área de implantação e, aproximadamente, 4520 metros quadrados de área de construção (Freitas, 2014, p.77).

Este museu nasce com o intuito de preservar a memória da indústria praticada durante muitos anos em São João da Madeira. Após o encerramento destas indústrias e como forma de preservar essa memória foi criado um museu do calçado. Existe ainda uma exposição permanente sobre a Oliva e um posto de turismo industrial, onde é possível obter informações de toda a área industrial de São João da Madeira, assim como marcar visitas aos mais diversificados complexos das empresas residentes.

Efetivamente, o posto de Turismo Industrial foi uma boa aposta por parte da Câmara, isto porque, como refere Carla Relva a cidade não tem um castelo, nem acesso a uma praia, mas tem a indústria que é a sua identidade²⁰. Com base nesta afirmação faz todo o sentido esta intervenção na torre da Oliva, que através do posto de Turismo Industrial dá a conhecer o *core* da cidade, e as suas indústrias. De modo a preservar a memória da antiga Oliva, criaram um museu da máquina de costura onde estão expostas máquinas relativas à sua produção e o respetivo produto final. Este espaço (*Welcome Center Turismo Industrial*) tem recebido inúmeras visitas e desde a sua inauguração já recebeu mais de 103 mil visitas, o que dá uma média de 20 mil por ano, tornando-se fundamental para promover a visibilidade da indústria de São João da Madeira.²¹

A exposição permanente da fábrica Oliva pretende preservar a memória da antiga indústria e é composta por uma maquete do complexo em grande escala, bem como um conjunto de painéis e objetos que ilustram a sua história e desenvolvimento.

No que diz respeito à imagem do edifício, as fachadas foram mantidas, apenas uma foi alterada para criar um novo acesso ao edifício uma vez que o original dava acesso direto à rua não havendo uma transição. No interior ocorreram algumas transformações, sendo uma

²⁰ Informação obtida através de uma entrevista a um dos responsáveis pelo espaço do *cowork*.

²¹ Informação obtida através de uma entrevista a Alexandra Alves, responsável pela gestão do *Welcome Center Turismo Industrial*.



56. Posto de Turismo Industrial e Museu do Calçado
57. Maquete da antiga Oliva
58. Exposição permanente da Oliva

delas a deslocação das instalações sanitárias.. No piso subterrâneo foi realizada uma ligação ao museu da chapelaria²² e procederam também à compartimentação do espaço para albergar o museu do calçado. O piso de entrada acede a uma mezzanine que foi toda construída de raiz para receber o posto de turismo industrial.

Concluindo, estas duas intervenções (que são uma só) foram fundamentais para a requalificação urbana desta área. Esta área que era uma zona que se encontrava desconexa do resto da cidade vê-se agora novamente integrada nas dinâmicas da cidade, desenvolvendo um espaço com qualidade de vida à população. Com estas reconversões, a Oliva que durante anos foi um motor de desenvolvimento da cidade e um gerador de postos de trabalho vê aqui novamente esse espírito empreendedor através da incubadora de empresas, salvaguardando a memória da antiga indústria quer pela preservação do edificado quer pela criação do museu da Oliva. Deste modo a Oliva tem conseguido levar a cabo:

[..] a preocupação de preservar esta marca tão vincada na memória coletiva sanjoanense e o desejo de homenagear gerações de pessoas que aí trabalharam, fazendo da Oliva um motor do progresso de S. João da Madeira e da região. (Figueiredo, 2013, p.5).

²² Museu de chapéus que se situa em frente ao *Welcome Center Turismo Industrial*.



59. Mapa de Implantação das antigas fábricas da Covilhã reabilitadas em universidade

3.2 Universidade da Beira Interior

Enquadramento da cidade e do complexo

As antigas fábricas de Lanifícios da cidade da Covilhã, convertidas no complexo da UBI, localizam-se nas margens da ribeira da Goldra²³ e da ribeira da Carpinteira²⁴. A cidade da Covilhã é conhecida como a “Manchester Portuguesa”, devido à sua dinâmica e qualidade na produção têxtil, que durante inúmeros anos se assumiu como o motor de desenvolvimento da cidade, originando assim, uma marca e acima de tudo uma memória que a cidade tem vindo a conservar, através das sucessivas reabilitações realizadas (Silva, 2005, p.7).

O desenvolvimento industrial da Covilhã desencadeou-se, essencialmente, pela existência das duas ribeiras: a da Goldra e a da Carpinteira (Pinheiro, 2009, p.98), uma vez que, a proximidade à água era fundamental para a energia hidráulica, utilizada nas atividades laneiras (Santo, 2010, p.25). Por outro lado, o desenvolvimento da mesma deveu-se à proximidade à Serra da Estrela²⁵, lugar de grande atividade pastorícia e consequente produção de lã, com o intuito da sua posterior utilização na atividade laneira (Folgado, 2009, p.89).

Devido a esta forte dependência das indústrias em relação aos rios, fixaram-se muitas fábricas nas suas margens, e por isso, a cidade desenvolve-se também em redor destes rios.

23 “É o sulco profundo que durante séculos vinca o limite natural de crescimento da cidade a sul [...]” (Matos, 2005, p.21) trata-se de um vale com uma pequena ribeira no fundo.

24 “É o sulco profundo que durante séculos vinca o limite natural de crescimento da cidade a norte.” (*Ibidem*, p.21) Trata-se de um vale com uma pequena ribeira no fundo.

25 A Serra da Estrela situa-se a sudoeste da Covilhã e marca o ponto mais alto de Portugal Continental, um local muito ligado à atividade pastorícia, especialmente, na época do Inverno.

Daí a Covilhã ficar conhecida como a “cidade-fábrica”, resultante do seu elevado número de fábricas no centro (Pinheiro, 2009, p.98). O monopólio da indústria têxtil é abordado no artigo *relações socioeconómicas numa região industrial em transformação – o Caso da Covilhã*, que refere que: “em 1972, a indústria têxtil do concelho compreendia 122 estabelecimentos” (Duarte, 1988, p.137). Hoje essa identidade – cidade-fábrica – permanece, em grande medida, fruto da conservação dos vários edifícios para a implantação do complexo da universidade.

Um dos grandes entraves ao desenvolvimento da indústria na Covilhã e que se reflete também em todas as outras zonas do interior resulta da sua localização, que exige que para se exportar os produtos via marítima ou aérea seja necessário percorrer uma grande distância até ao Porto ou Lisboa, o que encarece os produtos e o preço da matéria-prima (Silveira, 1863, p.44). Por outro lado, as cidades da zona litoral têm melhores acessos e maior facilidade de obter as matérias-primas com baixo custo de transporte, o que permite praticar preços mais baixos, fomentando assim uma desigualdade económica e levando à decadência da indústria no interior do país.

Recentemente a cidade foi palco de várias intervenções onde se destacam as intervenções decorrentes do programa Polis cujos objetivos específicos eram:

-desenvolver grandes operações integradas de requalificação urbana com uma forte componente valorização ambiental; -desenvolver ações que contribuam para a requalificação e revitalização de centros urbanos e que promovam a multifuncionalidade desses centros; - apoiar outras ações de requalificação que permitam melhorar a qualidade do ambiente urbano e valorizar a presença de elementos ambientais e estruturante tais como frentes de rio ou de costa; - apoiar iniciativas que visem aumentar as zonas verdes, promover áreas pedonais e condicionar o trânsito automóvel em centros urbanos. (Queirós & Vale, p.6).

A Covilhã vivia um grande crescimento demográfico, associado à implantação da nova universidade, o que justifica a participação no programa Polis (Milheiro, 2009, p.56). Foi delineado um plano de requalificação urbana por Teotónio Pereira e Luís Cabral, onde são estabelecidos cinco objetivos (Afonso, 2005, p10):

-Reabilitar os vales das ribeiras, despoluindo-as e criando espaços públicos; - Virar a cidade para esses vales criando novas frentes edificadas constituindo remate da estrutura urbana consolidada; -Revitalizar e preservar o património industrial destinando-lhe novos usos de âmbito cultural ou outros; - Favorecer a mobilidade pedonal através de pontes e meios mecânicos de acesso ao centro da cidade reduzindo a dependência do automóvel; -Corrigir o sistema de implantação de novas construções visando consolidar o tecido urbano e proporcionar a sua integração na paisagem. (Laia, 2014, p.105)



60. Ponte da Carpinteira
61. Elevador do jardim

Com base nestes objetivos foram executadas várias intervenções na cidade. A maior prioridade foi na mobilidade urbana, segundo Teotónio Pereira era necessário aplanar a cidade para que fosse possível dispensar o uso do automóvel e as pessoas facilmente se deslocassem em percursos pedonais (2005, p.25). Assim sendo, foi planeada a construção de cinco pontes: duas pontes na ribeira da Goldra e três na ribeira da Carpinteira, no entanto apenas se construiu uma ponte na ribeira da carpinteira²⁶, segundo projeto do arquiteto Carrilho da Graça. Ainda ao nível da mobilidade, que seria o âmbito mais importante, tendo em conta os grandes desníveis que existem, foram construídos alguns elevadores como o elevador de Santo André²⁷, o elevador da Goldra²⁸, o funicular de São João²⁹ e, por fim, o elevador do jardim³⁰.

Outra intervenção na cidade, foi a criação de áreas de lazer. Deste modo, foram construídos diversos jardins públicos de forma a embelezar a cidade e a desenvolver espaços de estar, assim como, reestruturar a rede viária em certas zonas da cidade, principalmente, nos vales da ribeira de Goldra onde se implantaram os pólos universitários. É de destacar a intervenção na zona da Goldra com a criação “[...]de uma rotunda, com vista a disciplinar a circulação viária, e de um espaço de encontro convívio, vocacionado para a numerosa população docente e discente que aí se cruza no dia-a-dia universitário” (Pereira, 2005, p.58).

Após uma breve análise à cidade, caracterizando-a e descrevendo algumas das intervenções mais importantes executadas na cidade importa analisar o processo de desenvolvimento das fábricas de Lanifícios da cidade da Covilhã – evidenciando a relação intrínseca entre a indústria e a cidade.

“Conhecer a Covilhã é também conhecer a história da indústria têxtil em Portugal” (Barata, 2011, p.7). A produção têxtil inicia-se na cidade no séc. XV, tendo em conta a posição interfluvial (Duarte, 1988, p.127), das ribeiras da Goldra e Carpinteira (Pinheiro, 2009, p.98).

O progresso da indústria dos lanifícios é referenciado já no séc. XVI. “Gil Vicente representou em Coimbra a «Tragicomédia pastoril da Serra da Estrela», onde é anunciada a chegada do pastor Gonçalo, que trazia presentes das Beiras, alguns deles «os muitos panos finos que se fazem lá», que viriam a ser qualificados como «panos covilhães»” (Oliveira, 2014, p.23).

26 Ponte sobre o vale da Carpinteira com objetivo a encurtar o percurso entre o bairro dos penedos Altos e o centro da cidade (Câmara Municipal da Covilhã, s.d).

27 Elevador para vencer o desnível entre a rua Augusto de Aguiar e rua Marquês d’Ávila e Bolama (*Ibidem*).

28 Elevador para vencer o desnível entre a rua Marquês d’Ávila e Bolama e Bolama (*Ibidem*).

29 Funicular par vencer o desnível entre a rua Mateu Fernandes e o largo de São João de Malta (*Ibidem*).

30 Elevador para vencer o desnível entre a avenida Marquês D’Ávila e Bolama e o jardim público (*Ibidem*).



62. Espaços interior da Fábrica Transformadora de Lãs

63. Interior de uma fábrica nos finais dos anos 40 do século XX - Tear de maquineta

Fruto de todo um empenho e, também, pelos serviços prestados ao país por parte dos trabalhadores dos lanifícios da Covilhã, em 1570, a Covilhã recebe de D. Sebastião o título de “notável” e foi promulgado “o Regimento dos Panos” (*Ibidem*) que incentiva à organização manufatureira e dá origem à primeira fábrica de lanifícios da Covilhã.

Em 1677, surge na ribeira da Carpinteira a primeira fábrica de lanifícios – a Fábrica de Sarjas e Baetas com o objetivo de reduzir a importação de tecidos no país. Possuía “manufatura régia dotada de pisão, tinte e prensa [...] foram contratados na Irlanda onze artesões especializados como estambradores, tecelões e fiandeiras, com o objetivo de incentivar a qualidade da produção local.” (Pinheiro & Silva, 2012, p.57).

Na primeira metade do séc. XVIII, começam a surgir os primeiros entraves à produção tecidos de lã na cidade da Covilhã como “o Tratado de Methuen, celebrado com Inglaterra, em 1703, no reinado de D. Pedro II [...] ao alargar as portas à concorrência estrangeira [...]” (*Ibidem*, p.58), que dava livre comércio aos panos de lã holandeses. Contudo, o que mais terá contribuído para o seu estado de retração terá sido a perseguição pela inquisição a que estavam sujeitos, as famílias dos cristãos-novos que estavam ligados à produção das lãs (*Ibidem*).

No sentido de diminuir estes entraves, em 1710, D. João V, estabelece com a Covilhã um compromisso de exclusividade no fabrico dos fardamentos para o exército. Deste modo, as fábricas da Covilhã passaram a dominar o monopólio da produção deste produto, o que foi uma grande oportunidade para a cidade se reerguer. Nesse momento, já muitas pessoas estavam ligadas a esta mono indústria que abrangia todo município (Duarte, 1988, p.125). Padre Cabral Pina refere que naquela altura trabalhavam 130 pessoas em 65 teares, 15 pizões nas duas ribeiras, que ocupavam mais 60 pessoas, 14 tendas para prensar que ocupavam mais 50 pessoas (Dias, 1962, p.48). Esta atividade era praticada não só em fábricas como também em casas, sendo que a maior parte da população se encontrava envolvida nesta atividade e foi daí que surgiu o ditado popular: “Se os filhos de Adão pecaram os da Covilhã sempre [todos] cardaram” (Dias, 1958, p.49), o que demonstra, indubitavelmente, a importância que os lanifícios tinham na cidade.

Mais tarde, em 1764, durante o reinado de José I, por intervenção direta do primeiro-ministro, o Marquês de Pombal, surgiu a Real Fábrica de Panos, instalada junto à ribeira da Goldra. A Real Fábrica passou a ser considerada como modelo, pois, continha as várias fases de fabrico, e “foi o motor do desenvolvimento da indústria local” (Pinheiro & Silva, 2012, p.59). A



64. Vista aérea sobre as fábrica do Vale da Goldra na Covilhã
65. Real Fábrica de Panos

construção deste edifício foi decisivamente importante para estruturar a malha urbana, visto que, é a partir da ribeira que a cidade se expande. De igual forma, foi também importante na formação da população, assumindo-se em conjunto com a Real Fábrica do Fundão como verdadeiras escolas, formando assim muitos trabalhadores (*Ibidem*).

Seguidamente, ao lado da Real Fábrica foram edificadas mais três fábricas que se uniram e promoveram o aumento da produção (Dias, 1954, p.21).

A partir desta época a Covilhã começou a crescer como monopólio da indústria têxtil. Em 1803, já se destacavam 5 fábricas com um número considerável de operários. Entre elas destacam-se, a Real Fábrica com mais de 3000 trabalhadores, distribuídos por duas Fábricas, uma na Covilhã e outra no Fundão. A fábrica de D. Brites Maria Theodora, ou como é conhecida, Real Fábrica da Viúva Castro, com 85 trabalhadores, situada na ribeira da Goldra como a Real Fábrica.

Por outro lado, na ribeira da Carpinteira existiam as fábricas do capitão-mor António José Raposo, com 268 trabalhadores, a do capitão Simão Pereira da Silva, com 119 trabalhadores e a de José Mendes da Veiga com 67 trabalhadores (Pinheiro & Silva, 2012, p.60).

Foram estas as primeiras grandes fábricas da Covilhã, que vieram a aplicar as inovações técnicas decorrentes da utilização da energia hidráulica que viriam a ser aplicadas pela primeira vez, a partir de 1815, na fábrica de Simão Pereira da Silva (Ibidem).

Com a chegada do séc. XIX, a Covilhã volta a sentir uma nova crise provocada por diferentes fatores. Como refere Joaquim Silveira³¹, faltava a Portugal um mercado permanente e bem fornecido, por outro lado, os maus caminhos que tinha que se percorrer até à Covilhã, dificultava a importação das matérias-primas e a exportação dos produtos (1863, pp.19,44,55). A par destes obstáculos, Elisa Pinheiro, aponta também o tratado do comércio de 1810, com a Inglaterra, o qual dava permissão à entrada de tecidos ingleses, e ainda a instabilidade nacional provocada pelas lutas liberais (2012, p.61).

Com a crise, vários industriais viram-se forçados a ter que emigrar, o que se tornou numa mais-valia, pois, aprenderam novas técnicas que posteriormente aplicaram na Covilhã. Entre os vários empreendedores, destacam-se António Correia Gomes e José Mendes Veiga. (Oliveira, 2014, p.24).

³¹ Joaquim Silveira foi um oficial do Exército Português, lente de Física e Química na Escola Politécnica de Lisboa. Distingui-se no campo da meteorologia e da política.



66. Fábrica Empresa Transformadora de Lãs

Alguns anos depois houve um conjunto de medidas que procuraram superar a crise, onde se destacam “a abolição do tratado de 1810, a promulgação das pautas alfandegárias de 1837 e a descida dos direitos de importação sobre máquinas têxteis, que favoreceu o apetrechamento da indústria” (Pinheiro & Silva, 2012, p. 61).

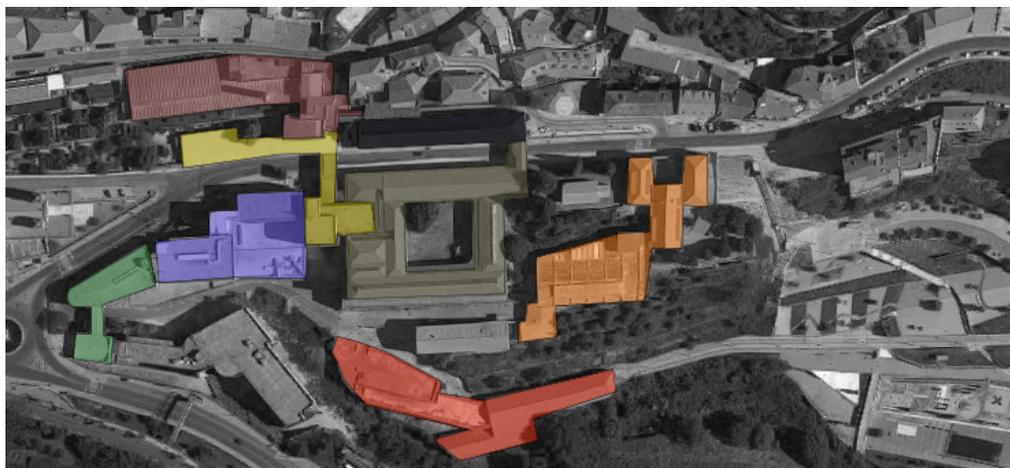
Em 1870, em grande medida devido ao desenvolvimento urbano provocado pela indústria dos lanifícios, a Covilhã é elevada Cidade. Como se pode analisar no Inquérito Industrial, de 1890, registavam-se 670 estabelecimentos, oficinas ou casas de trabalho das quais 93 eram consideradas fábricas. No início do séc. XX, a Covilhã vivia momentos de fulgor e de prosperidade tendo sido, construídas nesta época grandes fábricas, de salientar, na ribeira da Goldra: a fábrica de Manuel Maria Antunes em 1937; A Empresa Transformadora de Lans, fundada em 1920; Fábrica Nunes Jacinto em meados do séc. XIX, e na ribeira da Carpinteira Empresa Ernesto Cruz em 1946 e, em 1963 e, por fim, a empresa João Roque. Estas fábricas foram realmente importantes para o desenvolvimento da Covilhã.

A mono-industrialização³² da cidade constituiu um problema, devido, a uma não diversificação de mão-de-obra, bem como à “não racionalização dos processos de fabrico” (Duarte, 1988, p.132). Tudo isto levou a uma crise estrutural que viria a agravar-se no final do século XX. Por outro lado “a perda dos mercados coloniais, agravada pela ingente subida dos salários, precipitou o desfecho há muito anunciado” (Pinheiro, 2009, p.99) e muitas fábricas sentiram-se obrigadas a fechar as portas, colocando inúmeras pessoas no desemprego e deixando um conjunto de edifícios ao abandono. Segundo Duarte, “em 1940 a Covilhã representava 62% da produção nacional, em 1970 não produz mais de 35%” (Duarte, 1988, p.132), o que leva a acreditar que para além da concorrência estrangeira começa também a surgir no território português concorrência, provavelmente, com maior facilidade de importação e exportação, melhores acessibilidades, como também melhores processos de fabrico. Como consequência entre 1972 e 1984 fecharam 35 fábricas, o que deixa 2 234 pessoas sem trabalho (*Ibidem*, p.137).

Intervenção

No final do séc. XX, muitos edifícios ficaram devolutos o que se tornou num dos principais problemas da Covilhã, problema esse assumido pela Câmara Municipal que se apropriou

³² Até ao ano de 1977 o concelho da Covilhã pratica uma mono-indústria, visto que 87% do emprego industrial pertencia à indústria têxtil (Duarte, 1988, p.125).



- | | | | | | | | |
|---|--------------------------------------|---|--|---|---|---|---------------------|
|  | Centro de Informática |  | Universidade Beira Interior - Fase IV |  | Universidade Beira Interior - Fase I |  | Biblioteca Central |
|  | Universidade Beira Interior - Fase V |  | Universidade Beira Interior - Fase III |  | Universidade Beira Interior - Fase II e Tinturarias |  | Museu de Lanifícios |

destes espaços com o propósito de instalar uma universidade e introduzir novas dinâmicas na cidade atraindo população mais jovem e altamente qualificada. (Silva, 2005, p.9).

Assim sendo, em 1973, a Câmara Municipal cedeu as instalações da Real Fábrica de Panos e terrenos anexos (Pinheiro, 2009, p.99), para se instalar um novo instituto politécnico, o Instituto Universitário da Beira Interior. Este edifício “encontrava-se desocupado, depois de ter albergado durante largos anos uma instituição militar [...] que o desfiguraram profundamente [...]” (Cabral, 2005a, p.41). Foi então reabilitado para o novo programa.

Por razões de operacionalidade técnica e financeira, a intervenção foi dividida em 5 fases, que foram sendo desenvolvidas entre 1974 e 1991.

Inicialmente, a 1ª fase, que corresponde à reabilitação do edifício a Norte, serviu de acordo com o arquiteto, de experimentação, principalmente, da materialidade, para, posteriormente, aplicar a todo o conjunto de edifícios que iria reabilitar. Esta fase é constituída pela criação dos laboratórios, dos gabinetes e das salas de aula. (*Idem*, 2005b, p.63)

A 2ª fase de reconversão surgiu em 1977, com a reabilitação do edifício da zona sul da rua Marquês d'Ávila e Bolama, uma das principais e mais importantes da Covilhã. Nesta fase são descobertas as tinturarias da Real fábrica que foram preservados criando-se um núcleo museológico aberto ao público. Neste edifício foi implantada a administração, uma área museológica relativa às tinturarias, a sala de multimédia, um jardim, a reprografia e o auditório. (*Idem*, 2005c, p.79)

A 3ª fase, surge em 1982, com a expansão para este com a construção de um novo edifício de seis pisos, adjacente aos edifícios da fase I, para albergar as oficinas do curso têxtil, os laboratórios têxteis, central térmica e chaminé das caldeiras. Integra também outro núcleo museológico que corresponde aos antigos estendedouros das râmolas do sol, que à semelhança das tinturarias usa a mesma metodologia de salvaguarda. (*Idem*, 2005d, p.107)

Nos finais desta última fase, em 1986, o Instituto Universitário da Beira Interior, passou a designar-se Universidade de Beira Interior, transitando de Universidade privada para pública. Com esta mudança, “dos 122 alunos e 70 docentes, auxiliados por 49 funcionários, que se encontravam na instituição na passagem de Instituto Politécnico a IUBI, passou-se, em 1986, a dispor de 837 alunos, 111 docentes e 95 elementos do corpo não docente” (Silva, 2005, p.7). Esta transição teve um impacto positivo na economia da cidade proporcionado por este aumento de alunos e elementos do corpo docente. Fruto deste progresso da universidade,

assistiu-se ao desenvolvimento do setor terciário na cidade introduzindo outros tipos de atividades para além da mono-indústria. Como refere Isabel Duarte a cidade desperta para um novo contexto económico:

O importante crescimento do sector terciário na Covilhã tem também um sentido profundo no contexto social e económico da região. Ocupa 32,2% do emprego do concelho em 1981 e os anos 80 indicam ainda um crescimento no sector. Este fenómeno corresponde a um importante aumento da quantidade e diversidade de bens e serviços oferecidos à população. As instituições bancárias crescem, o comércio aumentou bastante e o emprego no sector público sofreu igualmente acréscimos. Com a criação da Universidade da Beira Interior, o alargamento do Liceu Nacional da Covilhã, que depois do 25 de Abril se confrontou com a necessidade de corresponder à então exigida «democratização do ensino», e o surgimento de diversos organismos públicos de apoio à indústria, à agricultura e à cultura da Cova da Beira, a Covilhã passou a centralizar um conjunto importante de serviços. A sua influência diversifica-se e alarga-se do ponto de vista socio-espacial (1988, p.137).

A Universidade continuou a sua expansão e, em 1988, surgiu a 4ª fase. Nesta etapa foi construído o edifício de remate das anteriores reconversões e também a criação de uma ponte de ligação entre o novo e o velho. Neste edifício encontrava-se as partes sociais como o bar dos alunos, as zonas exteriores e, por fim, as áreas administrativas e gabinetes. (Cabral, 2005e, p.127)

Estas quatro fases referidas foram planeadas desde o início do projeto, mas após a entrada em funcionamento da universidade é sentida a falta de certos serviços de apoio. Surgiu então a 5ª fase para implantar esses serviços. Em 1991, num espaço ocupado por ruínas de habitações, foi construído um novo edifício, com o propósito de oferecer dois auditórios e salas de aulas dedicadas à química. Um último edifício, ligado fisicamente aos volumes anteriores, destinado ao centro de informática, foi construído em 1996, no canto inferior esquerdo do complexo. Também este edifício não fazia parte da estratégia inicial, no entanto, tornou-se necessário pelo funcionamento da universidade. Este edifício foi construído a partir de uma remodelação de uma fábrica aproveitando apenas as paredes de granito, incluindo as instalações relativas à informática da Universidade e um auditório. (*Ibidem*, p.169)

Seguidamente, surgiu em 2001, a reabilitação do palacete de José Mendes Veiga, um edifício do século XIX, que foi reconvertido para a instalação da Biblioteca Central. Esta intervenção assentou em duas fases distintas: uma de reabilitação e outra de construção de um novo



o s .
us-
le-

68. Biblioteca Central
69. Museu de Lanifícios

corpo, onde podemos encontrar as grandes salas de leitura. (*Ibidem*, p.183)

Por fim, surge a recuperação da antiga Real Fábrica Veiga, uma fábrica que se encontrava em elevado estado de degradação, recuperada para albergar o museu de lanifícios. (*Ibidem*, p.249)

Tendo em conta que até meados dos anos 70 a Covilhã se caracterizava pela perda e envelhecimento da população, assim como pela falta de serviços e uma inferiorização ao nível quer de desenvolvimento económico quer urbano face às outras zonas do país (Duarte, 1988, p.125), esta iniciativa da Câmara Municipal da Covilhã, em desenvolver uma universidade foi de todo perspicaz, visto que o intuito seria o de trazer população jovem à cidade e a sua posterior fixação. Assim, pretendia-se criar desenvolvimento socioeconómico para a cidade e muito mais dinamismo, para fazer face às “[...] perdas contínuas de população, especialmente nos anos 60, onde se assiste a uma diminuição de quase -20%” (*Ibidem*, p.130). Esta diminuição da população resultava não só, da emigração, bem como, da necessidade da população se deslocar para a zona litoral, com o propósito de prosseguir os seus estudos e que acabava por lá se fixar uma vez que tinha mais oferta de trabalho.

Com a instalação do primeiro pólo universitário na ribeira da Goldra e devido à “vontade de acelerar a revitalização física da cidade” (Pinheiro, 2009, p.99), e “pelos resultados visíveis da primeira intervenção arquitetónica realizada na Real Fábrica de Panos” (*Ibidem*), foram criados mais pólos por toda a cidade, numa tentativa de também revitalizar outras zonas da urbe.

Nesse sentido, em finais da década de 80 o reitor, Passos Morgado decidiu comprar diversos edifícios e terrenos, que foram utilizados para expandir a universidade. Entre os vários edifícios são de referir a Empresa Transformadora de Lans que se tornaria num dos edifícios do polo II, a par da biblioteca central entre outros (Silva, 2005, p.8). Na ribeira da Carpinteira, o edifício Ernesto Cruz, constituído por dois corpos, passou a albergar as faculdades de Ciências Sociais e Humanas e de Artes e Letras. Mais tarde, foi também recuperada a empresa de João Roque Cabral para a instalação da Residência Universitária Pedro Álvares Cabral (Pinheiro, 2009, p.106). Por último, em 2004, deu-se início às obras para a construção da Faculdade de Ciências da Saúde, designado de Polo III o que perfaz uma área de intervenção de 134 500 metros quadrados.

Através destas reabilitações pode-se afirmar que “[...] a UBI foi a instituição que mais contribuiu para a preservação do património industrial da Covilhã” (*Ibidem*), para além, de ter



70. Biblioteca Municipal da Covilhã
71. Rotunda do Rato
72. Praça do município

contribuído para o desenvolvimento da cidade “se tivermos em consideração que a população estudantil ronda os 6600 alunos, podemos afirmar que a universidade é dos principais motores económicos, culturais e sociais da cidade [...]” (Barata, 2011, p.7). Para além deste número de alunos, é ainda de realçar que a Universidade conta com “964 trabalhadores, distribuídos por 714 docentes [...] e 249 não docentes que equivalem a 25,83% dos recursos humanos da Universidade”(UBI: *Relatório de Atividades e Contas Consolidadas* 2016, p.98) distribuídos pelos quatro polos.

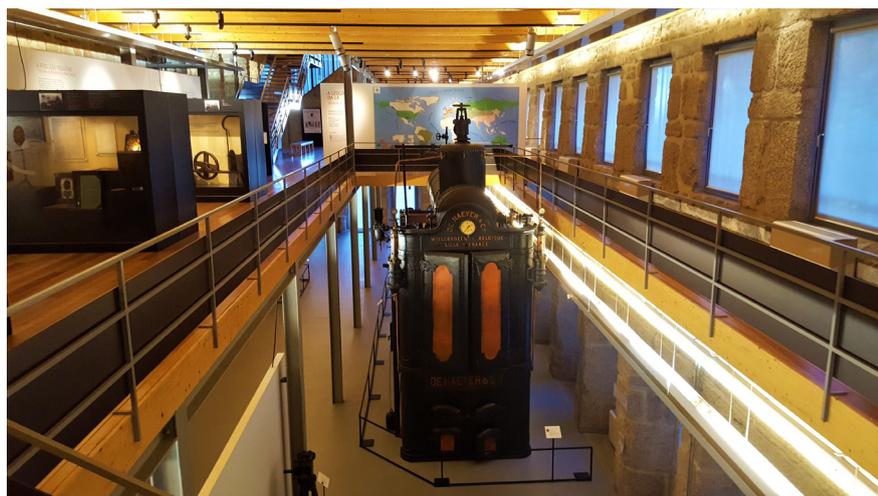
Este processo que se instaurou na Covilhã de aproveitamento de antigas estruturas tem revitalizado intensamente a vida coletiva da cidade, com a permanência de estudantes e professores, assim como, os serviços que foram gerados para as várias funções como as sete residências com capacidade para 813 camas, as quatro cantinas com 698 lugares sentados, as duas salas de buffet com 136 lugares sentados, os oito bares, os dois pavilhões gimnodesportivos, os dois campos de ténis e futebol, o centro de apoio médico e as duas lavandarias.

Há que referir também o acentuado crescimento de outros equipamento na cidade como, a biblioteca municipal, a central de camionagem, o pavilhão de feiras e exposições, as escolas, um grande hipermercado, alguns hotéis, o hospital, o complexo desportivo, o colégio e a escola de medicina.(UBI: *Relatório de Atividades e Contas Consolidadas* 2016, p.52)

No que se refere à preservação da memória e identidade coletiva do que foram as antigas fábricas de lanifícios da Covilhã, como já foi analisado, a cidade apostou na sua reabilitação, de forma a preservar a identidade do edificado e a memória para além de ter criado um museu com um novo conceito polinucleado.

Relativamente à preservação do edificado a intervenção demonstrou clara vontade de preservar a antiga memória das fábricas, tanto arquitetonicamente como estruturalmente (Cabral, 2005b, p.42) . É notável essa vontade de preservação em várias intervenções, nomeadamente, pelas fachadas que são quase sempre mantidas. Outro exemplo é a preservação de arcos, como o arco que se apresenta sobre a Rua Marquês de Ávila e Bolama. Houve também o cuidado de manter áreas ou marcas que estavam diretamente relacionadas com indústria laneira, como foi o caso das tinturarias e as râmolas do sol.

A proteção dessas mesmas áreas deu origem a um Museu do Território, inaugurado em 30 de Abril de 1992. Esse museu designado por polinucleado resulta da preservação *in situ*



- 73. Arco sobre a rua Marquês de Ávila e Bolama
- 74. Tinturarias da antiga Real Fábrica de Panos
- 75. Tinturarias da antiga Real Fábrica de Panos atualmente
- 76. Máquina a Vapor no Museu de Lanifícios

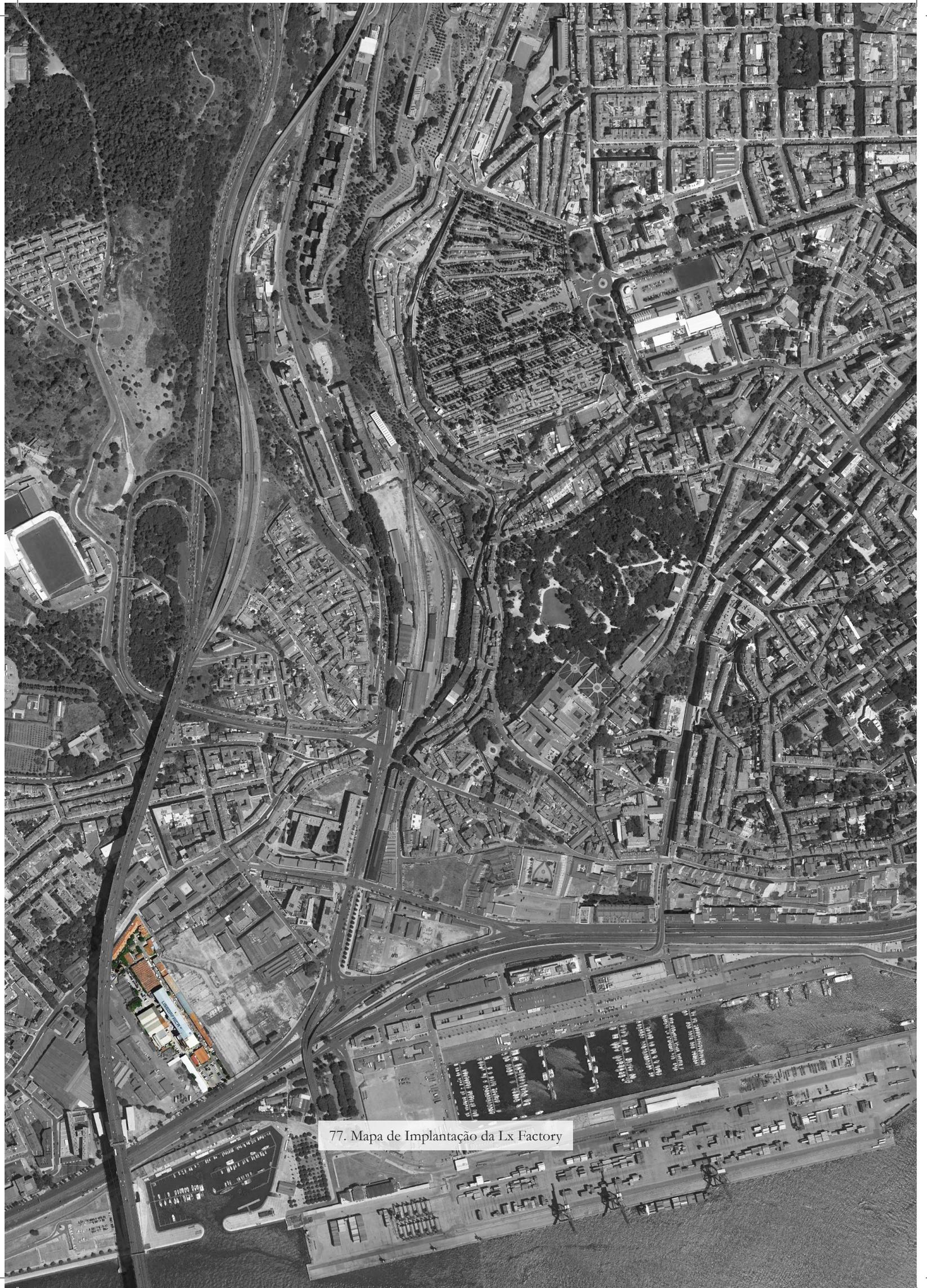
dos vestígios de uma das indústrias mais antigas, demonstrando-a desta forma autêntica e singular. (Pinheiro, 1998, p.119) O museu é constituído por três zonas: as tinturarias da Real Fábrica de Panos, onde eram tingidos os panos (Oliveira, 2014, p.46), as râmolas de sol que é “o maior exemplo de que os testemunhos da história podem, igualmente ser apreciados fora do espaço restrito de um museu” (*Ibidem*), este espaço é constituído por um conjunto de râmolas de sol³³ e um estendedouro de lã³⁴ (*Ibidem*) e por fim, o centro de documentação/arquivo histórico situado na antiga Real Fábrica Veiga, neste espaço encontra-se também a área administrativa, o núcleo de documentação e arquivo, um centro de interpretação da rota da lã, bem como os bens museológicos. Distribuídos por três salas com exposições permanentes onde se retrata a indústria dos lanifícios, conciliada com a exposição de 6.925 bens, onde grande parte resulta de doações de particulares ou de antigos empresários (*Ibidem*, pp.50-51).

Esta aposta num museu como forma de salvaguardar da memória da cidade e a partilha de um conhecimento sobre os antepassados tem tido bastante adesão da população já que em 2016, 11.065 pessoas visitaram os espaços do Museu de Lanifícios, o que se torna fundamental não só para revelar o passado mas também para sensibilizar para a importância da conservação da identidade de cada cidade e para a promoção da sua visibilidade (*UBI: Relatório de Atividades e Contas Consolidadas 2016*, p.56).

Em suma, a Universidade da Beira Interior teve um papel preponderante no desenvolvimento da cidade, quer por atrair nova população quer pela reconversão das antigas fábricas e como refere Nuno Teotónio Pereira: “com esta sábia política, não só tem sido preservado o património industrial, como tem sido consolidada e valorizada a envolvente do casco urbano, ao mesmo tempo que potencia a sua vitalidade, tudo resultante numa extraordinária mais-valia para a cidade” (Pereira, 2005, p.11) que pode ser aplicada a outras cidades que enfrentam o mesmo problema.

33 As râmolas de sol eram “equipamentos destinados à secagem e estiragem ao ar livre dos panos de lã, após saírem molhados dos lavouros, dos pisões e dos tintes” (Oliveira, 2014, p.46).

34 Os estendedouros de lã eram “espaços abertos [...] onde a lã em rama era espalhada para secar ao sol, depois de ter sido lavada” (*Ibidem*).



77. Mapa de Implantação da Lx Factory

3.3 *Lx Factory*

Enquadramento da cidade e complexo

A freguesia de Alcântara faz parte da cidade de Lisboa, situada junto ao rio, com a “aceleração do crescimento da área urbana e pela necessidade de ligações rodoviárias rápidas com os arredores.” (Ribeiro *et al*, 1981, p.9), foi sendo ocupada por um conjunto de indústrias.

Essa indústria, foi crucial para o desenvolvimento da freguesia. Alcântara apresentava características essenciais para a fixação e desenvolvimento das indústrias, como a sua proximidade à água para o seu processo produtivo, e a facilidade de importação de matérias primas e exportação dos produtos. Outra característica importante era a existência de uma ribeira que percorria o vale e facilitava a sua produção. (Matos, 1997, p.340)

Com base nestas características fixaram-se em Alcântara várias empresas, como é o caso da fábrica de Lanifícios Daupias, e a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses.

Esta nova dinâmica industrial trouxe alguns benefícios como inúmeros postos de emprego e uma maior concentração de pessoas na área, mas também despertou novos problemas como o alojamento. Para albergar a população fabril criaram-se os bairros operários muitos deles construídos pelas próprias empresas como é o caso dos bairros criados pela Fábrica de Fiação de Tecidos Lisbonenses ou A Companhia Lisbonense de Estamparia e Tinturaria de Algodões, contudo, houve também particulares que viram aqui uma nova forma de rendimento construindo bairros operários para arrendar à população fabril (*Ibidem*, p.341).



78. Vista sobre o vale de Alcântara em 1930

Sem dúvida que estas empresas foram um dos motores de desenvolvimento de Alcântara, com a criação de fábricas, de habitação e de alguns equipamentos e infraestruturas das quais se destacam a escola industrial e o caminho de ferro (Ribeiro *et al*, 1981, pp.59-67).

Atualmente, grande parte das fábricas deixou de laborar e os edifícios ficaram devolutos. O que conduziu à vontade de requalificar a área e foram feitos um conjunto de estudos e planos com o objetivo de desenvolver a área mas também perceber qual o melhor modo para intervir uma vez que estamos perante fábricas com um elevado valor histórico e arquitetónico. No entanto, tem-se verificado um crescimento no setor terciário, com a transformação de muitas fábricas em escritórios ou locais de comércio e lazer.

Uma das fábricas com maior importância na zona foi a fábrica da Companhia de Fiação de Tecidos Lisbonenses. No entanto também esta fábrica deixou de funcionar ficando devoluta. Mas importa compreender a história e a influência deste complexo no território e as respetivas repercussões na própria cidade/freguesia.

A Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense inicia-se ainda sem espaço próprio em 1838, “vogava entre vários negociantes da praça de Lisboa, em 1838, a ideia de se formar uma Companhia que explorasse na capital a indústria de fiação de tecelagem de algodões” (*Ibidem*, p.39). Esta Companhia surge nesse mesmo ano e inicia-se com a aquisição da fábrica do palácio do Malheiro estabelecida na travessa S. Francisco Xavier, onde funcionava um filatório de algodão. A aquisição deste imóvel não foi de todo a solução ideal para os dirigentes pois não era possível elaborar o produto até ao fim, apenas se podiam produzir atividades ligadas à fiação. No entanto, era necessário também uma área para a tecelagem e o estabelecimento adquirido não suportava todas as necessidades (Paulino, 2015, p75). De modo a colmatar este entrave a Companhia alugou o palácio dos condes de Camaride, na calçada de Santana, fronteiro à paroquial da Pena onde criou uma área para a tecelagem.

Contudo, suportar duas fábricas distintas acabou por se tornar insustentável era necessário, uma fábrica que pudesse incorporar todas as tarefas (Ribeiro *et al*, 1981, p.39).

Em 1840, a Companhia adquiriu o antigo convento de S. Francisco de Xabregas para lá concentrar toda a sua laboração num só edifício. A nova fábrica foi equipada com a primeira máquina a vapor dos arredores de Lisboa, aplicada à fiação e fabrico de tecidos de algodão, o que foi um feito importante para a fábrica. (*Ibidem*, p.42).



79. Fábrica de Fiação e Tecidos de Xabregas

Produzem maravilhosos resultados as máquinas movidas por vapor, e é bastante prazenteiro o ver que muitas pessoas curiosas de examinarem de perto o que têm ouvido preconizar, ficam admiradas, quando contemplam que no país já existe o que apenas lbes contava haver entre os mais civilizados (Ibidem).

Seguidamente, em prol do desenvolvimento da empresa e de modo a aumentar a secção de fição, foram construídos dois engenhos de cardar, que prometiam um desempenho similar aos franceses, e grande redução de custo.

Em 1842, uma nova direção assumiu o comando e implementou novas técnicas de produção que permitiram à empresa atingir o seu auge. O edifício também sofreu alterações, ampliaram-se as oficinas e construíram-se outras novas, assim como, se regulamentou e fiscalizou a produção, e foram feitos os reparos necessários no edifício (Ibidem).

Contudo, os tempos que se seguiram trouxeram debilidades para a empresa “Xabregas fora desde o principio uma fonte de desgostos para todos quantos andavam interessados nas prosperidades da empresa” (Ibidem, p.46), a falta de espaço para se expandir o negócio era evidente, o contrato de arrendamento, também comportava problemas de instabilidade e finalmente em 1844 deflagrou um incêndio nas instalações (Paulino, 2015, p.75). “A permanência [...] da empresa em Xabregas começava a tornar-se pesada. As exigências do fabrico eram cada vez maiores, e a Companhia para as satisfazer precisava a todo o momento, [...] fazer obras e reformas” (Ribeiro *et al*, 1981, p.47), era, portanto, necessário um novo edifício construído de raiz.

Sendo que o contrato de arrendamento com o Governo era de 15 anos e apenas tinham sido cumpridos 5 anos era, necessário encontrar quem pudesse concluir o contrato até ao final. Em 1845, o contrato foi trespassado aos Contratadores do Tabaco, Sabão e Pólvora (Carvalho, 2009, p.90). Enquanto, a Companhia procurava um terreno em que pudesse edificar a sua própria empresa alugou um espaço temporário, o palácio do marques de Nisa (Moita, 1994, p.473), pouco depois, apareceu “[...] um terreno, próximo à Junqueira. [...] Sobre esta planta livre poderia pois a Companhia fazer construir as edificações que precisasse, e como as precisasse, sem embargos de espécie alguma.” (Ribeiro *et al*, 1981, p.49).



80. Edifício principal da fábrica Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses

Foi então, em 1849, com projeto dos arquitetos João Pires da Fonte³⁵ e Luís Caetano Pedro Ávil³⁶ que se ergueu em Santo Amaro um edifício com quatro andares perpendicular ao rio de modo a privilegiar a exposição solar (Folgado, 2013, p.150). Com base no modelo de Manchester³⁷ edifica-se a fábrica de Santo Amaro com planta livre polivalente, que podia facilmente receber os diversos mecanismos para a produção da empresa. A sua principal inovação prendia-se com a necessidade de precaver incêndios implementando-se um sistema incombustível. Essa estrutura era composta “em cada piso [por] duas fileiras de colunas em ferro (3,3m de altura) o que suportava as vigas também de ferro. O sistema «corta-fogo» entre os pisos alcançava-se através de um pavimento composto por abobadilha de tijolo e vigota” (*Ibidem*, p.152), como refere António Santos “o projecto de instalação da unidade fabril veio diretamente de Inglaterra, acompanhado dos maquinismos e dos materiais de construção (ferro, aço e cimento)” (1996, p.251), mais uma vez aludindo à inspiração da obra em Manchester.

Entre 1851 e 1855, “a companhia mandou construir mais cinco edifícios, junto ao edifício principal, para que, aí se instalassem as máquinas de fiação e os teares mecânicos em ferro, que estavam dispersos em outras zonas da cidade. Este conjunto ficou conhecido como Fábrica Pequena” (Oliveira, 2007).

Efetivamente, esta fábrica foi fundamental para o desenvolvimento da zona de Alcântara. Em 1873, a Companhia de Fiação de Tecidos Lisbonenses, cria um bairro para a classe trabalhadora, constituído por um conjunto de habitações que albergava 49 famílias. Com as casas com rés-do-chão e dois andares, abrangendo uma área de 1239 metros quadrados. A Companhia praticava preços mais baixos no arrendamento o que levou à fixação da população fabril naquela área. (Ribeiro *et al*, 1981, pp.53-54). Com a fixação desta empresa, fomentou o desenvolvimento de Alcântara, “[...] gerou um grande desenvolvimento para a zona. Lá criaram-se inúmeros bairros operários” (Carvalho, 2009, p.81), não só da Companhia Fiação de Tecidos Lisbonenses, como também outras fábricas. Foi também implementada uma escola industrial, em 1884, a primeira em Lisboa, que teve tanta procura que, em 1890, foi mandada construir uma nova escola com maior capacidade.

35 “Pires da fonte era professor da Real Academia de Belas Artes de Lisboa e sócio fundador da Associação dos Arquitetos Civis Portugueses” (Moita, 1994, p.474).

36 “Pedro de Ávila foi um arquitecto de formação europeia. Teve como mestres os professores Pascal e André da Escola Imperial de Belas Artes de Paris [...]. O seu currículo e formação técnica (onde se incluía habilitação no Curso da Escola Politécnica de Lisboa) permitiu-lhe trabalhar no Ministério de Obras Públicas” (*Ibidem*, p.474).

37 Este modelo caracteriza-se pela criação de fábricas com pilares metálicos que permitiam espaços amplos.



81. Rua 1º de Maio com as respetivas habitações
pertencentes à fábrica Companhia Fiação de Tecidos Lisbonenses

Com a crise que se fez sentir em 1917, o conjunto fabril começou a sentir debilidades e a sociedade acaba por ser dissolvida, e os vários edifícios são vendidos à Companhia Industrial de Portugal e Colónias, no ano de 1918. Em 1961 o edifício voltou a entrar em funcionamento desta vez para albergar a Tipografia Anuário Comercial de Portugal, que acrescentou um piso. (Oliveira, 2007).

Em 1997, a Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial reconheceu que “a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses é imprescindível para uma história da industrialização em Portugal, não só pela sua escala como pelas novidades que trouxe à indústria têxtil, nomeadamente, ao nível arquitetónico. Não se poderá fazer a interpretação desta unidade industrial sem a inserir num horizonte tecnológico internacional, neste caso no sistema fabril de Manchester” (*Ibidem*, p.150), posto isto, propôs que este edifício fosse classificado como um imóvel de interesse nacional. Contudo, dez anos depois o Conselho Consultivo do Instituto de Gestão do Património Cultural, determinou que “o imóvel não alcançara o nível exigido para ser classificado com o grau de interesse nacional, remetendo a esfera para o município (Folgado, 2013, p.152). No entanto e apesar do modelo desta fábrica ter influenciado várias fábricas, como foi o caso da Fábrica da Companhia de Fiação de Tecidos de Xabregas, a Fábrica do Bemfoso de Henrique Taveira, a nova Fábrica da Companhia de Lanifícios de Arroios e a de Tecidos Oriental. O mesmo não chegou a ser classificado e em 2008, o complexo industrial foi convertido num cluster criativo designado por *Lx Factory*.

Intervenção

Com o passar dos anos a atividade industrial em Alcântara foi deixando de ter a importância que tinha outrora e as fábricas foram ficando devolutas contribuindo para que esta zona se tornasse numa área degradada e desqualificada. Desde 2002, que surge a vontade de reabilitar esta área e dar-lhe novos usos, para que se pudesse voltar a integrar nas dinâmicas da cidade.

Assim sendo surge o estudo urbanístico Alcântara XXI³⁸, onde surgiram vários planos sendo de realçar o do conceituado arquiteto Siza Vieira, que pretendia construir três torres com 105 metros de altura de modo a que se pudesse libertar o solo para espaços verdes e espaço público e ao mesmo tempo entrar em confronto com os pilares da ponte de 25 de Abril³⁹.

38 Alcântara XXI foi um estudo urbanístico com intuito de regenerar a área ribeirinha de Alcântara onde se situa a Companhia de Fiação de Tecidos Lisbonenses.

39 A ponte 25 de Abril é uma ponte que faz ligação entre Alcântara e Almada construída durante o período Salazar. Esta ponte contribuiu para fragmentação de Alcântara, uma vez que de certa forma, divide o território.



 Habitação  Serviços  Incubadora de Empresas

82. Complexo Companhia Fiação de Tecidos Lisbonenses com a Incubadora e os Serviços

Para além disso, pretendia também a construção de cinco edifícios e a reconversão da antiga fábrica de Lanifícios de Daupias, todo o resto seria demolido, incluindo a Companhia de Fiação de Tecidos Lisbonenses (Paulino, 2015, p.70).

Em 2004, surgiu uma nova proposta elaborada pelos arquitetos Aires Mateus e Frederico Valsassina, que pretendia “[...] compatibilizar os vários projetos de urbanização pensados para a zona de Alcântara e articulá-los com a reestruturação dos sistemas de acessibilidades [...]” (*Ibidem*, p.71).

Em 2005, enquanto se esperava a aprovação do plano Alcântara XXI, que podia vir a demorar anos, a empresa MainSide SGPS⁴⁰ comprou os edifícios da Companhia de Fiação de Tecidos Lisbonenses pelas suas características arquitetónicas (Tadeia, s.d, p.4) e porque “viu naquele espaço prestes a ser desativado uma oportunidade de investimento na área da reabilitação urbana” (Silva, 2012, p.628).

Mais tarde, em 2007, com a mudança dos órgãos autárquicos na Câmara Municipal de Lisboa o plano Alcântara XXI foi substituído por um novo plano de urbanização, considerando que o anterior “não respondia ao objectivo de coesão territorializar consagrado no Plano Regional de Ordenamento do Território da Área Metropolitana de Lisboa” (PROTAML) (Paulino, 2015, p.72).

Esse novo plano pretende aumentar o número de moradores e trabalhadores, bem como o crescimento de áreas residenciais e empresariais. A nível de equipamentos públicos prevê a construção de centros de terceira idade, creches, um centro de saúde e uma biblioteca (*Ibidem*, p.73).

A área onde se encontra a Companhia de Fiação de Tecidos Lisbonenses é classificada como “espaços centrais e residenciais a consolidar” (*Ibidem*, p.74), e prevê-se, “a criação de novas acessibilidades” (*Ibidem*). O plano urbano prevê a preservação de quase todo o complexo fabril mencionado, sendo destinado para o setor terciário, designadamente escritórios, comércio e equipamentos estruturantes (*Ibidem*).

Em 2008, a MainSide iniciou um projeto provisório de reabilitação do antigo complexo da Companhia de Fiação de Tecidos Lisbonenses, designado de *Lx Factory*, com o objetivo

40 A MainSide SGPS “é uma empresa que desenvolve projetos imobiliários na área do investimento [...] com uma vocação específica de desenvolver projetos ligadas à reabilitação urbana no centro da cidade” (*Dossier da atualidade*, s.d, p.16). A empresa apostou nesta área uma vez que, consideravam que a reabilitação trazia mais valias para a cidade (*Ibidem*).



83. Edifício principal e armazém
84. Edifício principal
85. Espaço de convívio

de rentabilizar o espaço e preservar o edificado, através da ocupação humana (*Dossier da atualidade*, s.d, p.17).

Com base nestas premissas, a MainSide transformou o complexo da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses, com uma área de 23 000 metros quadrados, num “[...] organismo vivo, que se transforma de acordo com as necessidades de quem vem à sua procura. Por outro lado é uma verdadeira solução contra a crise económica [...]” (*Lx Factory*, s.d, p.16).

Surgiu um espaço experimental e versátil, que permitiu interligar diversas atividades criando, assim, um complexo multifacetado. Os edificados do perímetro são destinados às zonas comerciais e à restauração e o edifício central, nos pisos superiores, destinado aos espaços de trabalho e de *cowork*.

O interior do edifício central caracterizado por amplas naves, foi dividido por paredes divisórias de gesso cartonado, facilmente moldáveis e personalizáveis de acordo com os seus utilizadores, mantendo as características do local enquanto espaço industrial (Salazar & Loureiro, 2009, pp.33-34).

A sua progressiva apropriação partiu do princípio de máximo aproveitamento do interior, “fechando as áreas de acordo com o que as pessoas procuravam, ou seja, se vinham pessoas que precisavam de 20 metros quadrados, nós definíamos 20 metros quadrados, se precisavam de 100, nós definíamos 100” (Filipa Batista citada por Paulino, 2015, p.148).

Visto como referência internacional, devido à facilidade e rapidez de montagem, a *Lx Factory* teve um forte impacto na zona de Alcântara, e da cidade de Lisboa, como refere o engenheiro Queirós Carvalho:

Para além da devolução de um espaço à cidade, estamos a falar de uma área que não rendia nada e que agora alberga um conjunto de empresas e particulares que produzem, que fatura, que paga impostos. Isto cria uma dinâmica económica que ultrapassa a escala da cidade, a todos os níveis (Dossier da atualidade, s.d, p.19).

Essa dinâmica económica é criada, em grande parte, pelo sucesso da incubadora de empresas, que dá lugar a inúmeras empresas embrionárias que necessitavam de algum apoio para que se pudessem afirmar no mercado de trabalho (Folgado, 2013, p.150) e também pelo comércio. Comércio esse que dá grande rentabilidade ao espaço já que atrai a população da região e até turistas, por ser polivalente e dinâmico.



86. Interior do edifício principal da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses antes da intervenção
87. Interior do edifício principal da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses depois da intervenção

A nível de ocupação, em janeiro de 2008 encontravam-se aqui instaladas 55 empresas e 15 estavam em fase de negociação (Salazar & Loureiro, 2009, p.32), “em Maio de 2009, eram já mais de 70 as empresas instaladas no local e a taxa de ocupação dos espaços da antiga fábrica rondava os 75%” (Alfaia, 2009, p.78) e atualmente é bastante requisitado, com uma grande lista de espera (*Lx Factory*, s.d, p.16).

Por outro lado, a zona comercial é utilizada para grandes exposições como a exposição de Peter Zumthor, o que promove o espaço (Paulino, 2015, p.95), assim como, para concertos, debate e conferências, como acontece recorrentemente na livraria *Ler Devagar* (Tadeia, s.d, p.4). Tudo isto proporciona um “movimento criativo”, isto é, “a procura de diversos serviços, a dinamização do comércio de rua” (*Ibidem*).

Analisando a forma como foram abordadas as questões da memória e identidade este caso não criou nenhum núcleo museológico mas, que de certa forma e apesar da importância desta indústria na cidade a sua atividade (produção têxtil e depois gráfica) não foi estruturante para a construção da identidade da cidade. A sua importância deve-se em grande medida ao modelo arquitetónico do edifício e ao conjunto de fábricas da zona que contribuíram para o desenvolvimento da área, não só se restringindo a uma única fábrica nem a uma atividade. O que aqui se preserva é o património arquitetónico e industrial e a memória à atividade económica, responsável pelo dinamismo do lugar. Neste sentido, foi mantido algum espólio, existindo um conjunto de máquinas da antiga fábrica espalhados pelos corredores do edifício principal, remetendo para a função industrial.

A intenção nesta reconversão foi segundo Queirós Carvalho manter tudo o que fizesse parte de uma memória do edificado, que estava relativamente bem conservado embora alguns edifícios precisassem de uma reabilitação com mais cautela. É por isso, decidido pela empresa:

consolidar, o património existente, conservar o que estava, e limpar tudo o que não tinha a ver com o património [...] o que fizemos foi salvaguardar aquele espaço para o presente, e depois, fomos buscar as pessoas certas que o valorizassem num projecto dinâmico que se queria ali criar
(*Dossier da atualidade*, s.d, p.16).

Através deste testemunho percebemos que a prioridade da intervenção, foi conservar o edificado, para que a população guardasse a memória daquele espaço que foi um impulsionador do desenvolvimento da zona de Alcântara, não tanto qual o tipo de produto produzido.



88. Entrada de uma cafetaria
89. Entrada para uma loja de materiais

Como forma de consolidar e conservar o património, a intervenção tornou-se mínima, e com grande contenção de custos, daí no início não ter havido uma intervenção geral no complexo. O edifício ia sendo reaproveitado, progressivamente, conforme as necessidades dos novos projetos que iam surgindo para que também não pusesse em causa a sustentabilidade do projeto. (Paulino, 2015, p.87).

Analisando especificamente a intervenção realizada pelos arquitetos Ana Duarte Pinto e João Manuel Alves é notório o cuidado que houve na preservação do edificado e a simplicidade com que abordaram a intervenção, mantendo os volumes, materialidade e fenestração. Em todo o edifício é visível um ato de parcimónia a nível de recursos, com a reutilização de materiais como portas ou elementos construtivos. O edifício apresenta-se na sua forma mais crua e bela, demonstrando realmente a sua essência. A contemporaneidade é assinalada pelos novos elementos, pela cor e pela iluminação artificial (Romano, 2009, pp.31-32).

Em suma, a MainSide teve aqui um papel fundamental quer no desenvolvimento desta área quer na manutenção do mesmo, tornando possível a conservação do edificado, enquanto devolve um novo espaço à cidade. O que se tornou num grande exemplo e tem vindo a mostrar que para reabilitar uma área e criar dinâmica social como era pretendido, não é necessário demolir os edifícios que carregam em si a memória de um espaço de trabalho e que foram importantes para o desenvolvimento da cidade, como propunha as propostas do programa Alcântara XXI, mas sim passa por integrar estes espaços na cidade contemporânea readaptando-os. Deste modo, foi possível criar um novo e atrativo espaço de trabalho e de lazer.

3.4 Reflexão crítica sobre os casos estudados

Após a análise detalhada deste estudo de casos interessa fazer uma leitura comparativa para perceber aspetos em comum e diferenças entre os casos estudados, de modo, a identificar alguns pontos fundamentais para a reflexão e elaboração da estratégia que se seguem no próximo capítulo.

Interessa, primeiro, referir que todos os casos tiveram uma atuação direta dos órgãos do Município com o objetivo de preservar a memória e a identidade que está associada a estes complexos. Apesar de a intervenção no complexo da Companhia de Fiação de Tecidos Lisbonenses acabar por ser realizada por um privado, houve, anteriormente, uma iniciativa por parte da Câmara Municipal de Lisboa ao integrar este complexo no plano de urbanização que propõe a reabilitação e refuncionalização pelo setor terciário, o que acaba por acontecer através da MainSide. De salientar ainda a rapidez de atuação que permite preservar os instrumentos de produção (máquinas), e encontrar o legado em melhor estado de conservação para que os custos da intervenção não sejam tão elevados.

Abordando os usos dos vários casos estudados encontramos aqui uma similaridade entre *Lx Factory* e *Oliva Creative Factory*, já que ambos apostam na incubação de empresas, porém bastantes distintas. É de destacar o papel deste tipo de programas que, como referido no caso da *Oliva Creative Factory*, promove o empreendedorismo, principalmente, na população jovem o que abre portas para o mundo do trabalho, apostando numa área mais criativa, enquanto se preserva a memória de um local de trabalho.

A *Lx Factory* torna-se muito mais dinâmica, uma vez que funciona no horário diurno e noturno, já que a parte da restauração permite atrair a população após o horário de trabalho.

A *Oliva Creative Factory* apresenta-se como um espaço mais definido pois foi estruturado e pensado antes de entrar em funcionamento, por sua vez a *Lx Factory*, devido ao seu caráter experimental, tem uma utilização mais versátil e acolhe várias atividades, o que torna o espaço mais dinâmico e com maior afluência.

É de salientar, que a reabilitação destes complexos aplicando determinado uso parte sempre de uma estratégia por parte do município em que conhecendo as necessidades da cidade refuncionaliza estes espaços promovendo o desenvolvimento da cidade. Isso pode ser verificado nos três estudos de casos, mas de forma mais evidenciada no caso da *Oliva Creative Factory* e na implantação da Universidade da Beira Interior. No primeiro caso o sucesso do centro tecnológico - *Sanjotec* - leva o município a propor uma incubadora criativa e espaços ligados à cultura, para criar um novo dinamismo e desenvolver novas áreas. No segundo caso a implantação da Universidade da Beira Interior parte de uma estratégia de desenvolvimento da cidade combatendo a inferiorização e repovoando a cidade com população jovem.

Relativamente aos benefícios para as cidades depois destas intervenções, são vários os aspetos em comum. Um deles é a capacidade que este tipo de intervenção tem de gerar postos de trabalho. Todas estas áreas tinham sido indústrias, fonte de emprego e motor de desenvolvimento das cidades e com estes novos usos, essa capacidade regressou, oferecendo à população novos postos de trabalho.

Para além disso, todas as intervenções analisadas contribuíram para uma melhoria do contexto urbano, em maior evidência, na Covilhã, onde as intervenções se diversificaram pela cidade, atraindo novos investimentos, designadamente, no setor terciário com a construção de novos equipamentos. Em suma, todas estas intervenções tiveram um papel importante quer no desenvolvimento desta área quer na manutenção do mesmo.

Por fim, todas as intervenções analisadas procuraram manter a identidade dos complexos ao preservarem a imagem do edifício industrial, com o intuito de não esquecer a época da industrialização, que foi importante pela evolução de técnicas e do desenvolvimento social e económico. No que concerne à memória das indústrias tanto a *Oliva Creative Factory* e a Universidade da Beira Interior, criaram núcleos museológicos com o objetivo de preservar e divulgar os processos produtivos, bem como a narrativa do que foi o desenvolvimento da

fábrica e a sua preponderância na cidade. De evidenciar o museu da Covilhã que garante uma preservação *in situ*, o que claramente favorece a sua preservação tornando-a mais próxima do original.

Concluindo, qualquer uma das intervenções analisadas manteve os antigos complexos como local de trabalho e contribuíram novamente para o desenvolvimento da cidade, preservando o seu edificado e dando-lhe um novo uso. Dois dos casos, uma vez que são representativos de uma indústria estruturante para a cidade, foram ainda mais além conservando, os processos de produção e a sua evolução.

**DA REFLEXÃO À ELABORAÇÃO DE UMA
ESTRATÉGIA PARA O CENTRO VIDREIRO**

4.1 Reflexão sobre a demolição da fábrica principal do Centro Vidreiro

Após a análise de outros casos, com o intuito de entender de que modo é possível atuar em antigos complexos industriais devoluto, apresento uma reflexão crítica sobre o que poderia ter sido feito e o que foi feito no Centro Vidreiro para preservar o património industrial existente.

Tendo em conta que o Centro Vidreiro pertence à zona Nordeste da cidade e se apresenta numa das artérias principais de ligação entre a cidade e as suas freguesias, tinha (e ainda tem) muito potencial para ser objeto de uma estratégia de revitalização desta zona.

Mas para que tal acontecesse, era necessário que tivesse havido a preocupação por parte do município em reconhecer o complexo como edifício importante e com valor para a cidade e, assim, adquiri-lo. Deste modo, o complexo podia ter integrado um projeto de reabilitação da área, salvaguardando a sua memória como espaço de desenvolvimento para a cidade e também a sua identidade formal.

A sua reutilização, como verificado nos casos estudados, só faz sentido se for para contributo da cidade e se responder às novas necessidades da cidade, porque como refere Walter Rossa as cidades são organismos em permanente mutação (2015, p.13). Uma vez que aquele edifício perdeu a sua atividade, é necessário refuncionaliza-lo para que não perca as relações e o impacto que teve no tecido urbano, fazendo perpetuar a sua memória como um local de trabalho.

De acordo com esta ideia é fundamental perceber o que a cidade necessitava no momento



90. Vista aérea sobre a zona norte do complexo

do encerramento. Segundo o Plano Diretor Municipal de 1995, que antecede o encerramento do complexo, a cidade necessitava de se reforçar culturalmente “[...] incrementando as representações culturais e desportivas, consolidando equipamentos de cultura, de saúde, de serviços, de lazer, de desporto, etc., dinamizando a vida associativa e representativa dos valores concelhios” (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 1955, p.31). Com base neste objetivo, o município enumera um conjunto de edifícios que acha necessário criar, entre os quais consta um Centro Cultural “capaz de albergar biblioteca, auditório municipal, áreas de exposições, centros de actividade teatral” (*Ibidem*). Considero que um equipamento deste carácter, poderia ter sido criado no antigo complexo fabril do Centro Vidreiro.

Deste modo, o local poderia ter renascido como elemento fundamental de desenvolvimento da cidade, mantendo e preservando o edifício que simboliza a indústria vidreira na região. Associado a este novo uso e visto que se trata de um edifício que foi estruturante e assumiu um papel preponderante na cidade, tornar-se-ia fundamental criar uma componente museológica à semelhança da realizada nas tinturarias e no Museu de Lanifícios da Covilhã. Para tal, seria necessário criar uma zona de documentação, onde se pudesse criar uma exposição permanente sobre a evolução do vidro e das técnicas utilizadas, bem como, da restante indústria da cidade. Por fim, a preservação *in situ* de objetos de produção como os fornos tornar-se-ia importante e poderia ser articulada com o resto do espaço.

Com a reutilização do complexo como centro cultural o edifício poderia fomentar o desenvolvimento e as dinâmicas locais e poderia ter criado um grande dinamismo na área, e no parque da cidade, que se situa junto ao antigo complexo e que atualmente se encontra praticamente esquecido. Como se verificou nos casos estudados uma ação de refuncionalização e reconversão fomenta o investimento na área quer por parte do público quer por parte do privado, dinamizando toda a área, o que fomentaria um maior investimento nesta área.

No entanto, a estratégia da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis não foi esta, antes aprovando construção de cem apartamentos no local da fábrica principal, contribuindo assim para a demolição quase integral do complexo. Apesar de criar uma zona habitacional e, desse modo aumentar a fixação de população na área, despertou alguns problemas, principalmente para quem trabalhou na fábrica e que sente que a memória do complexo não foi preservada e que aquele lugar e edifício mereciam outro tipo de tratamento.

Quando se refere a identidade formal de um edificado, considera-se a morfologia que nos permite identificar um lugar. Neste caso em particular, a reurbanização do Centro Vidreiro,

a-



91. Forno do Berço Vidreiro
92. Produção de vidro à mão no Berço Vidreiro

com a construção de um conjunto de apartamentos, conduziu à perda da identidade do lugar.

Esta intervenção demoliu grande parte do complexo, mantendo apenas o Centro Vulcano e a secção de escritórios e é sobre estas áreas que ainda restam que ainda podemos refletir e para as quais ainda é possível construir uma estratégia de intervenção capaz de regenerar a área e preservar a memória do que foi o complexo do Centro Vidreiro.

Em 2007, o Município, com o intuito de reavivar a memória da indústria do vidro, criou um centro interpretativo do vidro (Berço Vidreiro) ocupando um pequeno edifício que não constitui parte do Centro Vidreiro e cuja intervenção custou ao município 50 mil euros. Valor este que poderia ter sido usado para reabilitar o Centro Vulcano. Desse modo, mantinha-se a identidade do edifício e a memória *in situ*, como acontece nos casos da Oliva Creative Factory e a Universidade da Beira Interior.

Embora o espaço criado tente recriar a produção do vidro, fá-lo de um modo muito elementar. As máquinas e fornos usados são de pequenas dimensões e com novos modelos que acabam por deturpar o que era a produção do vidro. A opção de criação destes espaços torna-se ainda mais discutível por não terem utilizado os três fornos da antiga indústria, existentes no Centro Vulcano (na parte mais a sul do complexo). Se assim tivesse sido feito, dignificariam e retratariam muito melhor a produção do vidro e permitiriam uma reprodução fidedigna de como se produzia o vidro e seria possível conservar este património.

Atualmente, mantém-se o mesmo tipo de atuação, e estão a ser investidos cerca de 3,2 milhões de euros na reabilitação e ampliação do palacete da La Salette (Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2011), para albergar o Centro Interpretativo do Vidro. O novo Centro ocupará o palacete e um novo corpo de forma a poder integrar todos os serviços propostos, que se entendem como fundamentais para a perpetuação da memória.

O antigo palacete, pertencente ao antigo dono do Centro Vidreiro, reserva-se aos “espaços e atividades que se relacionem com aspetos culturais, regionais e históricos do Centro de Interpretação” (*programa*, s.d). Este espaço albergará uma loja para venda de produtos, zonas de lazer e espaço para exposições temporárias. O segundo corpo será constituído por um novo edifício que incluirá as atividades de divulgação do vidro, através da criação de salas de experimentação, salas de exposição, auditório e um anfiteatro polivalente (*Ibidem*).



93. Fornos do Centro Vulcano

94. Vista aérea sobre a antiga administração e Centro Vulcano do complexo Centro Vidreiro

Apesar do palacete ser parte integrante do espólio do Centro Vidreiro e, por isso, fazer sentido a sua refuncionalização ligada à indústria do vidro, a construção de um novo edifício anexo para albergar a componente mais prática do projeto, é algo que consideramos desproporcionado e desnecessário, visto que ainda existem edifícios da antiga fábrica do Centro Vidreiro com capacidade para se adaptar ao programa pretendido e o antigo Centro Vulcano ainda alberga parte da maquinaria e dos fornos que hoje estão ao abandono. Nesse sentido, tornar-se-ia pertinente integrar o Centro Vulcano neste projeto, onde os fornos poderiam ser utilizados para a componente prática que este programa exige e, desse modo, os visitantes estariam em contato com os objetos antigos. Por outro lado, esta medida permitia criar um museu territorial, com vários núcleos e um maior envolvimento de toda a cidade e, acima de tudo, preservando um edifício que está diretamente ligado à produção do vidro.

Em suma, pretende-se com estas reflexões demonstrar que se tem agido de forma incorreta perante um edifício que foi estruturante na cidade e que na visão dos Oliveirenses merecia outro tratamento (Oliveira, 2002). Assim sendo, o investimento que têm sido alvos outros edifícios fora do complexo poderia ter sido utilizado para intervir no que ainda existe e que apresenta condições para tal, o Centro Vidreiro.

A ausência de uma estratégia para o Centro Vidreiro foi uma oportunidade perdida, de estruturar a área, por outro lado a reutilização teria sido vantajosa pela capacidade que estes edifícios têm em se adaptar às novas exigências da cidade. Como vimos nos casos analisados, a reconversão destes antigos espaços industriais é um meio de economizar recursos e ainda preservar edifícios de valor histórico que representam um período importante para a cidade.

4.2 Uma estratégia de intervenção para o atual Centro Vidreiro

Após algumas reflexões sobre a área em estudo e depois de analisados os instrumentos de planeamento urbanístico em vigor para a área (abordados no capítulo 2.4), considerou-se, pertinente definir uma estratégia de intervenção que pudesse vir a ser adotada pelo município.

O objetivo é regenerar a área do complexo e a envolvente próxima e integrá-la novamente nas dinâmicas da cidade, através da refuncionalização do edifício industrial e da utilização dos espaços vazios envolventes. Neste sentido e tendo a consciência que este é um trabalho académico e, por isso, não considera outros campos de conhecimento fundamentais para uma ação de planeamento deste tipo, como a economia, a engenharia, entre outros, definimos uma estratégia de intervenção a partir da definição de três eixos estratégicos e um conjunto de ações/medidas que se consideram pertinentes para uma melhoria da qualidade de vida local, bem como, para a preservação das estruturas fundamentais para a compreensão da história da cidade.

Importa ainda ter em conta que esta estratégia é o resultado da minha análise da cidade e do sítio, efetuada num tempo limitado, e que por isso pode não responder a todas as necessidades da área, mas corresponde às necessidades por mim detetadas.

De modo a reintegrar a área em estudo, torna-se fundamental ter em consideração a carência na cidade de serviços relacionados com o empreendedorismo e a inovação. Como residente de Oliveira de Azeméis, verifico a escassez de equipamentos de apoio à inovação e empreendedorismo. O próprio município já reconheceu esse entrave ao seu desenvolvimento e, nesse sentido, um dos objetivos exposto no Plano Diretor Municipal

CRIAÇÃO DE UM POLO DE EMPREENDEDORISMO E INOVAÇÃO		
REABILITAÇÃO E REFUNCIONALIZAÇÃO DO ANTIGO CENTRO VIDREIRO	REFORÇO DAS LIGAÇÕES E DA MOBILIDADE	VALORIZAÇÃO E SALVAGUARDA DO PATRIMÓNIO LOCAL
Reclassificação do PDM	Criação da ciclovia e zona pedonal	Reabilitação do edifício
Incubadora de empresas	Requalificação das ligações à cidade	Criação de um núcleo museológico
Pavilhão polivalente	Integração da área nos sistemas de transporte urbanos	Divulgação e marketing
Equipamentos de apoio		

passa pela “qualificação e reforço da competitividade económica do Município de Oliveira de Azeméis, perspetivando a indústria como motor de desenvolvimento”(Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, 2013, p.13), no qual propõe uma linha de ação em que se incentiva a inovação e o empreendedorismo.

A cidade embora aposte em formação de apoio às empresas residentes através do Cenfim e da ESAN, não oferece depois um equipamento de apoio como sucede em São João da Madeira com a *Sanjotec*, com a qual a ESAN tem protocolos. Perante isto, é urgente a criação de um equipamento de apoio à inovação onde as novas empresas se possam instalar e desenvolver.

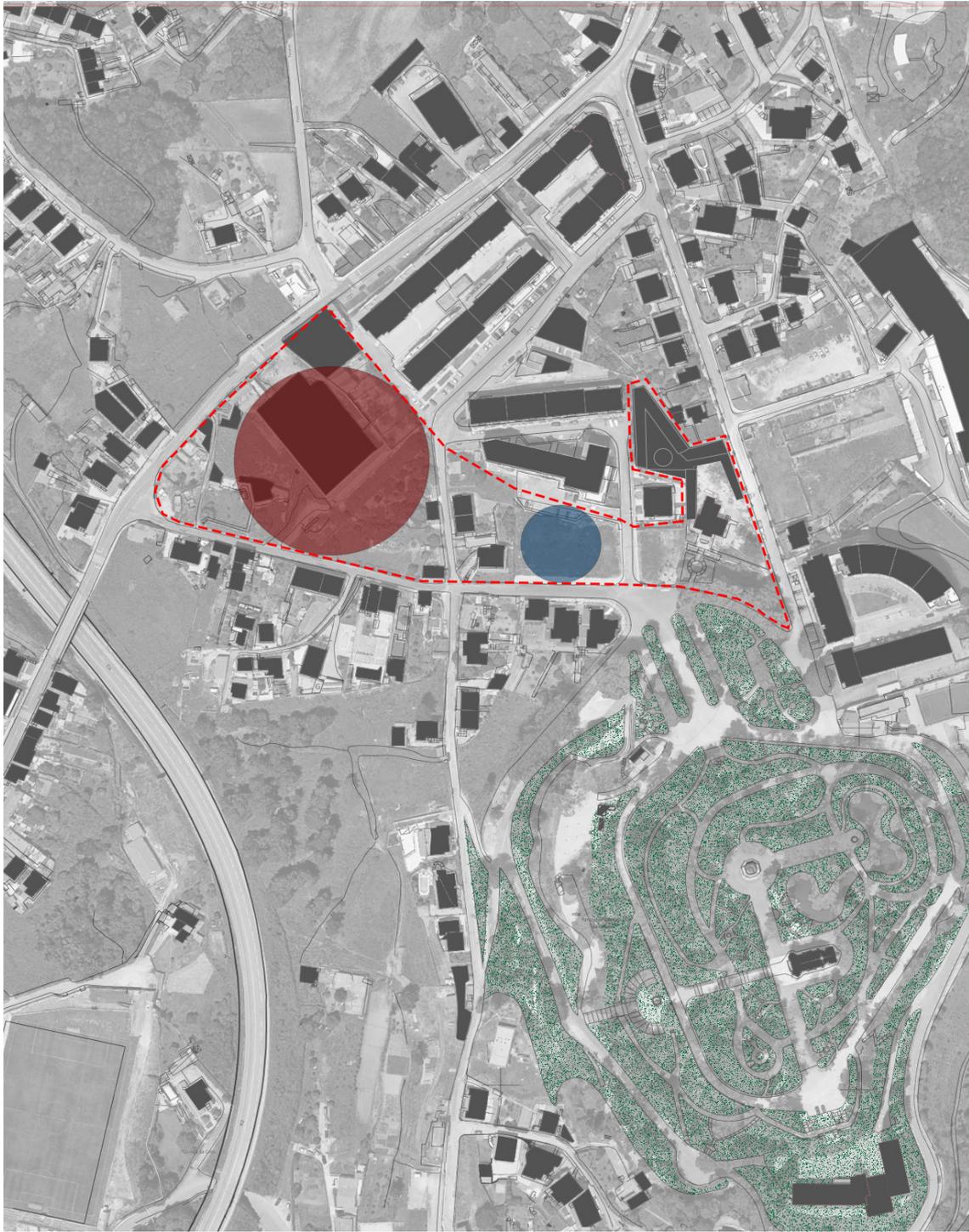
Este tipo de equipamento pode e deve ser criado a partir da reabilitação de edifícios existentes, nomeadamente, nos edifícios do Centro Vidreiro. Por outro lado, esta área é marcada pelo parque da cidade (Parque da La Salette), que apesar de oferecer uma vasta área de recreio possui poucos equipamentos e serviços o que limita a sua utilização o que deve ser tido em conta no momento de atuar perante a área.

Assim sendo, de modo a regenerar a área propomos uma estratégia que assenta no desenvolvimento de Oliveira de Azeméis a partir da criação de um polo empreendedorismo e inovação no Centro Vidreiro. Neste sentido, definiram-se três eixos estratégicos: 1 - reintegrar a área pela criação do Pólo; 2 - reforço das ligações; 3 - valorização e salvaguarda do património local.

A estratégia proposta parte do meu conhecimento do local, e da, leitura atenta das estratégias já propostas para a cidade, incluídas no Plano Diretor Municipal em vigor e procura ir ao encontro quer das necessidades da população quer dos objetivos gerais de desenvolvimento da cidade.

1 - Reintegrar a área pela criação do Pólo

A reintegração da área assenta num conjunto de medidas/ações para a criação de um Polo de Empreendedorismo e Inovação, como a reabilitação do edifício do antigo complexo para albergar uma incubadora de empresas, bem como, a construção de novos edifícios, nomeadamente, para albergar um pavilhão polivalente e equipamentos de apoio. Este conjunto de ações requer a classificação da área, como área de serviços dentro do Plano Diretor Municipal.



Incubadora de Empresas e equipamentos de apoio



Pavilhão Polivalente

— — — Área de Intervenção



O Plano Diretor Municipal em vigor desde 2013 classifica a área como “espaço residencial I”, que dá preferência à habitação. Deve-se, por isso, considerar a sua alteração para “espaço de uso especial - cidade”, onde integra a construção de infraestruturas estruturantes na cidade, nomeadamente equipamentos com caráter público e de serviços, a fim de potenciar a fixação de outros equipamentos e a criar uma maior confluência de população na área. Devido à sua centralidade e aproximação ao parque da cidade, considera-se relevante a sua revisão, tornando-se uma mais valia quer para quem frequenta o espaço tanto esporadicamente, quer para os próprios moradores e população que irá passar a frequentar o espaço com a nova dinamização a que este estará sujeito com o novo pólo.

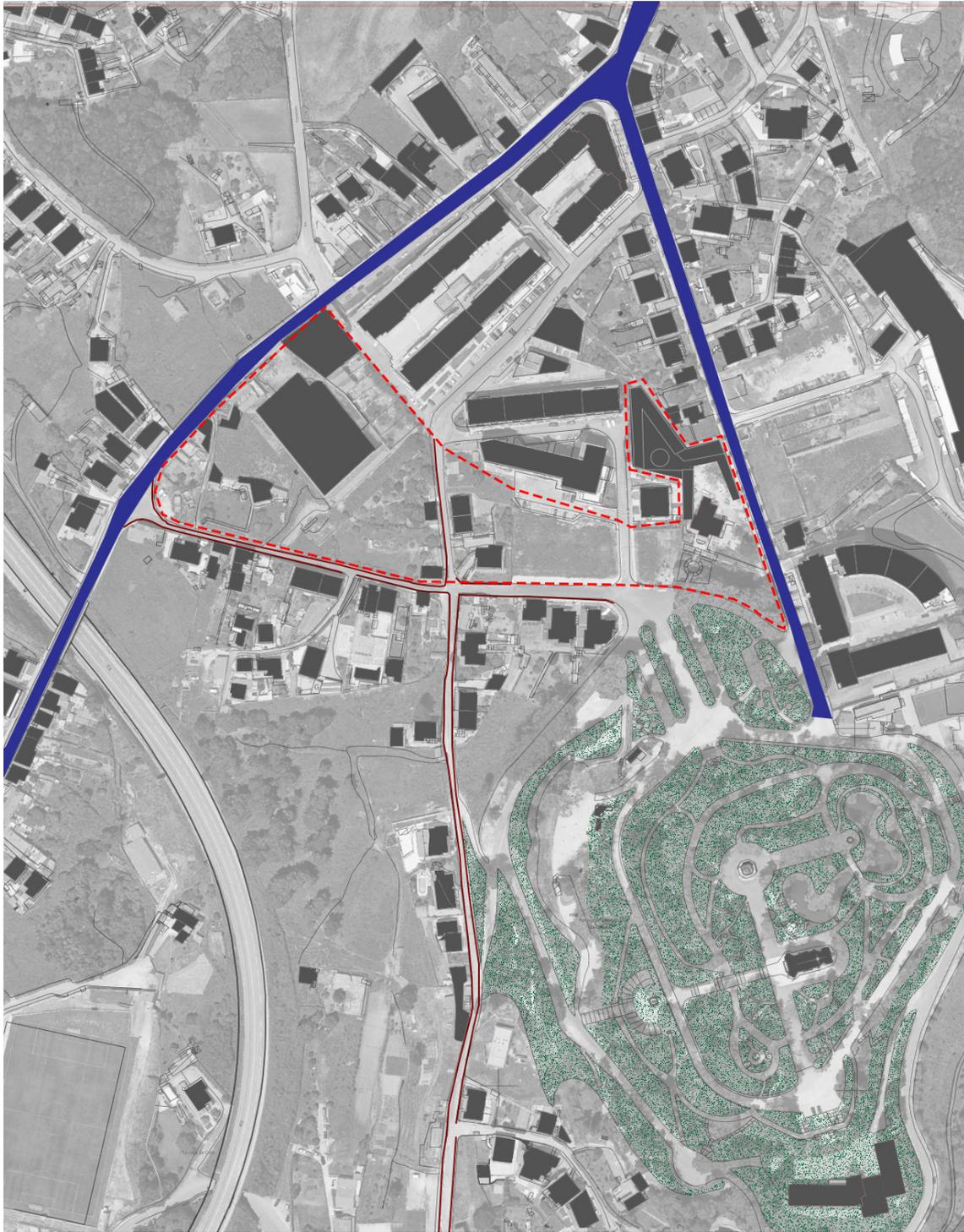
Propõe-se a reabilitação do complexo Centro Vidreiro, para albergar uma incubadora de empresas. Como verificado nos casos analisados, a reconversão de complexos industriais reconvertendo-os em novos usos é uma das formas de preservar a sua memória e identidade, não pondo em risco a sua integridade estrutural. Esses complexos definem-se por um conjunto de edifícios que geraram oportunidades de emprego, desenvolvimento socioeconómico, que elevaram o prestígio da cidade e, que, por isso mesmo, a sua reconversão só fará sentido se for para lhe devolver este caráter pelo qual ele é reconhecido e para o qual se ergueu.

Sendo uma necessidade da cidade, desenvolver o empreendedorismo e a inovação, tornou-se claro e evidente a inserção de uma incubadora de empresas nesta área urbana e em específico no antigo complexo Centro Vidreiro. Esta incubadora surge com o objetivo de dar apoio às indústrias residentes e, também, oferecer uma oportunidade à população que se quer lançar no mundo do trabalho nas mais variadas áreas e que precisa de um espaço para trabalhar.

A facilidade de acesso ao local, uma vez que se encontra numa das artérias principais de ligação ao centro da cidade, e a sua fácil adaptação à pré-existência, tornaram-se fatores determinantes para o sucesso deste programa no antigo Centro Vidreiro. Como vimos no caso da *Oliva Creative Factory* e da *Lx Factory*, este tipo de programa permite salvaguardar a pré-existência e as marcas associadas à memória do edifício. A memória de um local de trabalho que durante anos fomentou o desenvolvimento da cidade é mantido a partir deste programa.

No entanto, o papel da Câmara Municipal é crucial nesta ação, o município deve desempenhar o papel de gestor do espaço, bem como, criar parcerias com a ESAN e o Cenfim, para facilitar a ocupação do espaço.

Para que não se ponha em causa a sustentabilidade do projeto, sugerimos que há semelhança



— Criação de passeios

— Requalificação da via

- - - Área de Intervenção



do caso da *Lx Factory*, o projeto de reabilitação do edificado permita que o espaço seja flexível e facilmente adaptável às necessidades das empresas que se vierem a instalar

O polo prevê ainda a criação de um pavilhão polivalente, situado entre o antigo Centro Vidreiro e o Centro Interpretativo do Vidro, espaço que falta na cidade. Este espaço deverá albergar vários usos permitindo uma área para as empresas exporem os seus produtos, para além de exposições integradas com o parque da La Salette, receber exposições temáticas de autores nacionais ou internacionais ou até servir para as empresas residentes de Oliveira de Azeméis promoverem uma feira por ano relativa à sua indústria, promovendo quer a indústria de Oliveira de Azeméis quer o polo de empreendedorismo e inovação.

O polo prevê também a criação de alguns equipamentos comerciais e de restauração, bem como equipamentos de apoio como a criação de um posto de carregamento de bicicletas elétricas. Com efeito, a nova aposta do município tem sido o investimento na mobilidade da população. Em agosto de 2016, o município lançou uma iniciativa de incentivo à utilização de bicicletas com a compra e disponibilização aos munícipes de um conjunto de 20 bicicletas elétricas. No entanto existe uma oferta muito reduzida de postos de carregamento com apenas três zonas de carregamento na cidade inteira. Assim sendo, e considerando o dinamismo que se espera que venha a ser impulsionado pelo novo Pólo tornou-se relevante a inserção de um desses postos junto ao parque da cidade. Propõe-se ainda a criação de alguns espaços para residências temporárias de apoio à incubação de empresas, para os convidados, especialistas e formadores.

Estas ações/medidas permitirão criar uma maior atratividade para toda a área, e espera-se que tenham um efeito multiplicador levando à criação de novos investimentos, nomeadamente, ao nível do comércio e da restauração, que escasseiam nesta zona da cidade. Servindo quem frequenta o Pólo, mas também toda a população desta área (residentes na área, turistas e população que visita o parque temporariamente).

2 - Reforço das ligações

O sucesso do pólo e a reintegração da área depende também do reforço do sistema viário existente. Neste sentido torna-se essencial requalificar as ligações ao centro da cidade, tornando-as mais cómodas, seguras e eficientes tanto para peões como para automóveis e bicicletas.



— Ciclovía do PDM

••••• Ciclovía proposta

- - - Área de Intervenção



Dentro desta ação distingue-se a intervenção de requalificação do existente e a requalificação com a introdução de passeios e percursos cicláveis. Assim sendo, nas ruas Francisco Abreu e Sousa e Domingos José da Costa propõe-se que haja a requalificação do pavimento de modo a tornar mais cómodo o acesso à área, bem como, à periferia. Nas ruas Dom Manuel Bastos Pina e Vasco Ortigão, que atualmente não têm passeios, pondo em risco a segurança dos peões, torna-se necessário uma intervenção de requalificação introduzindo passeios e melhorando os pavimentos.

Propõe-se também a construção da ciclovia proposta pelo município, mas propondo a sua ampliação. A ciclovia aprovada pelo município termina o seu percurso no parque da La Salette, no entanto, considero importante integrar também a área do novo Pólo e neste sentido propomos o seu prolongamento, bem como, a criação do já referido posto de carregamento.

A ampliação da ciclovia e a requalificação dos acessos pretende incentivar uma mobilidade mais sustentável e ecológicas dentro da cidade, desincentivando o uso recorrente ao automóvel.

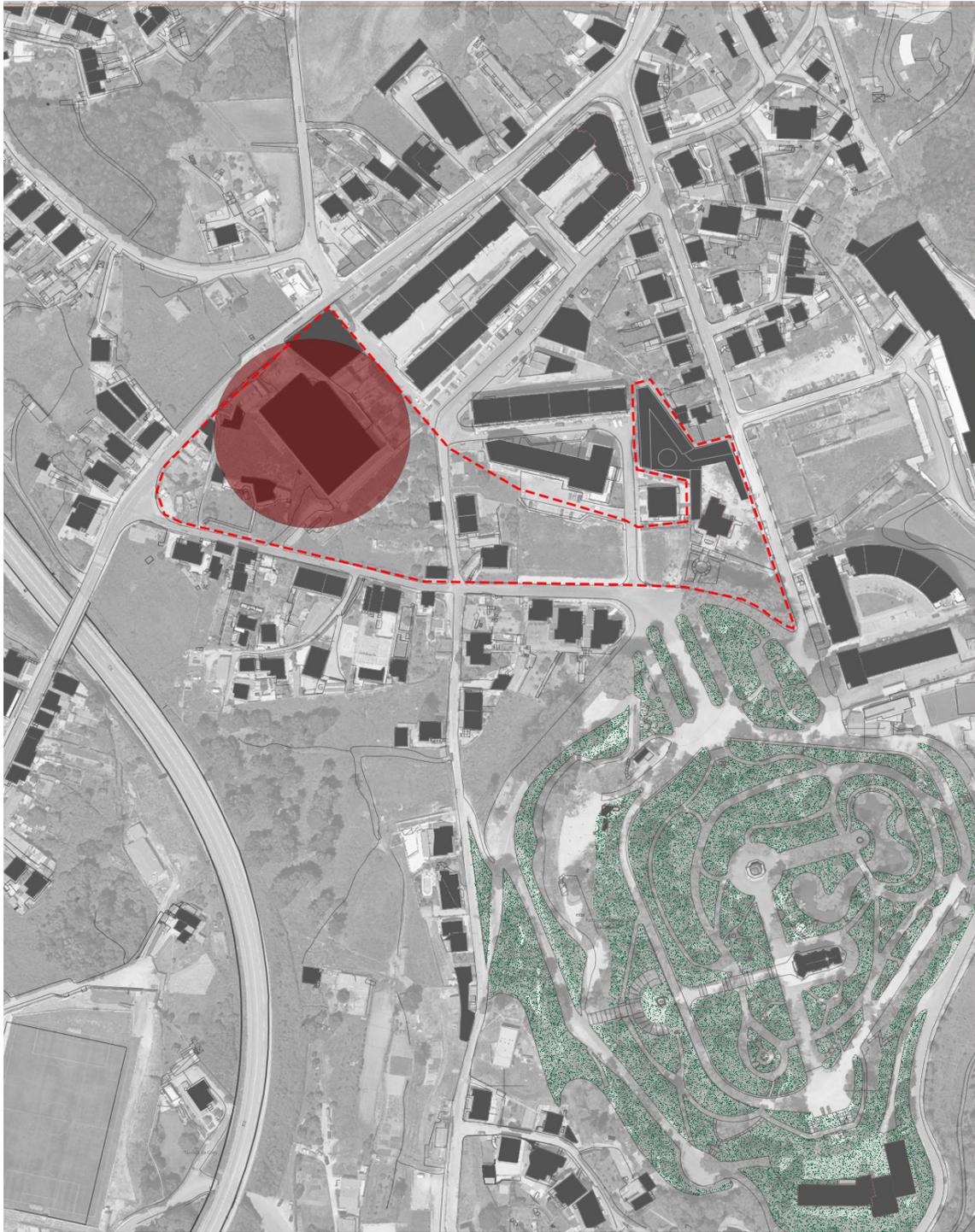
Com este mesmo sentido, torna-se necessário reforçar a rede de transportes públicos, integrando esta área nas rotas existentes de modo a oferecer uma maior diversidade de meios de transportes para a área.

3 - Valorização e salvaguarda do património local

Como fomos analisando ao longo da dissertação o património industrial e local pode constituir um motor de transformação e desenvolvimento das cidades enquanto fator distintivo entre as mesmas. No caso do Centro Vidreiro importa sublinhar e valorizar a relação da cidade com a indústria de produção de vidro que foi responsável pela introdução da indústria na cidade e pela sua afirmação enquanto cidade industrial.

Neste sentido, este eixo assenta num conjunto de três medidas que passam pela reabilitação e refuncionalização dos edifícios existentes do antigo complexo, e pela criação de um núcleo museológico e pela divulgação da evolução da indústria do vidro e indústria em geral.

A reutilização dos edifícios existentes, reabilitados, para albergar a incubadora de empresas permite manter marcas identitárias do lugar, mas fundamentalmente, a criação de um espaço que falta à cidade. Por outro lado, os fornos do antigo Centro Vidreiro, situados na seção do Centro Vulcano, testemunham toda a indústria vidreira preponderante para a cidade e pelo seu estado de conservação devem ser integrados num novo núcleo museológico associado



Núcleo museológico associado ao Centro Interpretativo do vidro.

Área de Intervenção



ao Centro Interpretativo do Vidro. Este novo núcleo que ainda alberga os antigos fornos poderia servir para a recriação da produção do vidro.

Como terceira medida seria fundamental uma ação alargada de divulgação e marketing que promovesse a identidade da cidade associada à indústria do vidro. Neste sentido torna-se essencial a criação de ações de divulgação, como exposições, publicações e eventos que associem a cidade à produção do vidro e ao desenvolvimento industrial. Mas também seria fundamental o envolvimento das escolas do município e distrito para a sensibilização da população para a importância da indústria do vidro na cidade e para a sua evolução, incluindo nos seus programas atividades relacionadas com a história da indústria do vidro como visitas de estudo ao Centro Interpretativo e ao novo núcleo museológico onde os alunos pudessem aprender como se produzia o vidro e a sua importância para o desenvolvimento da cidade.

Concluindo, esta estratégia pretende potenciar o desenvolvimento da cidade a partir da transformação do complexo Centro Vidreiro num Pólo de empreendedorismo e inovação. Teria contudo de ser uma ação integrada com a estratégia de desenvolvimento do município porque só assim pode ter resultados, fomentando a regeneração da área, mas também a coesão urbana. Assim, o antigo complexo do Centro Vidreiro poderia voltar a ser o motor de desenvolvimento da cidade, importante não apenas para a região, mas para o país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão apresentada ao longo desta dissertação procurou demonstrar as potencialidades que um antigo complexo industrial devoluto tem para a reabilitação e regeneração da cidade. Partindo da análise de casos bem sucedidos verificou-se a viabilidade da manutenção deste património. Embora a análise tenha partido de um caso concreto em Oliveira de Azeméis, pretendeu-se generalizar e demonstrar que pode ser extensível a outros casos com o mesmo problema.

O abandono de alguns espaços industriais tem levado a um estado de degradação irreversível e conduz à perda de algumas memórias coletivas. A partir dos casos analisados é possível retirar algumas diretrizes sobre a forma de atuar de modo a que antigos complexos industriais possam ser reutilizados e reintegrados na dinâmica das cidades, preservando a sua memória e identidade.

Em primeiro lugar, para que um processo de regeneração tenha sucesso é necessário o **envolvimento e a iniciativa do município**, de modo a que estes complexos sejam integrados na estratégia de desenvolvimento da cidade. Cabe ao município querer preservar aquilo que o identifica, e, neste sentido, tem de definir diretrizes que garantam a preservação dessa memória, caso contrário, verifica-se a adulteração do existente por parte dos privados que procuram apenas uma maior rentabilidade.

Por outro lado, e embora seja inviável a aquisição e a reabilitação de todos os complexos industriais, é necessário que haja, em cada município, uma **seleção dos espaços mais**

importantes como testemunho da história do desenvolvimento da cidade e se proceda a um acordo com os proprietários para a sua aquisição. São exemplo disso o caso da Universidade da Beira Interior e da *Oliva Creative Factory*.

A integração destes complexos no desenvolvimento da cidade torna-se um ponto fulcral, pois a reconversão destes complexos deve dar resposta às necessidades da cidade. Posto isto, é necessário questionar o que faz falta à cidade? O que é que a cidade necessita?

Estes antigos espaços industriais possuem uma grande **flexibilidade de adaptação**, o que facilita a sua reutilização preservando o edificado. As reconversões que foram analisadas foram sempre criadas tendo em vista uma estratégia de desenvolvimento da cidade. No caso da Covilhã, o município necessitava de repovoar a sua cidade e fixar população mais jovem e deste modo, propõe-se o aproveitamento das estruturas industriais para a inserção de uma universidade. Assim sendo, foi possível preservar as fábricas e em simultâneo responder às necessidades da cidade. O mesmo acontece em São João da Madeira, onde as boas dinâmicas criadas pela *Sanjotec* levam o município a apostar no campo das indústrias criativas e a usar o espaço da antiga Oliva para desenvolver projetos ligados à criatividade.

Poderá ser importante a **criação de entidades - públicas ou privadas** - dentro dos municípios que alertem para a importância da preservação do património, não apenas industrial. Isso pode passar pela integração nos quadros do município de profissionais na área do património e da arqueologia industrial, que estão preparados para tratar este tipo de questões.

Foi notável ao longo dos três exemplos que o **fator tempo** é fundamental para garantir a preservação da memória e identidade nestes espaços, uma vez que quanto mais tarde se proceder à intervenção maior será o estado de degradação do edificado e, por isso, torna-se difícil a sua continuidade devido à viabilidade do investimento. Por outro lado a demora na intervenção pode inviabilizar a preservação do espólio interior (maquinarias e todo o material ligado à produção) que pode facilmente desaparecer o que se torna num entrave para a manutenção da memória. Ainda porque a memória se perde com o tempo de abandono e degradação.

Relativamente à **proposta programática**, detetou-se que, de um modo geral, a flexibilidade dos antigos espaços industriais pode ser uma mais valia para o sucesso destas reconversões. Por outro lado se a intervenção também gerar espaços flexíveis e facilmente adaptáveis

fomenta a diversidade de usos e facilita a apropriação dos espaços, para além de criar uma maior dinâmica do espaço. O caso de estudo da *Lx Factory* revela como a diversidade de usos, desde a restauração, a incubadora de empresas e espaços comerciais, permite que haja maior dinâmica, que se torne um espaço ativo, tanto durante o dia como também à noite. E como já referido, é essencial que as opções programáticas vão de encontro às necessidades da população.

Por outro lado, ao atribuir um novo uso às antigas fábricas torna-se pertinente a criação de **núcleos museológicos**, deste modo, é possível preservar a memória da antiga fábrica e a sua história. Embora esta medida não deva ser extensiva a todas as fábricas deve ser prevista nos casos em que as unidades industriais contribuíram para a evolução das cidades. Essa preservação deve ser *in situ* sempre que possível adaptando-se ao novo uso onde é importante conservar algumas máquinas que devido ao seu porte ou à sua construção não podem ser transferidas como foi o caso das tinturarias na Universidade da Beira Interior. É também importante preservar algumas marcas visuais da antiga fábrica para que seja mantida a identidade daquele espaço. Estes núcleos museológicos devem também potenciar a criação de espaços de pesquisa e investigação que permitam aprofundar a história da indústria e das técnicas, para além de divulgá-la.

Sem esquecer que todas estas medidas devem incluir a **população como participante ativo** das mudanças da urbe e respetivo crescimento. É imprescindível, a proximidade com a população para definir estratégias que vão ao encontro da população, pois a cidade é construída para e pelos cidadãos. Por outro lado, a reutilização só funciona se for ao encontro das necessidades da população, por isso mesmo estes espaços não podem ser reutilizados apenas como espaços museológicos. Os núcleos museológicos a criar não devem servir apenas o turismo mas, fundamentalmente, funcionar como componente pedagógica de quem habita a cidade de modo a preservar a identidade e memória do que foi o percurso da indústria e o desenvolvimento da sua cidade.

Enumeradas algumas das medidas que são consideradas como fundamentais na intervenção destes complexos é de destacar o papel do arquiteto nestas intervenções. Este torna-se fundamental quer ao nível do planeamento e da construção da estratégia para o desenvolvimento da cidade quer como projetista responsável pelo desenvolvimento do projeto.

Apesar de, ao longo da dissertação, já se ter vindo a responder à questão de investigação

interessa agora, resumidamente, demonstrar como pode a reabilitação de um complexo industrial devoluto potenciar o desenvolvimento de uma cidade, preservando a sua memória e identidade. Para tal, é necessário que estes edifícios sejam integrados na estratégia de desenvolvimento da cidade, onde lhes seja atribuído um novo uso que vá ao encontro das necessidades da população, tornando a reconversão viável e sustentável. Por outro lado, essa reconversão deve respeitar o espaço edificado, preservando-o e conservando traços identitários da antiga indústria, articulando-se com componentes museológicas, no caso de ter sido um edifício estruturante na cidade.

Concluindo, a reconversão do património industrial pode ser a peça chave da regeneração do tecido urbano, apresentando-se como uma mais valia para a população, assim como, para o desenvolvimento da cidade. Para além de se preservar um espaço que evoca o passado e retrata a evolução da cidade e a sua singularidade estas intervenções são a oportunidade de projetar o futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

- AFONSO, J. (2005). Abertura. Uma Ideia para a Cidade da Covilhã. In *Uma Ideia para a Cidade da Covilhã. Nuno Teotónio Pereira. Candidatura ao Prémio Sir Robert Matthew. Prize Nominee. ULA 2005* (pp.9-11). Lisboa: Ordem dos Arquitectos/Conselho Diretivo Nacional, Caleidoscópio.
- ALMEIDA, M. (2011). Oliva, fábrica de criatividade. In P. Marcelo (Ed.), *Memórias de uma marca Portuguesa : Oliva* (p.7). São João da Madeira: Câmara Municipal.
- BARATA, P. (2011). *Universidade da Beira Interior: Covilhã, Portugal*. Covilhã: Serviços Gráficos e de Publicações.
- BEIRA, E. (2007). *Indústria de moldes no Norte de Portugal - Protagonistas uma coleção de testemunhos*. Oliveira de Azeméis: Centro Tecnológico da Indústria de Moldes, Ferramentas Especiais e Plásticos.
- CABRAL, B. (2005a). Pólo 1. In M. Silva, N. Pereira, M. Matos & B. Costa (Eds.), *A Universidade e a Cidade* (pp.31-60) Covilhã: Serviços Gráficos da UBI.
- CABRAL, B. (2005b). Fase I. In M. Silva, N. Pereira, M. Matos & B. Costa (Eds.), *A Universidade e a Cidade* (pp.61-76). Covilhã: Serviços Gráficos da UBI.
- CABRAL, B. (2005c). Fase II. In M. Silva, N. Pereira, M. Matos & B. Costa (Eds.), *A Universidade e a Cidade* (pp.77-104). Covilhã: Serviços Gráficos da UBI.

- CABRAL, B. (2005d). Fase III. In M. Silva, N. Pereira, M. Matos & B. Costa (Eds.), *A Universidade e a Cidade* (pp.105-124). Covilhã: Serviços Gráficos da UBI.
- CABRAL, B. (2005e). Fase IV. In M. Silva, N. Pereira, M. Matos & B. Costa (Eds.), *A Universidade e a Cidade* (pp.125-144). Covilhã: Serviços Gráficos da UBI.
- CABRAL, B. (2005f). Fase V. In M. Silva, N. Pereira, M. Matos & B. Costa (Eds.), *A Universidade e a Cidade* (pp.145-166). Covilhã: Serviços Gráficos da UBI.
- CABRAL, B. (2005g). Centro de Informática. In M. Silva, N. Pereira, M. Matos & B. Costa (Eds.), *A Universidade e a Cidade* (pp.167-180). Covilhã: Serviços Gráficos da UBI.
- CHOAY, F. (2010). *Alegoria do Património*. (Tradução de Teresa Castro). Lisboa: Edições 70.
- COSTA, M. (1994). O Centro Vidreiro do Norte de Portugal. Origem do vidro e seu historial. In M. Antonino Fernandes (coord.), *Ul-Vária (Arquivo de Estudos Regionais)* (pp.95-132). (tomo I). Oliveira de Azeméis: Museu Regional/Associação de Defesa e Conhecimento do Património Cultural Oliveirense.
- COSTA, P. (1955). *Subsídios para a História da Indústria Vidreira no Concelho de Oliveira de Azeméis – (Casa e Fábrica do Covo, e continuadoras desta no Concelho de Oliveira de Azeméis)*. Aveiro: Arquivo do Distrito de Aveiro.
- COUCH, C., FRASER, C. & PERCY, S. (2003). *Urban Regeneration in Europe*. Berlim: Blackwell Publishing.
- DIAS, L. (1954). *A Relação das Fábricas de 1788*. (vol. 3). Coimbra: Separata de Boletim de Ciências Económicas da Faculdade de Direito de Coimbra.
- DIAS, L. (1958 – 1965). *História dos Lanifícios (1750-1834): documentos*. (vol. 3). Lisboa: Separata de Lanifícios.
- DIAS, L. (1962). Memória sobre a Covilhã, feita em 1734 pelo Padre Manuel Cabral de Pina, Prior da Igreja de S. Silvestre, da vila da Covilhã. In J. Chaves (Ed.), *Lanifícios, boletim mensal* (pp. 25-54). Lisboa: Federação Nacional dos Industriais de Lanifícios (FNIL).
- FIGUEIREDO, R. (2013). Prefácio. In V. Costa (Dir.), *Oliva Rewind Fine Arts: Núcleo de Arte da Oliva Creative Factory* (pp.5-7). São João da Madeira: Câmara Municipal.

- FIGUEIRA, J. & MILHEIRO, A. (2005). O final da fábrica, o início da ruína. In C. Garcia Brana, S. Landrove & A. Tostões (Eds.), *A Arquitectura da Indústria, 1925-1965* (pp.91-93). Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico.
- FOLGADO, D. (2005a). Fábrica Oliva. In C. Garcia Brana, S. Landrove & A. Tostões (Eds.), *A Arquitectura da Indústria, 1925-1965* (pp.251-252). Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico.
- FOLGADO, D. (2005b). O lugar da indústria no território. In C. Garcia Brana, S. Landrove & A. Tostões (Eds.), *A Arquitectura da Indústria, 1925-1965* (pp.80-90). Barcelona: Fundação DOCOMOMO Ibérico.
- GOITIA, F. (1996). *Breve história do urbanismo*. Lisboa: Presença.
- GUERRA, A. (1997). *A Indústria Vidreira no Concelho de Oliveira de Azeméis. Subsídios para a sua História*. Marinha Grande: Museu Barosa da Fabricação do Vidro.
- LEAL, A. (1874). *Portugal Antigo e Moderno: dicionario geographico, estatistico, chorographico, heraldico, archeologico, historico, biographico e etymologico de todas as cidades, villas e freguezias de Portugal e de grande numero de aldeias*. (vol. 2). Lisboa: Tipographia Editora de Mattos Moreira & C.^a.
- LOUREIRO, H. (2017). *Oliveira de Azeméis, Portugal*. Oliveira de Azeméis: Câmara Municipal.
- MAGALHÃES, A. (2008). *Toponímia da cidade de Oliveira de Azeméis*. Oliveira de Azeméis: Centro de Impressão Coraze.
- MATOS, A. (1997). Património industrial da zona ribeirinha - o caso de Alcântara. In A. Caessa & M. Viegas (Eds.), *II Colóquio Temático Lisboa Ribeirinha* (pp.339-352). Lisboa: Grafeuropa - Departamento Gráfico, Lda.
- MATOS, M. (2005). Da Fábrica que não falece à cidade da Covilhã. In M. Silva, N. Pereira, M. Matos & B. Costa (Eds.), *A Universidade e a Cidade* (pp.13-30). Covilhã: Serviços Gráficos da UBI.
- MENDES, J. (2003). Intervir no Património Industrial: das Experiências Realizadas às Novas Perspectivas de Valorização. In M. Sampaio (Ed.), *Actas do Colóquio de Museologia Industrial - Reversão e Musealização de Espaços Industriais* (pp.23-36). Porto: Associação para o Museu Ciência e Indústria.

- MEROLA, V. (2003). Reflexiones sobre la rehabilitación y musealización de los espacios industriales. In M. Sampaio (Ed.), *Actas do Colóquio de Museologia Industrial - Reconversão e Musealização de Espaços Industriais* (pp.35-42). Porto: Associação para o Museu Ciência e Indústria.
- MOITA, I. (1994). *O livro de Lisboa*. Lisboa : Livros Horizonte
- PEREIRA, N. (2005). *Uma ideia para a Cidade da Covilhã. Nuno Teotónio Pereira. Candidatura ao Prémio Sir Robert Matthew. Prizze nominee. ULA 2005*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos/ Conselho Diretivo Nacional, Caleidoscópio.
- PINHEIRO, E. (1998). Os fios do passado a tecer o futuro - um lema para o Museu de Lanifícios. Da Covilhã à Europa pelas rotas da lã e redes de informação têxtil. In E. Pinheiro (coord.), *A indústria têxtil europeia: os fios do passado a tecer o futuro. Uma abordagem pluridisciplinar: actas das III Jornadas de Arqueologia Industrial* (pp.99-150). Covilhã: Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior.
- QUEIRÓS, M. (2004). Da teoria à prática na intervenção em brownfield: a regeneração da CUF/Quimigal no Barreiro. In Associação Portuguesa de Geógrafos (Ed.), *Actas do V Congresso da Geografia Portuguesa* (pp.1-25). Guimarães: Universidade do Minho.
- RIBEIRO, I., CUSTÓDIO, J., & SANTOS, L. (1981). *Arqueologia Industrial do Bairro de Alcântara – Estudo e Materiais*. Lisboa: Edição Companhia Carris de Ferro de Lisboa.
- ROSSA, W. (2015). *Fomos condenados à cidade. Uma década de estudos sobre património urbanístico*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- SANTOS, S. (2002). *Município de Oliveira de Azeméis – Azeméis é Vida*. Oliveira de Azeméis: Editora Reviver.
- SERÉN, M. (1998). *Arqueologia Industrial*. São João da Madeira: Associação Alão de Morais.
- SILVA, M. (2005). Introdução. In M. Silva, N. Pereira, M. Matos & B. Costa (Eds.), *A Universidade e a Cidade* (pp.7-10). Covilhã: Serviços Gráficos da UBI.
- SILVEIRA, J. (1863). *As Fabricas da Covilhã*. Lisboa: Typographia Franco – Portuguesa.
- SALGUEIRO, T. (1992). *A Cidade em Portugal. Uma geografia urbana*. Porto: Edições Afrontamento.

- UM GRUPO DE OLIVEIRENSES (1909). *Annaes do Município de Oliveira de Azeméis*. (1^o ed.). Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão.
- TICCIH (The International Committee for the Conservation of the Industrial Heritage). (2003). *Carta de Nizhny Tagil sobre o património industrial*.
- RODRIGUES, R. & MARTINS, A. (coord.) (2003). *Documentos Municipais* [DVD]. Oliveira de Azeméis: Câmara Municipal.

Dissertações

- ALARCÃO, P. (2009). *Construir na ruína. A propósito da cidade romanizada de Conímbriga*. Dissertação de Doutoramento em Arquitetura. Universidade do Porto.
- CARVALHO, G. (2009). *A Reciclagem dos Usos Industriais e as Novas Tipologias de Actividades e Espaços de Cultura – Caso e estudo: LX Factory*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Universidade Técnica de Lisboa.
- FREITAS, M. (2014). *Memória da Modernidade Industrial - Três intervenções no Património do Movimento Moderno Português*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Universidade do Porto.
- LAIA, S. (2014). *Operações de revitalização urbana no tecido pós-industrial da Covilhã: o caso da ribeira da Carpinteira*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa.
- PAULINO, D. (2015). *Adaptação de património industrial a espaços expositivos informais – O caso da Lx Factory*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Universidade Técnica de Lisboa.
- PINHO, M. (1999). *A Oliva: ascensão de uma grande empresa de S. João da Madeira (1925-1954)*. Dissertação de Mestrado em História e Económica e Social Contemporânea. Universidade de Coimbra.
- OLIVEIRA, A. (2014). *Museu de Lanifícios da Universidade da Beira Interior: Propostas de Intervenção Museológica*. Relatório de Estágio em Gestão e Programação do Património Cultural. Universidade de Coimbra.

- SANTOS, A. (1996). *Para o Estudo da Arquitectura Industrial na Região de Lisboa (1846-1918)*. Dissertação de Mestrado em História da Arte Contemporânea. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- SANTO, T. (2010). *Covilhã – Paisagem Industrial*. Dissertação de Mestrado em Arquitectura. Universidade de Coimbra.
- SILVA, M. (2012). *Património Industrial em Portugal: inclusão do passado em projectos contemporâneos*. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura. Universidade Lusíada de Lisboa

Revistas e Jornais

- CUSTÓDIO, J. (2014). Património Industrial: conceitos de hoje, valores de futuro. *Revista do Património*, nº2, pp.82-92.
- FOLGADO, D. (2009). Covilhã, a cidade que também foi fábrica. *Monumentos*, nº29, pp.88-97.
- FOLGADO, D. (2013). Lx Factory: Uma Atmosfera Liquida em Alcântara. *Revista do Património*, nº1, pp.148-153.
- GUIMARÃES, L. (2012). Oliva começa a criar(-se). *Labor*, (981), pp.2-3.
- PINHEIRO, E. (2009). A Universidade da Beira Interior e o seu papel na reabilitação e reutilização do património industrial da Covilhã. *Monumentos*, nº29, pp.98-109.
- PINHEIRO, E. & SILVA, M. (2012). A Covilhã: uma paisagem cultural evolutiva. Algumas notas sobre a (re)construção das memórias industriais da cidade. *Ubimuseum*, nº1, pp.53-74.
- MARTINS, A. (1956). Fundação Oliveira Júnior. *A Grei Sanjoanense*, (117), p.6.
- MILHEIRO, A. (2009). Por uma cidade amável. Espaços Públicos e Programa Polis na Covilhã. *Monumentos*, nº 29, pp.54-61.
- ROMANO, J. (2009). Lx Factory. *Arquitectura* 21, nº3, pp.30-33.

Endereços na internet

- ALFAIA, C. (2009). Ilha Criativa Empresarial. Marketeer. Disponível em: http://lxfactory.com/ficheiros/noticias/Maio_2009.pdf
- BARRANHA, H. (2009). Arquitectura de Museus e Iconografia Urbana: concretizar um programa/construir uma imagem. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/14636105/Arquitectura-de-museus-e-iconografia-urbana-concretizar-um-programa-construir-uma-imagem#scribd>
- CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS, (1995). *Plano Diretor Municipal 1995*. Disponível em: http://portalgeografico.cm-oaz.pt/FICHEIROS_E_CARTAS/pdm/PDM_RELAT%C3%93RIO.pdf
- CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS, (2009). *Berço vidreiro perpétua indústria secular*. Disponível em: https://www.cm-oaz.pt/noticias.6/concelho.14/berco_vidreiro_perpetua_industria_secular_.a149.html
- CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS, (2010). *Oliveira de Azeméis - forte vocação exportadora*. Disponível em: https://www.cm-oaz.pt/desenvolvimento_economico.881/oaz_em_numeros.888/vocacao_exportadora.893/oliveira_de_azemeis_-_forte_vocacao_exportadora.a1869.html
- CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS, (2011). *Vidro vai ter centro interpretativo em Oliveira de Azeméis*. Disponível em: https://www.cm-oaz.pt/noticias.6/concelho.14/vidro_vai_ter_centro_de_interpretacao_em_oliveira_de_azemeis.a1835.html
- CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS, (2013). *Plano Diretor Municipal 2013*. Disponível em: https://www.cm-oaz.pt/urbanismo.359/planos_municipais_de_ordenamento_do_territorio.532/plano_director_municipal_-_pdm.534/novo_pdm.a899.html
- CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS, (2016). *Centro Interpretação do Vidro Parque da La Salette*. Disponível em: <http://www.voltaaocnhhecimento.pt/single-post/2016/07/25/Centro-de-Interpreta%C3%A7%C3%A3o-do-Vidro-no-Parque-de-La-Salette>

- CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS, (2017). *Presidente da República considera os empresários oliveirenses “dos melhores do mundo”*. Disponível em: <https://www.cm-oaz.pt/noticias.6/concelho.14/.a5369.html>
- CÂMARA MUNICIPAL DE OLIVEIRA DE AZEMÉIS, (s.d). *Berço Vidreiro*. Disponível em: https://www.cm-oaz.pt/oliveira_de_azemeis.1/berco_vidreiro.1579/berco_vidreiro.a318.html
- CÂMARA MUNICIPAL DA COVILHÃ, (s.d). *mobilidade*. Disponível em: <http://www.cm-covilha.pt/?cix=839&tab=792&curr=816&lang=1>
- CENFIM, (s.d). *A nossa Competência ao serviço da sua Competitividade*. Disponível em: http://www.cenfim.pt/default_v2_04.asp
- CORBOZ, (s.d). *el territorio como palimpsesto*. Disponível em: https://bibliodarq.files.wordpress.com/2014/08/5_corboz-a-y-maroy-s-le-territoire-comme-palimpseste.pdf
- CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO JOÃO DA MADEIRA, (s.d). *Trabalho e Qualidade de Vida*. Disponível em: <http://www.cm-sjm.pt/1876>
- Decreto-lei nº307/2009, de 23 de Outubro de 2009. Regime Jurídico da reabilitação urbana*. Diário da República. Lisboa: Ministério Público. Disponível em: https://dre.pt/web/guest/legislacao-consolidada/-/lc/73297284/201704301019/exportPdf/normal/1/cacheLevelPage?_LegislacaoConsolidada_WAR_drefrontofficeportlet_rp=indice
- Dossier da atualidade*, (s.d). Disponível em: <https://aeuropanasnossasmaos.wordpress.com/category/dossier-actualidade/>
- DUARTE, I. (1988). *Relações Socio-Económicas numa Região Industrial em Transformação - O Caso da Covilhã*. Disponível em: <http://sociologiapp.iscte-iul.pt/pdfs/35/389.pdf>
- FAMILIAR, D. (2017a). ERT investirá 12 milhões na Oliva. *Labor*. Disponível em: <http://www.labor.pt/destaques/20170202-ERT-investira-12-milhoes-na-Oliva>
- FAMILIAR, D. (2017b). Grupo Tecmacal investe 1,5 milhões na zona da Oliva. *Labor*. Disponível em: <http://www.labor.pt/destaques/20170309-Grupo-Tecmacal-investe-15-milhoes-na-zona-da-Oliva>
- FOLGADO, D. (2010). *Kits - Património - KIT03*. Disponível em: http://www.monumentos.gov.pt/SITE/DATA_SYS/STUDYandDOCUMENTS/NORMAL/KIT03.pdf

- Lx Factory. Disponível em: <http://www.lxfactory.com/ficheiros/noticias/f5f8a23e44b8f3c8429ff173ded94bf1.pdf>
- MARQUES, J. & LEITE, C. (2007). *Projetos Urbanos em Antigas Áreas Industriais Degradadas: um novo conceito de urbanismo na experiência 22@bcn de Barcelona*. Disponível em: http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FAU/Publicacoes/PDF_IIIForum_a/MACK_III_FORUM_CARLOS_LEITE.pdf
- MENDES, J. (1990). *A Arqueologia Industrial: Uma nova Vertente de Conservação do Património Cultural*. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/bitstream/10316/12792/1/Jos%C3%A9%20M.Amado%20Mendes26.pdf>
- Oliva. *O Império do Ferro*, (s.d). Disponível em: http://olivacreativefactory.com/wp/?page_id=91
- OLIVEIRA, C. (2007). *Edifícios da Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonenses, Património Cultural*. Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-dopatrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71938>
- OLIVEIRA, S. (2002). Fecho do Centro Vidreiro de Oliveira de Azeméis deixa situação grave. *Público*. Disponível em: <http://www.publico.pt/local-porto/jornal//fecho-do-centro-vidreiro-de-oliveira-de-azemeis-deixa-situacao-social-grave-171024>
- OLIVEIRA, S. (2012). *Sanjotec* deu 3,5 milhões de euros de lucro ao Estado em três anos. *Público*. Disponível em: <http://www.publico.pt/economia/jornal//sanjotec-deu-35-milhoes-de-euros-de-lucro-ao-estado-em-tres-anos-25607601>
- PRATA, G. (2011). *Monografia sobre intervenções urbanas na região das Docklands, em Londres*. Disponível em: https://issuu.com/gabrielprata/docs/londres_-_docklands
- Programa. (s.d). Disponível em: <http://www.lasalette.pt/?op=artigo&mn=480&id=1390>
- SOLÁ-MORALES, I. (1995). *Terrain Vague*. Disponível em: <http://m.friendfeed-media.com/7aae8ce2d0380cf3f7f6de8b7d5b2eab44b5c3a8>
- QUEIRÓS, M. & VALE, M. (s.d). *Ambiente Urbano e Intervenção Pública: O Programa Polis*. Disponível em: http://apgeo.pt/files/docs/CD_X_Coloquio_Iberico_Geografia/pdfs/047.pdf

SALAZAR, T. & LOUREIRO, P. (2009). *A Ilha Criativa*. Disponível em: <https://www.lxfactory.com/ficheiros/noticias/DN31Jan.pdf>

TADEIA, (s.d) P. *Ilha de Criatividade*. Disponível em: <http://www.lxfactory.com/ficheiros/noticias/lxfagitalcantara.pdf>

UBI: *Relatório de Atividades e Contas Consolidadas* (2016). Disponível em: https://www.ubi.pt/Ficheiros/Entidades/90919/Relat%C3%B3rio%20de%20Atividades%202016_VF.pdf

CRÉDITOS DAS IMAGENS

1. Retirado de: http://industria_12d.blogs.sapo.pt/2008/01/.
2. Cedida pela Oliva Cretive Factory
3. Retirado de: <http://www.jornaleconomico.sapo.pt/noticias/empresas-dinamarquesas-interessadas-em-investir-no-barreiro-169041>
4. Retirado de: <http://www.cm-barreiro.pt/pages/755>
5. Retirado de: <http://www.ccdrn.pt/regiao-norte/apresentacao>
6. Retirado de: <http://1.bp.blogspot.com/-CIm96J8DxME/T0KEPrTfOdi/AAAAAAAAASg/yR1r05HkGRk/s1600/oaz+vista+area+2+001.jpg>
7. Retirado de: googlemaps
8. Retirado de: googlemaps
9. Retirado de: https://www.cm-oaz.pt/desenvolvimento_economico.881/oaz_em_numeros.888/vocacao_exportadora.893/oliveira_de_azemeis_-_forte_vocacao_exportadora.a1869.html
10. Retirado de: googlemaps
11. Retirado de: <http://azemeis-no-passado.blogspot.pt/2011/08/centro-vidreiro-do-norte-de-portugal.html>
12. Retirado de: <http://azemeis-no-passado.blogspot.pt/>
13. Retirado de: <http://azemeis-no-passado.blogspot.pt/>
14. Retirado de: <http://azemeis-no-passado.blogspot.pt/>
15. Retirado de: <http://azemeis-no-passado.blogspot.pt/>
16. Desenho do autor
17. Desenho do autor
18. Retirado de: http://2.bp.blogspot.com/-ZlvgGjFeHuI/UCpk7KESDnI/AAAAAAAAAcQ/BYgYFw6Rzug/s1600/395691_2625966133210_969379157_n.jpg

19. Retirado de: <http://azemeis-no-passado.blogspot.pt/2012/08/>
20. Retirado de: <http://azemeis-no-passado.blogspot.pt/2010/12/passeios-do-centro-vidreiro.html>
21. Desenho do autor
22. Retirado de: http://www3.dsi.uminho.pt/ebeira/setembro_05/docs/livro_final/18julioramiro.pdf
23. Desenho do autor
24. Fotografia do autor
25. Fotografia do autor
26. Fotografia do autor
27. Fotografia do autor
28. Fotografia do autor
29. Fotografia do autor
30. Fotografia do autor
31. Fotografia do autor
32. Fotografia do autor
33. Fotografia do autor
34. Fotografia do autor
35. Fotografia do autor
36. Retirado de: <http://tradicoesoaz.weebly.com/artesanato.html>
37. Fotografia do autor
38. Fotografia do autor
39. Desenho do autor
40. Desenho do autor
41. Fotografia do autor
42. Fotografia do autor
43. Desenho do autor
44. Fotografia do autor
45. Cedida pela Oliva Creative Factory
46. Cedida pela Oliva Creative Factory
47. Cedida pela Oliva Creative Factory
48. Desenho do autor
49. Cedida pela Oliva Creative Factory

50. Cedida pela Oliva Creative Factory
51. Cedida pela Oliva Creative Factory
52. Cedida pela Oliva Creative Factory
53. Retirado de: <http://www.lugaresesquecidos.com/forum/viewtopic.php?t=740>
54. Cedida pela Oliva Creative Factory
55. Cedida pela Oliva Creative Factory
56. Fotografia do autor
57. Fotografia do autor
58. Fotografia do autor
59. Desenho do autor
60. Retirado de: <http://cdn.olhares.pt/client/files/foto/big/746/7465149.jpg>
61. Retirado de: <http://cdn.olhares.pt/client/files/foto/big/720/7204689.jpg>
62. Retirado de: <http://memoriasdacovilha.blogs.sapo.pt/a-covilha-industrial-2650>
63. Retirado de: https://c1.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/of409e29f/18981615_ROWWE.jpeg
64. Retirado de: <http://memoriasdacovilha.blogs.sapo.pt/a-covilha-industrial-2650>
65. Retirado de: https://c1.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/o46040369/18982699_o4e0b.jpeg
66. Retirado de: https://c1.quickcachr.fotos.sapo.pt/i/o9c048d4d/18982730_0V5GU.jpeg
67. Desenho do autor
68. Fotografia do autor
69. Retirado de: <https://guiastecnicos.turismodeportugal.pt/pt/museus-monumentos/ver/Museu-de-Lanificios>
70. Retirado de: <https://beira.pt/diretorio/biblioteca-municipal-de-covilha/>
71. Retirado de: <http://portugalcoutroslugares.blogspot.pt/2015/06/rotunda-rossio-do-rato-covilha.html>
72. Retirado de: <https://desacordoonline.wordpress.com/2014/12/23/conhecer-portugal-covilha/>
73. Retirado de: <http://traposcacosevelharias.blogspot.pt/2014/04/prato-lavoura-1886-1894-real-fabrica-de.html>
74. Retirado de: http://covilhasubsidiosparasuahistoria.blogspot.pt/2014/06/covilha-contributos-para-sua-historia_22.html
75. Fotografia do autor
76. Fotografia do autor
77. Desenho do autor
78. Retirado de: <http://lisboadeantigamente.blogspot.pt/search?updated-max=2016-03-23T17:00:00Z&max-results=8>

79. Retirado de: http://4.bp.blogspot.com/_vMZxJeLUjQ/S8B-EvrzRfI/AAAAAAAAADco/PHEK1uC1J9U/s1600/1-imagensXabregas38300.jpg
80. Retirado de: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71938/>
81. Retirado de: http://3.bp.blogspot.com/_I-YQ8vzciik/S_mp74P8nFI/AAAAAAAAACkg/s1jYD-jKbCs/s1600/alcantara+antiga+033.jpg
82. Desenho do autor
83. Fotografia do autor
84. Fotografia do autor
85. Fotografia do autor
86. Retirado de: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/71938/>
87. Fotografia do autor
88. Fotografia do autor
89. Fotografia do autor
90. Retirado em: Google maps
91. Retirado de: <http://observador.pt/2016/01/04/neste-vale-ha-cerveja-artesanal-um-hotel-100-sustentavel/>
92. Retirado de: <http://www.aecoa.pt/>
93. Fotografia do autor
94. Retirado de: googlemaps
95. Desenho do autor
96. Desenho do autor
97. Desenho do autor
98. Desenho do autor
99. Desenho do autor